



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

**Contos de Miguel de Unamuno. Tradução e  
Análise.**

**João Filipe Mourato Perdigão Correia**

Orientação: Professor Doutor Antonio Sáez Delgado

**Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução**

Área de especialização: *Ramo Profissionalizante*

Trabalho de Projeto

Évora, 2016





**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

**Contos de Miguel de Unamuno. Tradução e  
Análise**

**João Filipe Mourato Perdigão Correia**

Orientação: Professor Doutor Antonio Sáez Delgado

**Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução**

Área de especialização: *Ramo Profissionalizante*

Trabalho de Projeto

Évora, 2016

---

## AGRADECIMENTOS

À minha tia Teresa tudo o que investi em mim durante estes cinco anos, desde a Licenciatura ao Mestrado. Graças a ela tive a oportunidade única de aprender e de me tornar um homem diferente.

À minha mulher, Sónia Oliveira, pelo companheirismo e amor sempre presentes entre nós, por me incentivar nos momentos em que vacilei e com o seu exemplo me encorajar a dar este importante passo na vida.

Ao Professor Doutor Antonio Sáez Delgado, pelo apoio incondicional, pelo saber, pela orientação e pedagogia usados no cumprimento do seu dever como professor.



---

**DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à Teresa, à Sónia e à Maria.

---

## RESUMO

Com o presente trabalho de projeto queremos demonstrar e desconstruir o processo pelo qual passa o tradutor quando traduz. O trajeto que vai do texto de partida até ao texto de chegada é um longo percurso. Dele fazem parte processos linguísticos e processos culturais.

Este trabalho de projeto debruça-se sobre a tradução e análise do livro de contos *El espejo de la muerte* de Miguel de Unamuno. O universo filosófico e literário de Unamuno estão aqui presentes. Neste livro, vários temas serão tratados tais como: a dor, a loucura, a doença, o amor, a solidão, a existência humana, entre outros. Relações homem/mulher, pai/filho, também terão o seu espaço neste trabalho. Todos estes tópicos exigem da parte do tradutor uma sensibilidade especial. Nada pode ser deixado ao acaso e por isso tentaremos justificar todas as nossas tomadas de posição perante o que se foi deparando no nosso caminho.

### Palavras-chave

Literatura, modernismo, geração de 98, tradução literária, língua de chegada/língua de partida.

### **Miguel de Unamuno's Tales. Translation and Analysis.**

With the present project work we intend to demonstrate and deconstruct the process by which the translator goes through while translating. The path between the source text and the target text is a very long one and it has linguistic and cultural processes.

This project work focuses on the translation and analysis of the tales book *El espejo de la muerte* by Miguel de Unamuno. Miguel de Unamuno's philosophical and literary universes are present in here. In this book several topics will be covered, such as: pain, madness, sickness, love, loneliness, human existence, among others.

The relationship between man and woman, father and son, also play an important role in this work. All of these topics require a translator with a particular sensitivity. Nothing can be left by chance, so we will attempt to justify every choice we made.

#### **Key words:**

Literature, modernism, generation of '98, literary translation, target language / source language.

## Índice

RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
Índice .....	8
PARTE I .....	9
1- INTRODUÇÃO .....	9
2 - MODERNISMO, GERAÇÃO DE 98, MIGUEL DE UNAMUNO .....	12
3 - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE TRADUÇÃO .....	18
PARTE II .....	28
1 - NOTA PRÉVIA .....	28
1.1 - Tradução comentada .....	30
CONCLUSÃO .....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	104
ANEXOS .....	106

## PARTE I

---

### 1- INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho de projeto tem como objetivo a tradução e análise de textos, originais em língua espanhola para os textos finais em língua portuguesa, recolhidos do livro de contos publicados em jornais e revistas por Miguel de Unamuno desde 1888 a 1913. Miguel de Unamuno foi uma das grandes figuras da *generación del 98*, esta foi uma geração de escritores com criação artística em Espanha, no início do séc. XX. Pretendemos estudar esta fase da literatura espanhola e perceber em que contexto cultural se desenvolveu. Queremos estudar e desenvolver as características deste grupo de escritores e contextualizá-lo na época em questão.

Propomo-nos fazer uma reflexão sobre o método de tradução verificando as dificuldades com que nos fomos deparando ao longo do nosso trabalho no ato da tradução. O tradutor tem a difícil tarefa de, socorrendo-se de métodos linguísticos e culturais, transformar um texto de uma determinada língua (língua de partida) em outro texto de outra língua (língua de chegada). A função de uma tradução consiste em transmitir o conteúdo de um texto, o objetivo do nosso trabalho será sempre a hipótese de ser lido na língua de chegada. Para nos tornarmos os autores do texto de chegada, tivemos de percorrer um longo caminho. A produção deste trabalho só foi possível após um longo estudo teórico sobre a tradução, apoiados de grandes autores da teoria da tradução.

As regras e as prioridades a cumprir neste campo são várias, no entanto, a tradução não é um processo científico e hermeticamente fechado onde o tradutor não pode optar por uma ou outra opção linguística. As opções que tomámos durante o nosso trabalho foram baseadas e apoiadas por teorias, mas a decisão final coube sempre ao tradutor. Foi o

tradutor, o responsável pelo trabalho final aqui presente. É bastante importante ter em conta, no processo de tradução, a época literária (se num texto literário estivermos a trabalhar) e o contexto sociocultural da língua de chegada. Não nos podemos esquecer que apesar de poderem ter a mesma língua, dois países como, por exemplo, Portugal e o Brasil, necessitariam de ajustes na tradução final, pois as suas culturas nada têm a ver uma com a outra.

Separados por praticamente um século, o texto original e a tradução por nós efetuada, é um aliciante para a tradução. É interessante o contacto com um texto com estas particularidades porque existe um confronto de culturas, de línguas, de eras. Foi útil para nós, enquanto tradutores, poder estar em contacto com palavras que já caíram em desuso, com maneiras de trato interpessoais que já só são usadas pelos mais velhos. Foi uma viagem pelo passado do imaginário de Unamuno, por uma Espanha de finais do séc. XIX e princípios do séc XX, por uma cultura que nos é alheia, mas que tem uma inspiração filosófica e humana internacional e intercultural. O autor foi numa caminhada pelo pensamento e conhecimento do homem e da sociedade, nós acompanhámo-lo.

Se a cultura espanhola e portuguesa não são as mais distintas, se as línguas provêm da mesma família, se os costumes se entrecruzam ao longo dos séculos, não é menos verdade que a quantidade de *falsos amigos* nas duas línguas leva ao erro o mais distraído dos tradutores. Assim, esta experiência confirmou a enorme complexidade do ato tradutório. É necessário a uma boa tradução duas leituras prévias: a primeira com a atenção do comum dos leitores e a segunda com o cuidado do melhor dos tradutores. Só assim podemos produzir um texto de qualidade.

No que concerne à estrutura do trabalho de projeto, na primeira parte do mesmo, estudaremos a vida e obra do autor Miguel de Unamuno, assim como as suas tendências escolásticas e movimentos intelectuais de que fez parte, ou seja, será um estudo sobre o Modernismo espanhol e a geração de 98. Permitir-nos-á compreender melhor o percurso literário do autor e a literatura espanhola da época. Permitir-nos-á também compreender melhor estes catorze contos por nós selecionados e traduzidos do livro de contos *El espejo de la muerte* assim como os pensamentos e cultura da época a que os textos pertencem. Como leitores teremos que fazer um esforço extra para nos colocarmos na época a que pertencem os textos, como tradutores faremos a ligação do pensamento de Unamuno e a

época e cultura do texto para os dias de hoje de forma a minimizar a *décalage* entre o texto de partida e o texto de chegada.

Numa segunda fase analisaremos todo o processo tradutório, o que é a tradução, que vertentes tradutórias existem, quais as técnicas por nós utilizadas. Enveredaremos pelo plano teórico do que é a tradução e demonstraremos os princípios práticos e metodológicos com que executámos na nossa tradução.

Numa outra fase não descoraremos os conteúdos socioculturais que envolvem a tradução e as línguas em causa, como não deixaremos para trás os processos socioculturais que envolveram a nossa tradução. A cultura e a tradução são dois conceitos que sempre andarão de mãos dadas nas nossas decisões.

Na Parte II, 1.1, traduziremos os contos por nós escolhidos, e, a par da tradução, incluímos a análise das decisões por nós tomadas ao longo da mesma.

## \_\_\_ 2 - MODERNISMO, GERAÇÃO DE 98, MIGUEL DE UNAMUNO

Os princípios do séc. XX despoletaram um enorme avanço na ciência, na indústria e nas telecomunicações da Europa e América. Os países controladores do comércio mundial eram então: a Inglaterra, a França, a Alemanha e os Estados Unidos da América. Disputas políticas entre estas potências levaram o mundo à 1ª Guerra Mundial entre os anos de 1914 e 1918.

Espanha acabara de perder, por via militar, as suas últimas colónias (Porto Rico, Cuba e Filipinas) para os Estados Unidos no ano de 1898. A sociedade espanhola estava dominada por uma burguesia financeira que era um bloqueio aos avanços sociais. O conservadorismo imperava na sociedade espanhola. No entanto, a classe operária e a pequena burguesia (reformista, revolucionária, sindicalista) ligam-se a grupos de inconformados que veem nas artes e nas letras um escape para os seus ideais. Estes grupos de inconformados, que nasciam um pouco por toda a Europa e América, com uma atitude anti burguesa, recusavam o materialismo e a desumanização do mundo capitalista. Sobre este tema, Rico afirma:

“La literatura terapéutica que converge en la crisis de 1898 no carece de precedentes en las décadas anteriores [...] La Restauración toma a su cargo la atenuación del cisma nacional, y con este fin inculca en las gentes la necesidad de reanudar el diálogo en un ambiente de tolerancia, respeto mutuo y paz social. Y, en efecto, la calma que restablece Cánovas contribuye, al menos en apariencia, a que se debilite gradualmente la virulencia de los antagonismos y a que se desentumezcan actitudes hasta entonces inflexibles. El encogimiento de hombros se ha convertido en el gesto mostrenco del país.” (Rico, 1980: 11-12).

Destas ideias e ideais desenvolveu-se uma corrente literária em Espanha que dá pelo nome de Modernismo. Este movimento literário nasceu na América Latina e foi trazido para a Europa pelo escritor Nicaraguense Rubén Darío. Houve quem apelidasse este período como a *idade de prata* numa comparação com o *siglo de oro* que, até aos dias de hoje, continua a ser o período mais importante da literatura espanhola. “El modernismo, tal como desembarcó imperialmente en España personificado en Rubén Darío y sus *Prosas profanas*, era una literatura de los sentidos, trémula de atractivos sensuales, deslumbradora de



cromatismo.[...] Era una literatura jubilosamente encarada con el mundo exterior, toda vuelta hacia fuera.” (Rico, 1980: 55). Esta corrente literária, que dá pelo nome de Modernismo, tem como influência a literatura francesa, concretamente com os movimentos Parnasianismo e o Simbolismo. O Modernismo nasce de uma insatisfação com o estado da literatura daquela época, a não adaptação às normas estéticas usadas até ali foram relevantes para o começo de uma nova época literária.

Antes do início do século XX, e dentro do Modernismo, nasce em Espanha um novo movimento literário a que se dá o nome de Geração de 98. Em 1898, como já dissemos, foi um ano dramático para Espanha com a perda das colónias para os Estados Unidos. Esse episódio marcou para sempre a sociedade espanhola com mudanças e convulsões sociais. A literatura não passou ao lado dos outros fenómenos sociais e também teve o seu tempo de mudança.

Considerava a visão tradicional, que os escritores do Modernismo e da Geração de 98 tinham uma estética diferente, e fundamentada numa profunda reflexão, sobre o conceito de Espanha e da sua função no século XX. Segundo a visão tradicional, o Modernismo tem uma estética que se aplica à poesia, aos poetas, enquanto a Geração de 98 estava constituída por romancistas. Ainda sobre este olhar, os poetas modernistas escreviam de forma sofisticada e artificial, enquanto os escritores da Geração de 98 cultivavam um estilo sóbrio e com importante conteúdo de pensamento filosófico.

Esta visão crítica muda em meados do século XX, com a proposta da possibilidade de entender ambos os grupos (modernistas e Geração de 98) como peças inseparáveis do mesmo problema, ainda que muito diferentes do ponto de vista estético. Esta nova visão tende a ver o Modernismo como categoria periodológica e não estética. De acordo com isto, pertenciam ao Modernismo tanto os poetas do Modernismo estético como os romancistas da Geração de 98. Estas duas perspetivas contaram, entre os seus defensores, com importantes autores do momento como é o caso de Pedro Salinas (para quem o Modernismo e a Geração de 98 eram coisas diferentes) e de Juan Ramón Jiménez (que pensava não existirem limites definidos entre um e outro).

Tanto o Modernismo como a Geração de 98 surgem como resposta a uma crise de confiança que diz respeito ao Positivismo (época que antecede o Modernismo). Esta

proposta tenta dar uma resposta ao Positivismo e à razão. O Modernismo também implica a revalorização de alguns conceitos próprios do Romanticismo como a intimidade e a emoção. Os modernistas depreciam o que consideram uma moral hipócrita e convencional da burguesia, atacando-a frequentemente por meio de comportamentos antissociais. Este tipo de manifestações anticonvencionais adquire várias fórmulas, às vezes opostas, como, por exemplo, o Dandismo. No extremo oposto, o mundo da boémia, vivendo à margem da sociedade, também o fazem por via da sexualidade: incesto, sadomasoquismo, necrofilia, homossexualidade. As personagens femininas são frágeis, delicadas, são como um aviso simbólico da morte. Rapidamente, na literatura espanhola, começaram a rotular de modernistas todos os escritores do momento que não escreviam da mesma forma que os Realistas. Esta situação levou a um novelista chamado Azorín a criar, nuns artigos que publicou entre 1905 e 1913, o termo Geração de 98, com a finalidade de distinguir os que escreviam à maneira de Rubén Darío e os que sofreram a influência francesa.

Os modernistas inovam na métrica e no ritmo. Cultivam a musicalidade dos textos e pretendem converter a linguagem no elemento mais importante do poema. Todos os escritores desta época têm como pretensão abrir as fronteiras culturais de Espanha à Europa. Unamuno ia mais longe e queria hispanizar a Europa.

Para falarmos do Modernismo hispano-americano é necessário contextualiza-lo no movimento Simbolista internacional, sendo este movimento, por sua vez, uma ampla corrente estética e filosófica que se poderia denominar: estética de fim de século. A estética de fim de século envolve a literatura, a pintura, a filosofia, o teatro. Possui uma cosmovisão com uma carga anti burguesa. Em Portugal o Saudosismo, em Espanha o Modernismo, em França o Simbolismo, todos eles se baseiam na ideia de nostalgia como um novo idealismo, como um lugar ou espaço temporal existente, ou não, no passado que serve de fuga para o presente. Os modernistas propõem a superioridade do sonho sobre a realidade. Preferem o ideal ao real e a superioridade do artificial sobre o natural, concedendo um padrão importante aos paraísos artificiais (droga e álcool). Outra forma de criar uma realidade artificial é quando os autores decidem transformar-se, eles mesmos, em objetos estéticos (Dandismo).

Azorín, o inventor do rótulo Geração de 98, incluía nesta geração autores como: Vallé Inclán, Pio Baroja, Miguel de Unamuno, Benavente e Manuel Bueno. Azorín pensava

que todos estes autores compartilhavam algumas características como, por exemplo, um idealismo que se manifestava através dos protestos sociais, um profundo amor à arte, uma visão objetiva da realidade, um profundo interesse pela paisagem e um novo estilo literário marcado pela simplicidade expressiva.

Miguel de Unamuno nasceu na cidade basca de Bilbao no ano de 1864 e morreu a 31 de Dezembro em Salamanca no ano de 1936. Pensador agónico, a angústia da existência fê-lo viver obcecado pelo rosto enigmático da morte que nele ia tornando mais robusto o impulso de viver. Rico sustenta:

“...ha ostentado durante mucho tiempo el primado de su generación y, en no pequeña parte, el de las letras españolas del siglo XX. Ventajosamente conocido fuera de nuestro país, objeto predilecto de monografías de hispanistas (y aun de no hispanistas), ha podido encarnar simultáneamente la imagen de un afortunado precursor exótico de algunas formas del pensamiento ético de nuestra época (el subjetivismo radical, la angustia religiosa – sin religión positiva–, el pirandellismo, el existencialismo...) y, por otra parte, ser la paradigmática imagen de quien encara el «problema de España» y se convierte, como admiraba el gran romancista Ernst Robert Curtius, en «praeceptor» y «excitador Hispaniae».” (Rico, 1980: 239).

Em 1894 Miguel de Unamuno ingressa no partido socialista e três anos depois abandona-o. Foi professor catedrático em Salamanca, sendo nomeado reitor da universidade em 1900 e destituído em 1914 por motivos políticos. Posteriormente, foi desterrado para as ilhas Canárias por oposição política à monarquia. É a mesma monarquia que anos depois o perdoa, no entanto, Miguel de Unamuno decide ir para França, convertendo-se num símbolo do espírito antimonárquico. Regressa a Espanha em 1930, com a república, e é nomeado reitor vitalício da universidade de Salamanca. Em 1936, durante a guerra civil, declara o seu apoio aos franquistas mas, pouco tempo depois, muda de opinião e é um forte crítico do regime de Franco. Rico define-o socio-politicamente:

” Como ciudadano, fue con notoriedad un súbdito incómodo en la línea de otros intelectuales europeos de su tiempo; ya catedrático, se adhirió al socialismo[...] y, aunque su militancia fue efímera, contribuyó a la poco brillante historia del marxismo español con originales aportaciones [...] la rebelión militar de 1936 contó con su apoyo inicial, aunque el curso de los acontecimientos (la bárbara represión y el tono general de venganza y cretinismo que hubo de respirar) le condujo a una famosa ruptura pública.

Aquellos dramáticos hechos del paraninfo salmantino precipitaron su muerte y no impidieron el escarnio final: un entierro «falangista» fue la inmerecida coronación de sus vacilaciones, al poco de haber sido cesado como rector honorífico de la universidad por las Gacetas oficiales de ambas Españas en lucha.” (Rico, 1980: 240)

Miguel de Unamuno sempre foi contraditório e complexo. A sua obra é vasta, toca o ensaio, a narrativa, a poesia e o teatro. Na sua obra mostra duas preocupações fundamentais: por um lado a angústia trágica para encontrar o sentido da vida, por outro a preocupação de conhecer profundamente a cultura espanhola e defender o seu papel no mundo. Agnóstico com muitas crises de fé, foi o ensaísta mais importante da Geração de 98 daí ter sido o nosso escolhido para ser estudado e traduzido. Os seus ensaios estão cheios de história, política, literatura, arte, filosofia, religião, moral. Vamos aperceber-nos disso durante a leitura da nossa tradução. As novelas de Miguel de Unamuno são bastante originais para a sua época, são breves, oferecem múltiplas perspetivas da realidade e apresentam personagens herméticas. As novelas mais importantes de Unamuno são: *Niebla*, 1914 e *San Manuel Bueno Mártir*, 1931. Como poeta distanciou-se dos modernistas pois preocupou-se mais com o conceito e a carga sentimental que com a forma. “Su misma obsesión religiosa (determinante de la conversión de 1897 pero en palmario conflicto con la religión católica siempre) supone otro rasgo significativo de la no modernidad de un pensamiento en tanto referido a la realidad española (cuya polémica anticlerical era el mero umbral de una posible laicización del país)” (Rico, 1980; 241).

A forma como Miguel de Unamuno concebe a religiosidade nos anos próximos da crise de 1898 são de uma atitude claramente antiprogressista. Esse receio de progresso sente-se pela sua postura anti materialista. Isso leva a que Unamuno seja inimigo da razão e da ciência. A sua espiritualidade assenta no homem e nos esforços feitos pelo homem. O conteúdo da palavra progresso desagrade a Unamuno, critica o progressismo por ter um carácter muito conservador e estático. A mesma opinião tem do marxismo como doutrina filosófica. Agarra-se à tese nada progressista de que o mundo das máquinas conduz à desumanização. Rico dá esse exemplo de seguida:

“En un artículo titulado «Macanópolis» [1913] – visión fantástica de una ciudad mecanizada en la que Unamuno se ahoga – escribe: «Y desde entonces he concebido un verdadero odio a eso que llamamos progreso, y hasta a la cultura, y ando buscando un rincón donde encuentre un semejante, un hombre como yo, que llore y ría como yo río y lloro, y donde no haya una sola máquina y fluyan los días de la dulce mansedumbre cristalina de un arroyo perdido en el bosque virgen».” (Rico, 1980: 250).

As relações de Miguel de Unamuno com Portugal foram estreitas ao ponto do escritor lançar o livro *Por tierras de Portugal y de España* em 1911. Unamuno fez várias visitas ao norte de Portugal no princípio do século XX e contactou com intelectuais da altura como são os casos de Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes. Trocou correspondência com Fernando Pessoa e Vitorino Nemésio. Escreveu sobre as paisagens de Portugal, sobre as suas letras, sobre as suas gentes. A sua paixão por Portugal é bem visível na forma como retrata o país e como fala em Ibéria (Portugal e Espanha numa só) e numa unidade superior. Poder-se-á dizer que um dos maiores vultos do movimento modernista espanhol e escritor pertencente à Geração de 98 foi um amigo de Portugal, um homem com uma relação íntima com o seu país vizinho, com a língua portuguesa, com os escritores portugueses da sua época. Unamuno contribuiu, com certeza, para um estreitar de laços entre os dois países, as duas culturas, as duas línguas.

---

### 3 - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE TRADUÇÃO

A cultura é um assunto fulcral quando iniciamos qualquer ato de tradução. Traduzir, por si só, já é um ato cultural. Antes de iniciarmos o estudo da cultura na tradução, é pertinente que esclareçamos o que é a cultura. António José Saraiva define cultura como:

Cultura opõe-se a natura ou natureza, isto é, abrange todos aqueles objectos ou operações que a natureza não produz e que lhe são acrescentados pelo espírito. A fala é já condição de cultura. Por ela se comunicam emoções ou concepções mentais. A religião, a arte, o desporto, o luxo, a ciência e a tecnologia são produtos da cultura. (Saraiva, 1993: 11).

A literatura traduzida tem vindo a ganhar espaço no mundo global em que vivemos. O tradutor tem, obrigatoriamente, de ter em conta uma série de variáveis no seu trabalho. Tem de ter em conta as culturas do texto de partida e do texto de chegada. É necessário haver conhecimento e sensibilidade para a execução desta tarefa, não vá a tradução ser mal entendida ou até mesmo desvirtuada por causa de uma falha por parte do tradutor.

Deparámo-nos com diversas situações culturais durante a nossa tradução e fizemos ligeiras alterações ao texto inicial, levando muito a sério todas as diferenças culturais que separam as sociedades espanhola e portuguesa. No nosso trabalho, não foi só o carácter cultural das duas sociedades que nos preocuparam, mas também, a distância temporal que separam os textos de Miguel de Unamuno dos dias de hoje. Utilizámos diferentes estratégias na tradução dos contos porque estivemos condicionados à forma como irão ser recebidos pela cultura de chegada e pela época em que serão lidos. Soler lembra:

Ora, a literatura espanhola parece ser um caso de estudo interessante no sistema literário português deste ponto de vista, se considerarmos como ponto de partida apenas o facto de fazer parte das leituras e influências declaradas de uma grande parte dos escritores, tradutores e outros agentes culturais portugueses no período que consideramos (1940-1990), sendo a quantidade de traduções publicadas notoriamente inferior à quantidade de traduções de outras literaturas, incluindo-se no grupo dos não traduzidos autores e obras que tiveram uma influência reconhecida nos escritores portugueses. (Soler, 2000:73).

É por via da tradução que uma obra entra no universo de possíveis leituras para o público que não compreende a língua de partida de uma determinada obra literária. Aí, qualquer obra traduzida entra em definitivo no leque de riqueza literária de outra cultura. As obras traduzidas passam a ser “nossas”, a fazer parte da nossa riqueza enquanto público leitor, da nossa cultura enquanto indivíduo que faz parte de um grupo e que se organiza em sociedade.

No paradigma: língua espanhola – língua portuguesa, a proximidade cultural e as afinidades linguísticas têm desencorajado, em certa medida, a tradução literária. Em seguida, temos um excerto de um texto de Dionisio Martínez Soler, onde podemos ver que Miguel de Unamuno é um escritor pouco traduzido em Portugal. Não se compreende como um escritor que escreveu sobre Portugal, que trocou correspondência com escritores portugueses e que nasceu no país vizinho, seja tão pouco importante e praticamente inacessível aos leitores de língua portuguesa. Na nossa modesta opinião, a obra de Miguel de Unamuno tem sido bastante esquecida pelos tradutores portugueses, com exceção para algumas traduções de José Bento. Merecia, sem dúvida, maior importância, este tão grande escritor.

Quanto a um autor como Miguel de Unamuno, cujo interesse por Portugal é de sobra conhecido, pode-se dizer que, com exceção de algumas traduções de contos nos anos 40 e 50, de uma tradução de *Fedra* nos anos 60, e de quatro poemas – um deles intitulado “Portugal” – traduzidos por Jorge de Sena, não existem traduções da sua obra poética, romanesca ou teatral até à já mencionada *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea* publicada por José Bento em 1985 e à publicação já nos anos 90 de *Névoa* (1990) e *A Tia Tula* (1992). De resto, apenas alguns títulos da sua obra ensaística ou os seus epistolários com escritores portugueses são, por vezes, traduzidos. Em 1986, o quinquagésimo aniversário da morte de Unamuno é comemorado com a reedição do epistolário de Unamuno e Teixeira de Pascoaes, com uma introdução de José Bento e o apoio económico de uma instituição espanhola, e de uma antologia de textos sob o título *Portugal Povo de Suicidas*. Três anos mais tarde, vêem a luz *Do Sentimento trágico da Vida nos Homens e nos Povos* – numa nova tradução, pois já em 1988 tinha sido reeditada a tradução de Cruz Malpique de 1953 – e a antologia de artigos jornalísticos da primeira década do nosso século conhecida como *Por Terras de Portugal e da Espanha*, uma vez mais em tradução de José Bento e com o apoio económico duma instituição espanhola. (Soler, 2000: 90-91).

Na supracitada obra de Unamuno, *Por Terras de Portugal e da Espanha*, podemos ter a perceção da valorização da cultura portuguesa, constatando também o que era Portugal

aos olhos do escritor basco. Com Unamuno conhecemos o que fomos ontem e podemos comparar com o que somos hoje. É, sem dúvida, uma mais-valia para a literatura ibérica. Reparemos que traduzir esta obra tem a singularidade de traduzirmos um texto em espanhol mas que culturalmente se insere na cultura da língua de chegada, a portuguesa. Podemos dizer que traduzir esta obra é traduzir-mo-nos a nós mesmos.

Há uma questão de ordem ideológica e também de ordem linguística, que é regularmente levantada nas traduções de língua espanhola para a língua portuguesa. Essa questão é a da semelhança que existe entre as duas línguas. O leitor português, na sua generalidade, tem a pretensão de que pode dispensar a tradução porque, dada a proximidade das duas línguas, elas dispensam um texto traduzido. Essa pretensão baseia-se em correspondências verbais, semânticas, fónicas e gráficas entre a língua portuguesa e a língua espanhola que facilmente induzem em erro o leitor mais desatento. O facto das duas línguas se assemelharem é um perigo pois aumenta, em muito, a quantidade de falsos-amigos entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Soler exemplifica:

Embora alguns autores, como o próprio Lefevere, considerem que questões como esta que aqui tratamos caem no domínio do trivial, no caso das traduções portuguesas na literatura espanhola não se trata apenas de uma trivial falta de conhecimentos do tradutor ao nível do dicionário, mas do resultado da aplicação de uma estratégia de tradução baseada na ideia dominante da *semelhança*, e que se pode relacionar com a estratégia geral de *domesticação* que a cultura portuguesa aplica aos textos literários espanhóis, não só ao nível da poética e da ideologia, mas até ao nível da própria língua, que é lida através da sua *semelhança* e não da diferença. (Soler, 2000: 111-112).

Quando se traduz, há que encontrar correspondências do sistema linguístico e do sistema cultural na língua de chegada do texto. Há que ter em conta o tipo de público para quem se traduz e o tipo de texto que traduzimos. A tradução é sempre um processo criativo. Mas o que é afinal a tradução? Valentín García Yebra cita Eugene Nida para definir tradução. “«La traduction consiste à reproduire dans la langue réceptrice le message de la langue source au moyen de l'équivalent le plus proche et le plus naturel, d'abord en ce qui concerne le style»”. (Yebra, 1997; 31).



Antecedendo o processo de tradução, há tarefas a executar. Traduzir é, de certa forma, reescrever. O tradutor é um leitor, melhor, é um leitor mais atento que o leitor normal. O tradutor deve fazer duas leituras do texto, uma para compreender de uma forma geral o conteúdo do mesmo, e outra para executar o trabalho da tradução. Foi desta forma que traduzimos os contos de Miguel de Unamuno. É para nós mais seguro enquanto tradutores. Com a primeira leitura já assimilámos os principais conteúdos do texto e do conhecimento enquanto leitores. Cada tradutor faz uma leitura diferente e também uma tradução única. Lima especifica adiante:

”Antes de sermos tradutores, todos nós somos obrigatoriamente leitores. [...] Consequentemente, o modo como o texto é trazido à consciência, isto é, a interpretação particular que é feita desse texto, é também ela única. Se assim é, temos obrigatoriamente de reconhecer que diferentes sujeitos, tendo uma relação interpretativa diferente com um mesmo texto, reproduzem, necessariamente, essa diferença nas respectivas traduções.” (Lima, 2010; 64).

Apesar de tantas ferramentas ao dispor, a melhor que um tradutor pode ter é sem dúvida o seu vocabulário, o seu conhecimento. “Se a língua é parte integrante da cultura, então o tradutor precisará não só de competência nas duas línguas, mas também de estar familiarizado com as duas culturas. [...] O seu grau de conhecimentos (competência e percepção) determinará não só a aptidão para produzir o texto de chegada, mas também o seu entendimento do texto de partida.” (Lima, 2010; 9). Não nos podemos esquecer do seguinte: longe vão os tempos em que o tradutor teria de ter perto de si uma enorme biblioteca composta por dicionários, enciclopédias e gramáticas. Hoje em dia, a ferramenta informática veio aliviar o peso dos papéis à volta de quem traduz. Não queremos entrar em mitos como o de Pentecostes ou da Torre de Babel, mas tradução existe para que os homens se possam entender, porque os homens falam línguas diferentes e fazem parte de culturas diferentes. A curiosidade humana não tem fim e faz da tradução uma ferramenta essencial para o conhecimento.

Enquanto tradutores, tentámos preservar sempre que possível a estrutura frásica do texto original a fim de não se perder nenhuma característica estética e linguística do mesmo. Para nós, o texto é mais do que um fenómeno linguístico. É também um ato de comunicação implantado num amplo contexto sociocultural. “...a análise textual por parte do tradutor deve começar por identificar o texto, em termos da cultura e situação, como parte de um ‘factor

contínuo do mundo` (*world continuum*). A fase seguinte é a análise da estrutura do texto [...] e, finalmente, devem ser desenvolvidas estratégias para traduzir o texto, com base nas condições tiradas na análise.” (Lima, 2010; 52-53).

Como tradutores tentámos fazer um trabalho que fizesse chegar o nosso texto à versão mais próxima do original, a ter uma sólida consistência no seu objetivo final, ou seja, a leitura em língua portuguesa. Tivemos de ter em conta a comunicação com o nosso público, a quem queremos fazer chegar a mensagem. Saber particularmente a quem se destina o texto é uma grande ajuda à tradução e às suas especificidades. Cada tradutor é uma tradução, não há duas traduções iguais de obras literárias. Um tradutor é um mundo e é nesse seu mundo que todos os aspetos relativos ao processo de tradução fazem a trajetória do texto original até ao texto final. O importante é o tradutor deixar uma marca invisível no texto final para que tenhamos a ilusão que o mesmo não foi traduzido. “ O problema básico que um tradutor encara [...] é que ele deve, de alguma forma, “modificar” o texto original [...] Podemos definir o objectivo do tradutor como sendo duplo: produzir um texto que seja uma tradução do texto original e, ao mesmo tempo, um texto por mérito próprio, no interior da língua de chegada.” (Lima, 2010: 58-59).

Traduzir não é só encontrar sinónimos da língua de partida para a língua de chegada. Há que ter em conta vários fatores que compõem uma língua e os mecanismos para uma tradução aceitável, como temos vindo a demonstrar ao longo do nosso trabalho. Não podemos escolher, para traduzir, um assunto ou um idioma que não dominamos. Se não o dominamos na língua de partida, é pouco provável que consigamos expressá-lo na língua de chegada. Não basta expressar o sentido das palavras, é necessário expressar o sentido de cada oração. É verdade que as palavras têm sentido, mas para uma tradução literária é necessário que o conjunto das palavras faça também sentido. Cada língua é única e usa expressões idiomáticas únicas, tendo o tradutor a necessidade de ajustar para o seu idioma uma expressão equivalente. Deve, no entanto, ter o cuidado de fazer representar toda a beleza, todas as imagens e figuras do texto original. Isto deve-se ao facto de o tradutor preservar o carácter de cada texto e a marca de cada escritor para que o seu estilo seja facilmente reconhecido em qualquer língua que a tradução se efetue. Miguel Ángel Vega dá como exemplo um texto de E.Dolet *De cómo traducir bien de una lengua a outra*, texto datado de 1540. O texto indica que para uma boa tradução são necessárias cinco coisas. Em primeiro lugar, afirma que é impreterível compreender o que diz o autor da obra. Em

seguida, o tradutor deve conhecer profundamente a língua do autor do texto. Como terceiro ponto, alerta para o facto de não se cair no erro de traduzir palavra por palavra. O quarto ponto tem a ver com a época a que remonta este texto (1540), altura em que ainda algumas das línguas europeias estavam a ganhar o seu espaço na literatura. O autor alerta para o facto da tradução não se fazer muito próxima do Latim nem com vocabulário pouco utilizado. Por último, refere-se ao ritmo e musicalidade das palavras empregues na tradução. Estas devem ser agradáveis ao ouvido do leitor (Vega, 2004: 125-127).

Durante o nosso trabalho tivemos, antes de iniciar a tradução, de pesquisar informações sobre o autor e a obra, e, recolher informações sobre a cultura e língua do texto original. Traduzir, como nós fizemos, uma obra de há um século, é trazer uma época já passada para os dias de hoje. De resto, já aqui falámos sobre a época desta nossa tradução (o Modernismo). Foi preciso apelar à sensibilidade e ter conhecimento para utilizar uma linguagem para os leitores de hoje, porque as línguas evoluem e tivemos de adaptar a linguagem aos leitores contemporâneos. Traduzir não foi uma tarefa fácil porque temos de ir mais além das estruturas lexicais, temos de ir ao encontro das culturas em questão. A nossa tradução foi mais além, traduzimos um texto da cultura espanhola de há mais de 100 anos, sendo este processo uma dupla dificuldade pois implica trabalhar o espaço e o tempo do texto. Tivemos de ter em conta a coerência textual, a equivalência e o prestígio das expressões. A fidelidade das traduções é um tema há muito debatido, cabendo ao tradutor não corromper a ideia inicial do texto de partida. Nida refere:

De cualquier forma, de todos los tipos de traducción ninguno puede superar la traducción de la Biblia en lo que refiere a 1) la gama de contenidos (poesía, ley, proverbios, narrativa, exposición, conversación); 2) la variedad lingüística (directa o indirectamente a partir del griego y del hebreo hacia más de 1.200 lenguas y dialectos); 3) la profundidad histórica (desde el siglo III a. C. hasta nuestros días); 4) la diversidad cultural (no existe ninguna área cultural en el mundo que no esté representada en la traducción de la Biblia); 5) el volumen de material manuscrito; 6) el número de traductores involucrados; 7) los diferentes puntos de vista, y 8) la gran cantidad de datos sobre los principios y los procedimientos empleados. (Nida, 2012; 19).

Com este exemplo, quisemos demonstrar até onde pode ir a tradução de um texto. Neste caso, a Bíblia serviu de referência para termos até a perspectiva do que é a dimensão do

nosso texto em relação a outros. Os 8 pontos citados por Eugene Nida são a prova do verdadeiro valor que um texto pode atingir à escala mundial e da importância da tradução para a continuação e difusão de uma religião. Perante este exemplo, podemos crer que foi por meio da tradução que a história da humanidade mudou e evoluiu.

Muitos dos erros de um tradutor podem surgir de um erro de interpretação ou de uma análise ou leitura mal feita do texto de partida. Mas bastará a um tradutor saber analisar um texto de partida sem dominar o idioma de chegada? “El primero y más obvio requisito para cualquier traductor es tener un conocimiento satisfactorio de la lengua de partida. [...] Incluso más importante que el conocimiento de los recursos de la lengua de partida es un dominio completo de la lengua de llegada.” (Nida, 2012: 151-152).

As diversas situações, à margem da tradução, que surgem ao tradutor no decorrer do seu trabalho vão ser vistas no resultado final. O tradutor está exposto a uma série de fatores pessoais e profissionais que influenciarão a sua performance. Por esse motivo nós tentámos sempre não fazer juízos antecipados do que estávamos a traduzir. Deixámos que o texto entrasse por nós o mais naturalmente possível. Não julgámos a situação política ou cultural da época, não estranhámos os conteúdos dos textos de Miguel de Unamuno que já tinham mais de 100 anos. Limitámo-nos a fazer o nosso trabalho e a rever, à posteriori, o que tínhamos escrito. Por vezes o tradutor pode inconscientemente mudar a mensagem do texto por problemas que se prendem com a sua personalidade. Mais grave é se o tradutor o faz de forma consciente por razões que se prendem com os pensamentos de carácter político, religioso ou social. Para chegarmos a este patamar, foram necessários 3 anos de licenciatura (VI níveis de aprendizagem de língua espanhola) e dois anos de mestrado. Não foram só as disciplinas de língua espanhola que nos deram o conhecimento que temos hoje. As disciplinas de linguística e cultura espanhola foram também importantíssimas para delinear o nosso perfil de tradutores e conhecermos melhor o país que é Espanha.

Traduzir é cada vez mais comum no mundo de hoje. O fenómeno da globalização é o grande responsável por este acréscimo de tradutores no mundo. A aproximação de alguns países, como é o caso dos membros da União Europeia, fez com que a tradução fosse necessária para resolver alguns problemas diários que surgem no seio da união económica e monetária. “Pensemos también en lo que representa la traducción en algunas industrias,

como la química, la farmacéutica o la aeronáutica, donde la inteligibilidad del texto traducido es cuestión de vida o de muerte.” (Nida, 2012: 275-276).

O objetivo do tradutor é fazer com que o recetor tenha uma reação comparável com a do leitor do texto original. A reprodução da mensagem é o essencial numa tradução. “La traducción consiste en reproducir en la lengua de llegada el equivalente natural más cercano al mensaje de la lengua de partida, primero en lo que se refiere al significado y luego al estilo. Pero esta definición relativamente simple requiere una evaluación cuidadosa de algunos elementos aparentemente contradictorios.” (Nida, 2012: 283).

Já aqui falámos dos conhecimentos que são exigidos a um tradutor. Já falámos das características que fazem de uma tradução uma boa tradução. E o excesso de conhecimento pode ser um problema? É o que vamos ver em seguida nas palavras de Eugene Nida: “Lamentablemente, las personas con gran conocimiento de un determinado ámbito científico tienen tendencia a discutir los aspectos técnicos de su disciplina sólo con sus colegas. Por eso les resulta difícil ponerse en el lugar de las personas que no conocen este campo con la misma profundidad.” (Nida, 2012: 356).

No que concerne ao tamanho de uma tradução devemos ter em conta que o resultado de uma tradução é, de modo geral, mais longo que o original. Apesar de curioso, foi uma matéria que, de certo modo, foi por nós pouco valorizada. Na tradução dos contos de Miguel de Unamuno os mesmos têm em média não mais de quatro páginas. “...las buenas traducciones tienden a ser más largas que los originales. Esto no significa, naturalmente, que todas las traducciones largas sean necesariamente buenas, sólo quiere decir que en el proceso de transferencia de una estructura lingüística y cultural a otra, es casi inevitable que la traducción resultante sea más larga.” (Nida, 2012: 398).

Com Peter Newmark agregamos ao nosso trabalho o conceito de “nivel de naturalidad” (Newmark, 2010: 45) do tradutor. É necessário que a tradução seja provida de sentido e que seja feita do modo mais natural possível. “Deben tener presente que el nivel de naturalidad del uso natural es tanto gramatical como léxico, y que se puede extender a todo el texto por medio de conectivos oracionales apropiados. [...] El uso natural comprende una variedad de modismos, estilos o registros, determinados en primer lugar por el “marco” del

texto, [...] Debemos, pues, distinguir entre el uso natural, el “lenguaje corriente” [...] y el lenguaje “básico” (Newmark, 2010: 45).

Os métodos de tradução que Peter Newmark propõe são: *traducción palabra por palabra*, *la traducción literal*, *la traducción fiel*, *la traducción semántica*, *la adaptación*, *la traducción libre*, *la traducción idiomática*, *la traducción comunicativa*. (Newmark, 2010) No nosso trabalho, os métodos de tradução que mais utilizámos foram a *traducción semántica*: “La traducción semántica se distingue de la “traducción fiel” únicamente en que debe tener más en cuenta el valor estético – o sea, el sonido bello y natural – del texto de la LO, lo que quiere decir tener que contemporizar, donde convenga, con el “significado” de tal forma que ni la asonancia, ni el juego de palabras, ni la repetición produzcan un efecto desagradable en la versión final.” (Newmark, 2010; 71), e a *traducción comunicativa*: “La traducción comunicativa trata de reproducir el significado contextual exacto del original, de tal forma que tanto el contenido como el lenguaje resulten fácilmente aceptables y comprensibles para los lectores.” (Newmark, 2010; 72). Conseguimos com estas duas técnicas de tradução atingir o objetivo principal da mesma que é encontrar um efeito equivalente no texto final àquele que encontrou o leitor do texto original.

Já vimos os métodos de tradução que Peter Newmark propõe, agora vejamos os procedimentos tradutórios por ele sugeridos. Para este tipo de proposta, Newmark utiliza os procedimentos de tradução para orações e pequenas unidades linguísticas. Ao contrário dos métodos de tradução que eram aplicados em textos completos. Newmark sugere: *la transferencia*, *la naturalización*, *el equivalente cultural*, *el equivalente funcional*, *el equivalente descriptivo*, *la sinonimia*, *la traducción directa*, *transposiciones*, *la modulación*, *la traducción reconocida*, *la etiqueta de traducción*, *la compensación*, *el análisis componencial*, *reducción y expansión*, *la paráfrasis*, *dobletes e notas*, *adiciones y glosas*. (Newmark, 2010).

Para Newmark a cultura é: “el modo de vida propio de una comunidad que utiliza una lengua particular como medio de expresión y las manifestaciones que ese modo de vida implica.” (Newmark, 2010; 133). Há em Newmark um cuidado especial para temas como a cultura ecológica. A forma como os campos, as montanhas, as estações do ano ou as árvores são vistas no seio de cada cultura tem muito a ver com os diferentes valores que representam para cada uma delas. Os campos Europeus não são parecidos aos campos Africanos ou aos

Asiáticos. Quem se refere aos campos poderia referir-se à fauna ou à flora que de certeza não encontraria correspondência de um continente para o outro. No nosso caso, não tivemos problemas de maior no que se refere à tradução com elementos da natureza. Espanha e Portugal estão divididos por uma fronteira delineada pelo homem e não pela natureza. Têm em comum: rios, serras, planícies e mar. Analisámos a cultura ecológica referida por Newmark, mas o autor categoriza não só a cultura ecológica mas também: Cultura material (objetos, produtos, artefactos). Cultura social: trabalho e recreio. Organizações, costumes, atividades, procedimentos, conceitos, Gestos e hábitos (Newmark, 2010). Nelas são tratados assuntos como a comida, a bebida, a roupa, as casas, os transportes, as organizações político-administrativas, religiosos, artísticos, etc...

Para Newmark, o conto é a segunda forma mais difícil de traduzir. Aqui, o tradutor não está à mercê da métrica, da rima, nem dos efeitos sonoros que são tão importantes na poesia. Num conto é necessário mais unidade e concentração de forma e tema que no resto das formas literárias. O tradutor terá de ter o cuidado necessário para que sejam mantidos certos efeitos de coesão (Newmark, 2010). Durante a nossa tradução tivemos a percepção do quão difícil é escrever contos. É necessária uma superior maestria para condensar tanta informação, e, num curto espaço de texto poder utilizar uma imensa quantidade de recursos literários. Ficou evidente que Miguel de Unamuno foi um escritor de excelência. Tudo isto tornou a nossa tradução mais cautelosa e difícil mas também mais prazerosa e desafiante. Ler Unamuno é, por si só, um estímulo à tradução. Para, quem como nós, está a frequentar um mestrado em tradução, Unamuno é uma opção simplesmente deslumbrante para pôr em prática tudo o que foi aprendido até aqui.

## PARTE II

---

### 1 - NOTA PRÉVIA

O presente trabalho consiste, como indicado já anteriormente, numa tradução de catorze contos do livro *El espejo de la muerte*, Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2009 do escritor espanhol Miguel de Unamuno. Contos escritos e organizados pelo próprio autor em 1913. Decidimos fazer os comentários à tradução em notas de rodapé, não sem antes fazer uma breve apresentação dos métodos e objetivos a que nos propomos.

Baseando-nos nas teorias de Conceição Lima, Edições Colibri, Manual da Teoria da Tradução, Lisboa, 2010. Concluimos que a tradução é o cruzamento de duas culturas; a cultura da língua de partida e a cultura da língua de chegada. A língua faz parte dessas culturas e não é um fenómeno isolado dos outros.

Começámos pela leitura atenta do texto original na língua de partida, apreendendo o significado global do mesmo, descodificando os recursos expressivos, adaptando as expressões idiomáticas, interpretando a multiplicidade de códigos que um texto literário possui. Temos a noção que a leitura de um texto com o simples objetivo de encontrar palavras equivalentes na língua de chegada é deveras insuficiente para uma mediana tradução, muito menos para uma tradução bastante aceitável. A razão disso é existirem elementos extralinguísticos que têm de ser levados em conta.

O papel do tradutor é também o de mediador de todos os elementos linguísticos e culturais, e os conflitos que daí resultam. Nesta tradução foram levados em conta o texto original, tal como a cultura e sistema linguístico a que pertencem, isto numa primeira fase. Na fase seguinte, o texto final, não foram descorados o meio sociocultural e a língua de chegada. Tal como para Peter Newmark, os objetivos da tradução passam pela exatidão e economia (Newmark, 2010: 72), para nós foi uma regra. O texto de chegada resulta no culminar de decisões que respeitam o texto de partida e os elementos nele contido. É por



isso que defendemos que o texto final ou de chegada só ganha significado quando os seus elementos são interpretados dentro do seu contexto.

É notável o trabalho de um tradutor nas decisões que toma ao longo de uma tradução, ele cria um novo texto para um outro contexto linguístico, inserido numa diferente estrutura sociocultural. Foi com este propósito que nos empenhámos na tradução do texto de Miguel de Unamuno. Como referimos anteriormente: a tradução do texto em língua espanhola para o texto em língua portuguesa, será acompanhada por notas de rodapé, para assim podermos explicar todas as decisões que tomámos e que suscitem ser dignas de relevo em torno do texto de chegada.

## 1.1 - Tradução comentada

### O espelho da morte

#### História muito vulgar

A pobre! Era uma languidez traidora que lhe ia ganhando o corpo de dia para dia<sup>1</sup>. Não lhe restava vontade para coisa alguma<sup>2</sup>: vivia sem apetite de viver e quase por dever. Pelas manhãs custava-lhe levantar-se da cama, a ela, que se tinha levantado sempre para poder ver nascer o sol<sup>3</sup>! As tarefas da casa eram-lhe cada vez mais gravosas<sup>4</sup>.

A primavera não era a mesma para ela<sup>5</sup>. As árvores, limpas da escarcha do inverno, iam lançando a sua plumazinha de verdura; chegavam-se a elas alguns pássaros novos; tudo parecia renascer. Só ela<sup>6</sup> não renascia.

«Isto passará – dizia-se –, isto passará!», querendo acreditá-lo à força de repeti-lo a sós. O médico assegurava que não era senão uma crise da idade; ar e luz, nada mais que ar e luz. E comer bem; o melhor que pudesse.

Ar? O que é como o ar tinham-no à sua volta, livre, solarengo, perfumado de tomilho, aperitivo. Aos quatro ventos descobria-se desde casa o horizonte de terra, uma terra viçosa e gorda que era uma bênção do Deus dos campos. E luz, luz livre também. Quanto à comida..., «mas, mãe, se não tenho vontade...».

<sup>1</sup> “...todo de día en día.” Substitui-se a preposição “en” pela preposição “para”, a mais adequada na língua de chegada, mantendo-se a ideia original da passagem de tempo.

<sup>2</sup> “Ni le quedaban ganas para cosa alguna...” trocou-se o verbo “quedar” pelo verbo “restar”, não se modificou o tempo verbal. Mais criteriosa foi a escolha da palavra que substituiu o original “ganas”, sendo que o mais próximo do sentido poético que o autor nos apresenta neste início de texto é a escolha de “vontade”.

<sup>3</sup> “...salir el sol!” Neste caso optou-se pela troca verbal do original “salir” para a tradução “nascer”. A solução na língua de chegada não altera o sentido do texto que nos faz ter a noção da aurora.

<sup>4</sup> “...le eran más gravosas cada vez.” Modificou-se a localização da locução temporal “cada vez” relativamente ao adjetivo “gravosas”. No texto original a locução temporal antecede o adjetivo e no texto traduzido surge após o adjetivo.

<sup>5</sup> “La primavera no resultaba ya tal para ella.” Modificou-se o verbo “resultar” para o verbo “ser” e a locução “ya tal” para o artigo “a”. A modificação foi efetuada para que na cultura de chegada se torne perceptível ao leitor o sentido que o autor dá à frase.

<sup>6</sup> “Ella sola...” A troca do pronome pessoal “Ela” e do advérbio “só”, deve-se ao facto de que em português, “Ela só...” como no texto de partida, poder facilmente o advérbio ser confundido com um adjetivo e assim modificar o sentido da frase.

- Vamos, filha, come, que graças a Deus<sup>7</sup> não nos falta de quê; come – repetia-lhe sua mãe, suplicante.

- Mas se não tenho vontade, disse-lhe.

- Não importa. Comendo é que tu te fazes<sup>8</sup>.

A pobre mãe, mais abatida que ela, temendo que se vá entre os braços aquele supremo consolo da sua viuvez antecipada, tinha-se proposto empanturrá-la, como aos perus. Chegou até a provocar-lhe ansias, e tudo inútil. Não comia mais que um passarinho. E a pobre viúva jejuava em oferenda à Virgem pedindo-lhe que lhe dera apetite, apetite de comer, apetite de viver, à sua pobre filha.

E não era isto o pior que a pobre Matilde carregava, não era o enfraquecer, a palidez, debilitar-se e desgastar-se-lhe o corpo; era que o seu noivo, José Antonio<sup>9</sup>, estava cada vez mais frio com ela. Procurava uma saída, sim, não tinha duvidado dele; procurava um modo de safar-se e deixá-la. Pretendeu primeiro, e com muito grandes instâncias, que se apressasse a boda, como se temesse perder algo, e como resposta de mãe e filha de: «Não; agora não, até que me restabeleça; assim não posso casar-me», franziu a sobancelha. Chegou a dizer-lhe que se calhar o matrimónio a aliviasse, a curasse, e ela, tristemente: «Não, José Antonio, não; isto não é mal de amores, é outra coisa: é mal de vida».

E José Antonio ouviu-a triste e contrariado.

Seguia acudindo ao encontro o moço, mas por compromisso<sup>10</sup>, e estava distraído e como que absorto em algo longe. Não falava já de planos para o porvir, como se este tivesse já para eles morto. Era como se aqueles amores não tivessem já senão passado.

Olhando-o como ao espelho dizia-lhe Matilde:

- Mas, diz-me, José Antonio, diz-me, que tens? ;Porque tu não és já o que antes eras...

- Que coisas te ocorrem, rapariga! Pois quem hei-de ser...?

- Olha, ouve: se te cansaste de mim, se te fixaste noutra, deixa-me. Deixa-me, José Antonio, deixa-me só, porque só ficarei; não quero que por mim te sacrifiques!

<sup>7</sup> "...que a Dios gracias...". Há um agradecimento divino nas duas línguas. Altera-se, no entanto, na língua de chegada o lugar do substantivo "Deus", aparecendo após o agradecimento ou as "graças", o mesmo não se verifica na língua de partida, em espanhol, onde o agradecimento ("gracias") aparece após o substantivo.

<sup>8</sup> "Comiendo es como se las hace una." A expressão idiomática encontrada para substituir a de língua espanhola foi: "Comendo é que tu te fazes". O desejo que a mãe da rapariga expressa no texto não é beliscado em nada, mantendo-se o verbo "comer" no gerúndio e a expectativa da mensagem na frase.

<sup>9</sup> "José Antonio". Optou-se por não se cair no aportuguesamento de modificar o nome desta personagem em todo o conto.

<sup>10</sup> "...pero como por compromiso..." Nesta frase o advérbio de modo "como" desaparece na tradução, não fazendo parte do texto em português. A naturalidade expressiva da língua portuguesa exige-o.

- Sacrificar-me! Mas, quem te disse, rapariga, que me sacrifico? Deixa-te de asneiras, Matilde.

- Não, não, não o ocultes; tu já não me queres...

- É que ao princípio...

- Sempre deve ser princípio, José Antonio! ;no querer sempre deve ser princípio; deve-se estar sempre começando a querer.

- Bom, não chores, Matilde, não chores, que assim te pões pior...

- Ponho-me pior? Pior? ;Eu estou mal!

- Mal...,não! ; mas...São reflexões...

- Pois, olha, ouve, não quero, não; não quero que venhas por compromisso...

- Será que me deixas?<sup>11</sup>

- Deixar-te eu, José Antonio, eu?

- Parece que tens empenho em que me vá...

Rompia ainda mais a chorar a pobre. E logo, encerrada no seu quarto, com pouca luz já e com pouco ar, olhava-se Matilde uma e outra vez ao espelho e voltava a olhar-se nele. «Pois não, não é grande coisa – dizia-se – ; mas as roupas cada vez me vão ficando maiores<sup>12</sup>, mais folgadas, este corpete já me está frouxo, posso meter as mãos por ele; tive de dar uma prega mais à saia...Que é isto, Deus meu, que é?» E chorava e rezava.

Mas venciam os vinte e três anos, venciam sua mãe, e Matilde sonhava de novo na vida, numa vida verde e fresca, arejada e solarenga, cheia de luz, de amor e de campo; num largo porvir, numa casa cheia de ação, em filhos e, quem sabe, até uns netos. E eles, dois velhinhos, acalentando ao sol a sobremesa da vida!

José Antonio começou a faltar aos encontros, e uma vez, aos repetidos requerimentos da sua namorada, de que a deixasse se é que já não a queria como ao princípio, se é que não ia começando a querê-la como ao princípio, respondeu com os olhos fixos no seixo do chão: «Tanto te empenhas, que no final...» Partiu ela uma vez mais a chorar. E é que então, com brutalidade de varão: «Se vais dar-me todos os dias estas funções de lágrimas, sim eu deixo-te». José Antonio não entendia de amor de lágrimas.

Soube um dia Matilde que o seu noivo cortejava outra, uma das suas mais íntimas amigas. E disse-lho. E não voltou José Antonio.

<sup>11</sup> ...Es que me echas? Nesta interrogação manteve-se o verbo “ser” alterando-se o tempo verbal do Presente, em espanhol para o Futuro em português. A tradução não é à letra e a pergunta faz mais sentido no Futuro na língua portuguesa.

<sup>12</sup> “...más grande.” Utilizámos a técnica de tradução *redução* para produzir uma tradução mais concisa por razões estruturais à própria língua portuguesa.

E dizia à sua mãe a pobre:

- Eu estou muito mal, mãe; eu morro...!

- Não diga asneiras, filha; eu estive à tua idade muito pior que tu; fiquei pele e osso<sup>13</sup>.

E vês como vivo. Isso não é nada. Claro, empenhas-te em não comer...

Mas a sós no seu quarto e entre lágrimas silenciosas pensava a mãe: «Bruto, mais que bruto! Porque não aguardou um pouco..., um pouco, sim, não muito... Está matando-a...antes de tempo...».

E iam-se os dias, todos iguais, unânimes, cada um levando um pedaço da vida de Matilde<sup>14</sup>.

Aproximava-se o dia de Nossa Senhora da Fresneda, em que ia todo o povo à venerada ermita, onde se rezava, pedia cada qual pelas suas próprias necessidades, e era uma volta e mais uma de romaria, entre bailes, saltitos, cantigas e relinchaes. Voltavam os moços de mão dada, de braço dado com as moças, abraçados a elas, cantando, brincando, gritando jubilosamente<sup>15</sup>, saltitando. Vinham numa de beijos roubados<sup>16</sup>, esfreganços, apertões. E os mais velhos riam-se recordando e relembando as suas mocidades.

- Olha, filha – disse à Matilde sua mãe – ; está perto o dia de Nossa Senhora; prepara o teu melhor vestido. Vais pedir-lhe que te dê apetite.

- Não será melhor, mãe, pedir-lhe saúde?

- Não, apetite, filha, apetite. Com ele voltará a saúde. Não convém pedir demasiado nem mesmo à Virgem. É necessário pedir pouco a pouco; hoje uma migalha, amanhã outra. Agora apetite, que com ele te virá a saúde, e logo...

- Logo o quê, mãe?

- Logo um namorado mais decente e mais agradecido que esse bárbaro do José Antonio.

<sup>13</sup> “...me quedé en puros huesos...” Estamos perante mais uma expressão idiomática. O equivalente encontrado em português segue o mesmo padrão do original em língua espanhola, as mesmas imagens. Imagens de um corpo cheio de fome em que os ossos são o que salta à vista. A personagem que profere a frase di-la com o intuito de chocar o recetor da mensagem que é a sua filha e que se encontra doente por não querer comer.

<sup>14</sup> “...llevándose cada uno un jirón de la vida de Matilde.” Há uma troca de lugar logicamente propositada no texto traduzido de “um” e “um”, evitando assim a repetição de palavras homógrafas. Isto é, o numeral e o artigo indefinido ficaram separados pela forma verbal “levando”. No texto original evita-se esta confusão porque estes dois elementos da frase não são palavras homógrafas.

<sup>15</sup> “...jijeando...” Para traduzir o texto original decidimos optar por uma *ampliação linguística* (juntando mais palavras ao original). Foi a forma encontrada que mais se assemelha à situação descrita pelo autor.

<sup>16</sup> “Era una de besos robados...” A expressão em língua portuguesa que melhor retrata o que o autor descreve nestas palavras será “Vinham numa de beijos roubados...” Na tradução trocou-se o verbo inicial “ser” pelo verbo “vir” e passou de singular a plural. Deve-se a modificação ao facto de a cena ter vários intervenientes e não ser pertinente manter o singular na língua portuguesa.

- Não fale mal dele, mãe!

- Que não fale mal dele! E dizes-mo tu? Deixar-te a ti, minha cordeira, e por quem? Por essa remelosa da Rita?

- Não fale mal de Rita, mãe, que não é remelosa. Agora é mais bonita que eu. Se José Antonio já não me queria, para que é que continuava a vir falar comigo?<sup>17</sup> Por compaixão? Por compaixão, mãe, por compaixão? Eu estou muito mal, sei-o, muito mal. À Rita dá gosto vê-la, tão colorida, tão fresca...

Cala-te, filha, cala-te! Colorida? Sim, como o tomate. Basta, basta!

E saiu a chorar a mãe.

Chegou o dia da festa. Matilde compôs-se o melhor que pôde, e até pôs, a pobre, pó de arroz nas bochechas. E subiram mãe e filha à ermita. A trechos tinha a moça de apoiar-se no braço da sua mãe; outras vezes sentava-se. Olhava o campo como por despedida, e isto ainda sem sabê-lo.

Tudo era em torno alegria e verdura. Riam os homens e as árvores. Matilde entrou na ermita, e num canto, com os ossos e os joelhos cravados nas lousas do chão, apoiados os ossos dos cotovelos na madeira de um banco, ofegante, rezou, rezou, rezou, contendo as lágrimas. Com os lábios balbucia uma coisa, com o pensamento outra. E apenas se via o rosto resplandecente de Nossa Senhora, onde se refletiam as chamas dos círios.

Saíram da penumbra da ermita para o esplendor<sup>18</sup> luminoso do campo e empreenderam o regresso. Voltavam os moços, como potros desbocados, saciando apetites acariciados durante meses. Corriam moços e moças, excitando com os seus guinchos estas àqueles que as perseguiam. Tudo era esfreganços, roçadelas e apalpadelas sob a luz do sol.

E Matilde olhava tudo tristemente, e mais tristemente ainda olhava a sua mãe, a viúva.

- Eu não podia correr se assim me perseguissem – pensava a pobre moça – , eu não podia provoca-los e atijá-los com as minhas correrias e os meus guinchos...Isto é que vai ser<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> "... para qué iba a seguir viniendo a hablar conmigo?" Efetuaram-se várias modificações na tradução desta interrogação. Primeiramente, o verbo "seguir" é trocado pelo verbo "continuar", dois verbos de ação. Em seguida apresenta-se, no texto original, o verbo "venir" no gerúndio e é traduzido para o infinitivo "vir" no texto final. Estas operações surtem efeito, quanto a nós, para assim não se perder a intensidade textual. Neste momento do texto a personagem José Antonio está no centro da discussão entre mãe e filha.

<sup>18</sup> "Salieron de la penumbra de la ermita al esplendor..." Na frase em questão modificou-se a contração da preposição "a" com o artigo definido "el" para a preposição "para". Foi a forma encontrada que melhor se enquadra no ritmo da ação textual da tradução.

<sup>19</sup> "Esto se va." Foi encontrada na língua portuguesa um equivalente para esta expressão que nos pareceu a mais adequada ao teor do texto porque traduzir literalmente o original a frase perderia o sentido.

Cruzaram-se com José Antonio, que passava junto a elas acompanhado de Rita<sup>20</sup>. Os quatro puseram os olhos no chão<sup>21</sup>. Rita empalideceu, e o último arrebol, um arrebol de ocaso acendeu as bochechas a Matilde, onde a brisa tinha borrado o blush.

Sentia a pobre moça à sua volta o respeito espesso: um respeito terrível, um respeito trágico, um respeito inumano e cruelíssimo. Que era aquilo? Era compaixão? Era aversão? Era medo? Oh, sim; talvez medo, medo talvez! Infundia temor; ela, a pobre miudinha de vinte e três anos! E ao pensar neste medo inconsciente dos outros, neste medo que inconscientemente também adivinhava nos olhos dos que ao passar a olhavam, gelava-a de medo, de outro mais terrível medo, o coração.

Assim que traspôs o umbral da zona solarenga<sup>22</sup> de sua casa, encostou a porta, deixou-se cair no assento, desfez-se em lágrimas e exclamou com a morte nos lábios.

- Ai minha mãe; minha mãe, como estarei! Como estarei, que nem sequer brincaram comigo os moços! Nem por atenção, nem por compaixão, como a outras; como às feias! Como estarei, Virgem santa, como estarei! Nem comigo brincaram..., nem brincaram os moços como outrora! Nem por compaixão, como às feias! Como estarei, mãe, como estarei!

- Bárbaros, bárbaros e mais que bárbaros! – dizia a viúva – . Bárbaros, não brincar com ela...! Que lhes custava? E logo a todas essas remelosas... Bárbaros!

E indignava-se como ante um sacrilégio, que o era, por ser a brincadeira nestas festas um rito sagrado.

- Como estarei, mãe, como estarei que nem por compaixão comigo sequer brincaram os moços!

Passou a noite chorando e ansiando e na manhã seguinte não quis olhar-se ao espelho. E a Virgem de Fresneda, Mãe de compaixões, ouvindo os rogados de Matilde, aos três meses da festa levava-a para que brincasse com os anjos.

<sup>20</sup> “...que pasaba junto a ellas acompañado al paso a Rita.” Foi ocultado do original a palavra “paso” e o gerundio “acompañando” foi transformado no adjetivo “acompanhado”. As decisões tomadas têm o intuito de aproximar os textos nas duas versões, pois é-nos impossível fazer uma tradução *à la lettre*.

<sup>21</sup> “Los cuatro bajaron los ojos al suelo.” Nesta frase trocou-se o verbo “bajar” pelo verbo “pôr”. A questão prende-se à estética literária. É mais correto e usual dizer-se que se “puseram os olhos no chão” que baixaram os olhos ao chão. O português utiliza uma metáfora para descrever a situação.

<sup>22</sup> “...la solana...” Uma vez mais, assistimos a uma *ampliação linguística* para resolver um problema lexical. A falta de uma única palavra em português para traduzir o texto é um obstáculo que tivemos de driblar.

## O simples dom Rafael

### Caçador e voltaretista<sup>23</sup>

Sentia resvalar as horas, vazias, aéreas, deslizando sobre a recordação morta daquele amor de antigamente. Muito longe, detrás dele, dois olhos já sem brilho entre névoas. E um eco vago, como o do mar que rompe para lá da montanha, de palavras olvidadas. E acolá, por debaixo do coração, sussurro de águas subterrâneas. Uma vida vazia, e ele sozinho, inteiramente sozinho. Sozinho com a sua vida.

Tinha para justificá-la nada mais que a caça e o voltarete. E nem por isso vivia triste, pois a sua simplicidade heroica não se compadecia com a tristeza. Quando algum companheiro de jogo, depreciando um apenas, ia buscar uma só carta para continuar a jogatana<sup>24</sup>, costumava repetir dom Rafael que há coisas que não se devem ir buscar: vêm elas sozinhas. Era providencialista; quer dizer, cria no poderio do acaso. Talvez por crer em algo e não ter a mente vazia.

- E porque não se casa você? – perguntou-lhe à boca pequena a sua governanta<sup>25</sup>.
- E porque me hei-de casar?
- Por acaso não vai você desencaminhado?
- Há coisas, senhora Rogelia, que não se devem buscar: vêm elas sozinhas.
- E quando menos se pensa!
- São assim as vazas!<sup>26</sup> Mas, olhe, há uma razão que me faz pensar nele...
- Qual?
- A de poder morrer tranquilo *ab intestato*.
- Vá uma razão! – exclamou a ama alarmada.

<sup>23</sup> “...tresillista” “O voltarete é um jogo de cartas, de vaza, que exige dos jogadores reflexão e alguma estratégia. Os três parceiros fazem lanços em leilão de que resulta um contrato de jogo. Em Portugal, o voltarete esteve na moda nos séculos XVIII, XIX e no primeiro quartel do século XX. Terá chegado ao Brasil no início do século XIX. Jogos seus congêneres estão referenciados: “*El tresillo* em Espanha, *jeu de l’homme* em França e *rocambor* na América Latina espanhola, entre outros.”

<http://www.sitiodolivro.pt/pt/livro/o-voltarete/9789899844827/>. Consultado a 22 de Agosto de 2015.

<sup>24</sup> “...dar bola...” Expressão idiomática espanhola que foi substituída por uma portuguesa, mantendo-se o sentido do texto e da descrição feita pelo autor/narrador. Revela o vício das cartas de Dom Rafael.

<sup>25</sup> “...le preguntó alguna vez con la boca chica su ama de llaves.” A “ama de llaves” era a criada responsável pelas chaves e pelas economias que os patrões lhes davam para o governo da casa. Traduzimos para o equivalente cultural “governanta”. Na frase foi omitida a expressão “alguna vez” para evitar a falta de naturalidade na língua portuguesa.

<sup>26</sup> “Así se dan las bolas!” Modificou-se o verbo dar; “dan” e utilizámos o verbo ser; “São...” Alterou-se a posição destes mesmos tempos verbais do meio da frase para o princípio.



- Para mim a única válida- respondeu o homem, que pressentia não valerem as razões, senão o valor que se lhes dá.

E uma manhã de primavera, ao sair, com acaque da caça, a ver nascer o sol, um envoltório na porta de sua casa. Encurvou-se para melhor se precatar, e de dentro, um ligeiríssimo sussurro, como de coisas olvidadas. O rolo removiu-se. Levantou-o; estava morno; abriu-o: era uma criatura de horas. Ficou a olhá-lo, e o seu coração pareceu sentir, já não o sussurro, senão a frescura das suas águas subterrâneas. Grande caça que se me parou no destino! , pensou.

Virou-se com o envoltório em braços, a escopeta à bandoleira, subindo as escadas em bicos de pés para não acordar aquilo, e chamou em voz baixa várias vezes.

- Aqui trago isto – disse-lhe a governanta.

- E isso, que é?

- Parece uma criança...

- Parece sozinha...?

- Deixaram-no à porta da rua.

- E que fazemos com ele?

- Pois...que vamos fazer? Bem claro está, criá-lo!

- Quem?

- Os dois.

- Eu? Eu, não!

- Procuremos uma ama-de-leite.

- Mas está você no seu juízo perfeito, senhor?<sup>27</sup> O que há a fazer é dar parte ao juiz, e quanto a isso, Hospício com ele.

- Pobrezinho! Isso é que não!<sup>28</sup>

- Enfim, você manda.

Uma mãe vizinha emprestou-lhe caritativamente as primeiras mamadas<sup>29</sup>, e logo o médico de dom Rafael encontrou uma ama-de-leite: uma rapariga solteira que acabava de dar à luz um menino morto.

<sup>27</sup> "...señorito!" Traduziu-se para "senhor" porque não é usual o tratamento de senhor com o sufixo -ito, sufixo de origem árabe, na língua e cultura de chegada, o português. Perde-se o sentido original de señorito.

<sup>28</sup> "Eso sí que no." O adverbio "sí" que fortalece a negação do fim da frase não consta da tradução porque se optou pela sua substituição por uma forma verbal do verbo *ser*.

<sup>29</sup> "...primeras leches..." Nesta altura do texto, o bebé que dom Rafael adotara começava a mamar. O texto original dá ênfase ao leite que é dado pela ama. Por outro lado, a tradução realça o ato de mamar que é originado pelo bebé.

Como ama-de-leite, excelente – disse-lhe o médico –, e como pessoa, já vê, um deslize assim pode ocorrer a qualquer um.

- A mim não – respondeu com a sua simplicidade característica dom Rafael.

- O melhor seria – disse a governanta – que o levasse para a sua casa e o criasse.

- Não – replicou dom Rafael –, isso tem graves perigos; não me fio na mãe da menina. Aqui, aqui, debaixo da minha vigilância. E não há que dar desgostos à menina, senhora Rogelia, que disso depende a saúde da criança. Não quero que por um sufoco de Emilia passe o anjinho por uma dor de barriga<sup>30</sup>.

Era Emilia, a ama-de-leite<sup>31</sup>, de vinte anos, alta, aciganada, com um sorriso perpétuo nos olhos, cuja negrura realçava o marco de ébano do cabelo que lhe cobria as têmporas como duas esponjosas asas de corvo, entreabertos e húmidos os lábios ginja, e uns andares de galinha a quem o galo ronda.

- E como o vai batizar você, senhor? – perguntou-lhe a senhora Rogelia.

- Como meu filho<sup>32</sup>.

- Mas, está louco<sup>33</sup>?

- O que importa<sup>34</sup>!

- E se amanhã, por essa medalha que leva e essas contrassenhas, aparecem os seus verdadeiros pais...?

- Aqui não há mais pai nem mãe senão eu<sup>35</sup>. Eu não procuro meninos, como não

<sup>30</sup> “...un dolor de tripas.” Estamos perante mais uma expressão idiomática. O equivalente cultural em português para “dolor de tripas” é a expressão “dor de barriga”. Apesar de tripas também ser uma palavra que consta do léxico português, não é empregado neste caso. <http://www.rae.es/> acedido a 25 de Agosto de 2015.

<sup>31</sup> “...nodriza.” Conhecida em Portugal como “ama-de-leite”, foi esta quem alimentou o bebé da história. Ama-de-leite é a mulher que amamenta uma criança quando a mãe biológica está impossibilitada de o fazer. Neste caso, nem se sabia quem era a mãe da criança. <http://www.rae.es/> acedido a 25 de Junho de 2015.

<sup>32</sup> “...hijo mio.” Neste caso trocaram de posições o pronome possessivo e o nome. Prende-se a uma questão de estética.

<sup>33</sup> “...está usted loco?” Nesta altura do texto, acontece um diálogo entre a governanta e dom Rafael, as personagens estão a ter uma conversa onde se percebe, naturalmente, quem fala e para quem fala. Decidiu-se ocultar o pronome pessoal no texto de chegada porque a sua presença não acrescentaria sentido ao texto, tal como a sua omissão nada retira. A tradução não perde com esta omissão.

<sup>34</sup> “¡Qué más da!” Esta expressão idiomática que foi traduzida para português como: “Que importa!” é uma exclamação que nos faz sentir que há na resposta um certa indiferença por parte de dom Rafael.

<sup>35</sup> “Aquí no hay más padre ni madre que yo.” Na frase que traduzimos mudámos o pronome relativo “que” e introduzimos um advérbio “senão”. O advérbio na frase traduzida em português dá uma força à frase que em espanhol o autor deu com um pronome relativo. Dom Rafael, a personagem que profere estas palavras, fá-lo de uma forma determinada, com uma tomada de posição em relação ao assunto em causa e foi isso que tentámos dar com esta modificação.

procuro fazer todas as vazas<sup>36</sup>; mas quando vêm...sou livre. E creio que esta do azar é a mais pura e livre das maternidades. Não me cabe a culpa de que tenha nascido, mas terei o mérito de fazê-lo viver. Há que crer na Providência pelo menos para crer em algo, que isso consola, e além do mais assim poderei morrer tranquilo *ab intestato*, pois já tenho quem me herde forçosamente.

A senhora Rogelia mordeu os lábios, e quando dom Rafael foi batizar<sup>37</sup> e registrar o menino como seu filho deu que rir à vizinhança e a ninguém que suspeitar malícia alguma: tão conhecida era a sua transparente ingenuidade quotidiana. E a governanta teve, para mal do seu agrado, de conformar-se e concordar com a ama-de-leite.

Já tinha dom Rafael algo mais em que pensar que na caça e no voltarete; já estavam os seus dias cheios. A casa que se encheu de uma vida nova, luminosa e simples. E até perdeu alguma noite de sono e descanso passeando o bebê para calá-lo.

- É formoso como o sol, senhora Rogelia. E também não tivemos má sorte com a ama, parece-me.

- Com que não volte aos maus costumes...

- Disso me encarrego eu. Seria uma picardia, uma deslealdade: deve-se ao menino. Mas, não, não: está desenganada do imbecil do seu noivo, um babanca de marca maior a quem já aborrece...

- Não se fie você..., não se fie você...

- A quem lhe vou pagar a passagem para a América. E ela é uma pobrezinha...

- Até que volte a ter ocasião...

- Digo que o evitarei!

- Pois como ela queira...

- Ah, quanto a isso sim! Porque lhe hei-de dizer a verdade, a verdade é que...

- Sim, suponho-a.

- Mas, acima de tudo, respeito ao meu filho!

Emilia nada tinha de lerda e estava deslumbrada com o rasgo heroicamente simples daquele solteirão semi-dormente. Afeiçoou-se desde princípio com a cria como se fosse mesmo sua mãe. O pai putativo e a ama-de-leite natural passavam largos bocados,

<sup>36</sup> "...busco bolas;" Uma vez mais estamos perante uma ampliação linguística. Na impossibilidade de traduzir tão simplesmente como o original, optou-se por acrescentar palavras à tradução para expressar o mesmo conteúdo sintático.

<sup>37</sup> "...hizo bautizar..." Há uma troca verbal. O texto original apresenta o verbo *fazer*, já o texto final resulta o verbo *ir*. São verbos de ação e a utilização dos dois em diferentes idiomas têm a ver com a idiossincrasia de cada língua. O verbo que está no enunciado espanhol, neste caso, não se adequa à língua de chegada, o português.

ladeando<sup>38</sup> o berço, contemplando o sorriso do sonho do menino quando este fazia como se mamasse.

- O que é o homem! – dizia dom Rafael...

E cruzavam-se os seus olhares. E quando, tendo-lhe ela, Emilia, nos braços, ia ele, dom Rafael, beijar o menino, com o beijo já preparado na boca roçava quase a bochecha da ama-de-leite, cujos risos de ébano afluíam a testa ao pai. Outras vezes ficava contemplando algum do branco par de seios, turgentes de vida que se oferece, com o serpenteio azul das veias que do pescoço desciam, e sustendo entre os aguçados dedos índice e coração como em forquilha. Dobrava-se sobre ele um pescoço de pomba. E então também o consumia a vontade de beijar o filho, e a sua testa, ao tocar o seio, fazia-o tremer.

- Ai, o que sinto é que em breve terei que deixar-te, sol meu! – exclamava ela, apertando-o contra o seu seio e como se ele entendesse.

Calava-se perante isto dom Rafael.

E quando cantava ao menino, embalando-o, aquela velha cantoria paradisíaca que, ainda transmitindo-se-lha de coração a coração as mães, cada uma destas cria e inventa de novo, eternamente nova poesia, sendo a mesma sempre, a única, como o sol, traía-lhe dom Rafael como uma deixa da sua infância esquecida nas lonjuras da recordação. Balanceava-se o berço e com ele o coração do pai ao azar, e mexia-se-lhe naquele canto...

*que vem o papãooooo<sup>39</sup>...*

com o sussurro das águas de baixo do seu coração...

*a levar aos meninos...*

que ia também dormindo...

*que não dormem nãoooooo...*

---

<sup>38</sup> "...a sendos lados..." Optou-se por uma redução, passando a expressão de três para uma só palavra na tradução. Importante é revelar o facto de na tradução se ter optado pelo gerúndio, o que revela que estamos durante uma ação.

<sup>39</sup> "...cocooooo..." Neste momento a ação revela-nos que está um berço a ser empurrado e à criança se canta uma cantiga infantil onde vem expressa a figura do imaginário infantil que atormenta as crianças, o papão. Neste caso, como se trata de uma canção, papão é cantado em forma de embale e tem uma quantidade maior de letras (o) no final para dar conta que é uma canção.

entre as brandas nuvens do seu passado...

*ah, ah, ah, aaaaaah!*

«Que boa mãe faz!», pensava.

Alguma vez, falando do contratempo que a fez ama-de-leite, perguntou-lhe dom Rafael:

- Mas, rapariga, como pode ser isso?
- Já vê você dom Rafael! – e rosava-se-lhe leve, muito levemente o rosto.
- Se tens razão, já o vejo!

E chegou uma enfermidade terrível, dias e noites de angústia. Enquanto durou aquilo fez dom Rafael que Emilia se deitasse com o menino no seu quarto. «Mas senhorito – disse ela –, como quer você que eu durma ali...» «Pois é muito simples – respondeu ele, com a sua simplicidade do costume –, dormindo!»

Porque para aquele homem, toda simplicidade, tudo era simples.

Por fim, o médico deu por salvo o menino.

- Salvo! – exclamou dom Rafael com o coração transbordante, foi abraçar Emilia, que chorava de espanto de felicidade.

- Sabes uma coisa – disse-lhe sem soltar de todo o abraço e olhando o menino que sorria em floração de convalescença.

- Você dirá – respondeu ela, enquanto o coração se lhe punha a galope.

- Que visto que estamos os dois livres e sem compromisso, pois não creio que penses mais naquele inepto que nem sequer sabemos se chegou ou não a Tucumán, e já que somos eu pai e tu mãe, cada um com seu respeito, do mesmo filho, nos casemos e assunto concluído.

- Mas, dom Rafael! e pôs-se corada.

Olha, rapariguita, assim poderemos ter mais filhos...

O argumento era algo especioso, mas persuadiu Emilia. E como viviam juntos e não era coisa de se conter por uns dias fugitivo – que importa! – aquela mesma noite fizeram do

menino sucessor<sup>40</sup> e muito pouco depois se casaram como a Santa Madre Igreja e o providente Estado mandam.

E foram no que o humano cabe – e não são pouco! – felizes, e tiveram dez filhos mais, uma bênção de Deus, com o qual pode morrer tranquilo *ab intestato*, por ter já quem forçosamente os herdarão, o simples dom Rafael, que de caçador e voltaretista passou de dois brincos a pai de família. E é o que ele costumava dizer como resumo da sua filosofia prática: há que dar ao acaso o que é seu!

---

<sup>40</sup> “...le hicieron sucesor al niño...” O que sucedeu neste ponto da tradução é que o complemento direto trocou de posição com o complemento indireto. Passando, assim, a palavra “sucessor”, na tradução, para o final da oração. Esta opção foi tomada tendo em conta “a necessidade da tradução cultural, a anteceder a tradução interlingue” (Conceição Lima, 2010: 91).

## Ramón Nonnato, suicida

Quando farto de chamar à porta do seu quarto entrou, forçando-a, o criado, encontrou o seu amo lívido e frio na cama, com um fio de sangue que destilava da têmpora direita, e junto a ele, aquele retrato de mulher que trazia constantemente consigo, quase como um amuleto, e em cuja contemplação passava tantas horas.

E foi na véspera<sup>41</sup> daquele dia de Outono cinzento, a ponto de se pôr o dia, que Ramón Nonnato se suicidara com um tiro<sup>42</sup>. Tinham-no visto antes, pela tarde, passear sozinho, segundo tinha por costume, à beira do rio, perto da sua desembocadura, contemplando como as águas levavam ao acaso as folhas amarelas que desde os álamos marginais iam cair para sempre, para nunca mais voltar, nelas. «Porque as que na Primavera próxima, a que não verei, voltem com os pássaros novos às árvores, serão outras», pensou Nonnato.

Ao espalhar-se a notícia do suicídio houve uma única e compassiva exclamação: Pobre Ramón Nonnato! E não faltou quem juntasse: Suicidou-o o seu defunto pai.

Poucos dias antes de se dar assim à morte tinha pago Nonnato a sua última dívida com o produto da venda da última quinta que lhe ficara das muitas que de seu pai herdou, e era o solar da sua mãe. Antes esteve nela ali sozinho durante um dia inteiro, chorando o seu desamparo e a falta de uma recordação, com um velho retrato de sua mãe entre as mãos. Era o retrato que trazia sempre consigo, sobre o peito, imagem de uma esperança que para ele tinha sempre sido recordação, sempre.

O pobre homem tinha desbaratado a fortuna que o seu pai lhe deixara em loucas especulações endereçadas a acrescentá-la, em fantásticas combinações financeiras e bolsistas, enquanto vivia com uma modéstia raiana na pobreza e cingido de privações. Pois apenas gastava mais do que o preciso para se sustentar com um discreto decoro, e fora disto

---

<sup>41</sup> “Y era que en la vispera...” Houve uma troca no tempo do verbo. O original apresenta o verbo *ser* no pretérito imperfecto del indicativo. Na tradução, aplica-se o pretérito perfeito do indicativo do verbo *ser*. Foi a forma verbal que nos pareceu mais ajustada ao português. A componente cultural foi determinante nesta opção de traduzir.

<sup>42</sup> “... se había pegado un tiro.” Neste caso optou-se por dar a informação ao nosso leitor de que Ramón Nonnato se tinha suicidado. O texto em espanhol apenas diz que ele levou um tiro, não diz que foi mortal. O tradutor aproveita-se de uma primeira leitura, onde tem a certeza que o tiro é fatal, para desvendar o mistério do tiro. A alusão ao suicídio só aparece no parágrafo seguinte no texto de partida.

em caridades e favores. Porque o pobre Nonnato, tão avaro para consigo mesmo, era um extremo liberal e pródigo para com os demais: sobretudo com as vítimas de seu pai.

A razão da sua conduta era que procurava<sup>43</sup> aumentar o mais possível a sua fortuna, fazê-la enorme e empregá-la depois em grande parte ao serviço da cultura pública, para redimi-la assim do seu pecado de origem. Não lhe parecia bastante havê-la distribuído em pequenas caridades e muito menos ter tratado de cancelar os danos do seu pai. Não é possível recolher a água derramada.

Levava sempre fixas na mente as últimas palavras que ao morrer lhe dirigiu seu pai, e foram assim:

- O que sinto, meu filho, é que esta fortuna, tão trabalhosamente fraguada e cimentada por mim, esta fortuna tão bem repartida, e que é, ainda que tu não o creias, uma verdadeira obra de arte, se vá desfazer em tuas mãos. Tu não herdaste o meu espírito, nem tens amor ao dinheiro, nem entendes de negócios. Confesso ter-me equivocado contigo.

«Afortunadamente», pensou Nonnato ao ouvir estas últimas palavras do seu pai. Porque, com efeito não tinha logrado este infundir-lhe o seu forte e sombrio amor ao dinheiro, nem aquela sua afeição para o negócio, que lhe fazia preferir os ganhos de três com engano legal à de quatro sem ele.

E visto que o<sup>44</sup> pobre Nonnato tinha sido o advogado dos processos em que continuamente se metia aquele homem terrível: um advogado gratuito, claro. Na qualidade de advogado do seu pai, é como Nonnato teve de penetrar nos mais recônditos meandros do antro do usureiro, trevas húmidas de onde acabou de se lhe entristecer a alma, presa de uma escravidão irresgatável. Nem podia libertar-se, pois, como resistir ao olhar cortante e frio daquele homem de rapina<sup>45</sup>?

Anos tétricos os da carreira do pobre Nonnato, daquela carreira odiada que estudava obrigado pelo seu pai. Quando durante os verões ia de férias à sua terra costeira, depois daquele tenebroso ciclo de estudos, passado numa miserável casa de um dos devedores do seu pai, que assim lhe sacava mais interesses que empréstimos, ia Nonnato sozinho à beira-mar consolar a sua solidão com a solidão do oceano e esquecer as tristezas da terra. O mar

---

<sup>43</sup> “...buscaba aumentarlo más posible su fortuna...” O que aqui está em causa é a naturalidade e a fluência linguística. O verbo *buscar* que aparece no texto de partida é trocado pelo verbo *procurar*. Esta troca deve-se apenas ao facto de se tornar mais natural no texto de chegada ao leitor português, pois o verbo *buscar* é concomitante a ambas as línguas.

<sup>44</sup> “Y eso que el...” Tentou-se dar um sentido mais coloquial à frase porque, neste momento, o texto assim o pedia.

<sup>45</sup> “...hombre de presa?” O autor introduz um conceito vindo da ornitologia e compara uma personagem a um tipo de ave que se alimenta de carne. <http://www.rae.es/> acedido a 26 Agosto de 2015.



tinha-o sempre chamado como uma grande mãe consoladora, e sentado à sua beira, sobre uma rocha cingida de algas, contemplava o retrato aquele da sua pobre mãe, fingindo que o canto embalador das ondas era o arrulho do berço que não lhe tinha sido concedido ouvir na sua infância.

Ele tinha querido fazer-se marino para fugir melhor da casa do seu pai, para cultivar a solidão da sua alma; mas o seu pai, que necessitava de um advogado gratuito, obrigou-o a estudar leis para torcê-las, renunciando ao mar. Eis o tétrico dos seus anos de carreira.

E ainda não teve neles o consolo de refrescar a alma a sós com a recordação das suas mocidades, porque estas tinha-as passado como uma só noite de inverno num deserto de gelo. Só, sempre só com aquele pai que apenas lhe falava se não fosse dos seus feios negócios e que de quando em quando lhe dizia: «Porque isto faço-o por ti, principalmente por ti, quase só por ti. Quero que sejas rico, muito rico, imensamente rico e que possas casar-te com a filha do mais rico desses ricos que nos depreciam». Mas o rapaz sentia que aquilo era mentira, e que ele era senão um pretexto para que o seu pai se justificasse ante si mesmo, no foro da sua consciência, a sua usura e a sua avareza. E foi então, naquela tétrica mocidade, quando deu com o retrato da sua mãe e começou a dedicar-lhe culto. O pai, por seu turno, jamais lhe falou dela.

E o pobre moço, que ouvia os seus companheiros falar das suas mães, tratava de figurar como poderia ter sido a sua. E interrogava em vão aquela antiga servente, seca e dura, a confidente do seu pai, a que lhe havia tomado dos braços da sua ama-de-leite, a que não tinha voltado a ver. Nunca a ouviu cantar àquela mulher sobranceira e teimosamente silenciosa. E era ela a que se perdia nas suas mais remotas recordações de meninice.

Meninice! Não a havia tido. A sua meninice foi um só dia comprido, um dia cinzento e frio de uns quantos anos, porque todos os seus dias foram iguais e iguais as horas todas de cada um dos seus dias. E a escola não menos tétrica que o seu lar. Dirigiam-lhe<sup>46</sup> piadas ferozes, como são as piadas infantis, acerca das manhas de seu pai. E como o viram uma vez chorar quando lhe chamaram filho do usureiro, redobram os escárnios<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> “En ella le dirigían...” Optou-se por omitir a preposição “en” e o pronome pessoal “ella”, porque no campo semântico não acrescenta nada à informação textual. A tradução tem todas as informações que o leitor necessita.

<sup>47</sup> “...las burlas.” Estamos perante um falso amigo. As duas línguas, pela proximidade que têm, estão cheias destas palavras com a mesma grafia e sentido diferente. No caso do texto original, a tradução revela o que quer dizer a palavra “burlas”. Palavra que na língua de chegada, o português, significa um ato fraudulento, um engano. O tradutor tem de estar atento a estas situações. <http://www.rae.es/> acedido a 27 de Agosto de 2015. <http://www.infopedia.pt/> acedido a 27 de Agosto de 2015.

A ama-de-leite havia-o deixado enquanto pôde porque não lhe pagavam o seu serviço em rigor. Era o modo que tinha o usureiro de cobrar uma dívida ao marido dela. E assim, em vez de pagar-lhe as mesadas por dar leite do seu peito ao pobrezito Nonnato, iam-se-lhas descontando do que o seu marido lhe devia.

Tinham sacado Ramón Nonnato do cadáver morno da sua mãe, que morreu pouco antes de quando o haveria de dar à luz, quarenta e dois anos antes do dia aquele em que se suicidou. E é, pois, que tinha nascido com o suicídio na alma.

A pobre mãe! Quantas vezes em seus últimos dias de vida se iludia com o filho tão esperado que haveria de ser um raio de sol naquele lar tenebroso e frio e haveria de mudar a alma daquele homem terrível! «E pelo menos – pensava – não estarei já só no mundo, e cantando ao meu menino não ouvirei o ranger do dinheiro nesse quarto dos segredos! E quem sabe..., acaso mude!»

E sonhava em levá-lo nos dias claros à beira-mar e ali dar-lhe o peito frente ao peito palpitante da ama-de-leite da terra, unindo o seu canto ao eterno canto de berço onde tantas dores da trabalhada linhagem humana adormeceram.

Como se encontrou casada com aquele homem? Nem ela o sabia. Coisa de família, de seu pai, que tinha negócios obscuros com ele que foi logo seu marido. Suspeitava de algo pavoroso, onde não queria entrar. Recordava um dia, depois de vários em que a sua mãe teve continuamente os olhos avermelhados<sup>48</sup> pelo pranto, chamou-a seu pai ao quarto das solenidades, e disse-lhe:

- Olha, minha filha<sup>49</sup>, minha salvação, a salvação da família toda depende de ti. Sem um sacrifício teu, não só a ruína completa, senão mais a desonra.

- Mande-me, pai – respondeu ela.

- É necessário que te cases com Atanasio, meu sócio.

A pobre, tremendo dos calcanhares à nuca, calou-se, e seu pai, tomando o seu silêncio por um outorgamento, acrescentou:

- Obrigado, filha, obrigado; não esperava eu outra coisa de ti. Sim, este sacrifício...

- Sacrifício? – disse ela para dizer algo.

- Oh, sim, minha filha, não o conheces, não o conheces como eu...!

<sup>48</sup> “...su madre tuvo de continuo enrojecidos...” Devido às necessidades expressivas das línguas, optou-se por introduzir um advérbio “continuamente” mantendo a raiz da palavra em questão.

<sup>49</sup> “...hija mía...” Sentiu-se a necessidade de trocar a ordem do pronome possessivo com o nome. A naturalidade linguística assim o exige.

## Caminhos cruzados

Entre duas filas de árvores a estrada perde-se no céu; sesteia uma aldeiazinha junto a um charco, em que o sol se encabrita, e uma cotovia, solitária, trepidando no azul sereno, diz a vida enquanto tudo se cala. O caminhante vai por onde dizem as sombras dos álamos; a trechos pára e olha, e logo continua<sup>50</sup>.

Deixa que o vento areje a sua cabeça branca de penas e anos, e anega as suas recordações dolorosas na paz que o envolve.

Prontamente<sup>51</sup>, o coração dá-lhe um rebate e detém-se tremendo como se fosse ante o mistério final da sua existência. Aos seus pés, sobre o solo, ao pé de um álamo e à beira do caminho, uma menina dormia um sono sossegado e doce. Chorou um momento o caminhante, logo se ajoelhou, depois sentou-se, e, sem tirar os olhos dos olhos cerrados da menina, velou-lhe o sono. E ele sonhava entretanto.

Sonhava noutra menina como aquela, que foi a sua raiz de vida, e que ao morrer numa manhã doce de primavera o deixou só no seu lar, levando-o a errar pelos caminhos, desenraizado.

Prontamente abriu os olhos para o céu a que dormia, virou-os ao caminhante, e como quem fala com um velho conhecido, perguntou-lhe: «E o meu avô?». E o caminhante respondeu: «E a minha neta?». Olharam-se nos olhos, e a menina contou-lhe que, ao morrer o seu avô, com quem vivia só – em solidão de companhia sozinhos –, partiu à sorte de casa, buscando... não sabia o quê..., mais solidão talvez<sup>52</sup>.

- Iremos juntos; tu buscar o teu avô; eu, a minha neta – disse-lhe o caminhante.
- É que o meu avô morreu! – a menina.
- Voltarão à vida e ao caminho – respondeu o velho.
- Então... vamos?

<sup>50</sup> “...y sigue luego.” Os verbos *seguir* e *continuar* são verbos de movimento, de ação. Trocou-se a posição entre os mesmos e o advérbio com o propósito da tradução ser o mais natural possível ao leitor do texto de chegada.

<sup>51</sup> “De pronto...” Juntou-se à raiz da palavra “pronto” o sufixo –mente e obtivemos um advérbio de modo. O advérbio exalta o próprio significado do verbo, ele é um elemento modificador.

<sup>52</sup> “...más soledad acaso.” Em espanhol, o advérbio “acaso” é um advérbio de dúvida. Optou-se pelo advérbio de dúvida em português: “talvez”, sai sem ser modificada a coesão textual e o sentido da frase. Cintra, Lindley e Cunha, Celso, *Nova Gramática Do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa, 17ª edição, 2002.

- Vamos, sim, até adiante, até levantar!

- Não, que assim chegaremos à minha terra e não quero voltar, que ali estou sozinha. Ali sei o sítio onde o meu avô dorme. É melhor ao poente, tudo direito.

- O caminho que trouxe? – exclamou o velho – . Voltar, dizes? Desandar o andado? Voltar às minhas recordações? Cara ao ocaso? Não, isso nunca! Não, isso é que não, antes morrermos!

- Pois então..., por aqui, entre as flores, pelos prados, por onde não há caminho!

Deixando assim a estrada foram a corta-mato, entre floridos campos – matricárias, cravinas, papoilas –, por onde Deus quisera.

E ela, enquanto chupava uma dedaleira com os seus lábios rosa, ia-lhe contando do seu avô como em longas veladas invernais lhe falava de outros mundos, do Paraíso, daquele dilúvio, de Noé, de Cristo...

- E como era o teu avô?

- Quase era como tu, um pouco mais alto<sup>53</sup>...; mas não muito, não creias..., velho..., e sabia canções.

Calaram-se os dois, seguiu um silêncio e rompeu-o o ancião dando à brisa que ia entre as flores este cantar:

*Os caminhos da vida  
vão do ontem ao amanhã  
mas os do céu, minha vida,  
vão ao ontem do amanhã.*

E ao ouvi-lo, a menina deu aos céus, como uma cotovia, esta fresca canção de primavera:

*Passarito, passarito,  
de onde vens?  
E o teu ninho, passarito,*

---

<sup>53</sup> “...algo más alto...” O pronome indefinido neutro “algo” foi traduzido pelo artigo indefinido “um” e pelo advérbio “pouco” . Tanto o original como a tradução são quantificadores.

*já não o tens?*

*Se estás só, passarito,  
como é que cantas?  
Quem buscas, passarito,  
quando te levantas?*

- Era assim como tu, um pouco mais pequena – disse chorando o velho –; era assim como tu..., como estas flores...

- Fala-me dela<sup>54</sup>, pois, fala-me dela!

E começou o velho a rever a sua vida, a rezar as suas recordações, e a menina por sua vez a assimilá-las, a fazê-los próprios.

«Outra vez...», começava ele, e ela, cortava-o, dizia: «Recordo-o!».

- O que é que recordas, menina?

Sim, sim; tudo isso me parece como se fosse algo que comigo se passou<sup>55</sup>, como se tivesse vivido eu outra vida.

- Talvez! – disse o ancião, pensativo.

- Ali há uma terra, olha!

E o caminhante viu após uma lomba fumo dos lares. Depois, ao chegar ao seu espinhaço, ao fundo, uma aldeia agachada em volta de um pobre campanário, cujos dois ocos como as suas duas sinetas, quais duas pupilas, pareciam olhar o infinito. No terreiro, um zagalejo loiro cuidava de uns bois que bebiam numa charca, que, qualquer que fosse o rasgão de terra, mostrava o céu subterrâneo, e neste outros dois bois – dois bois celestiais –, que vinham contemplar as suas sombras passageiras ou dar-lhes nova vida.

- Zagal, aqui há onde pernoitar<sup>56</sup>, diz-me? – perguntou o velho.

<sup>54</sup> “Cuéntame de ella,” Optou-se pela troca dos verbos do original para a tradução. Tomou-se esta opção por se aproximar mais do léxico da língua de chegada. Mesmo mudando o verbo, o sentido da frase não é alterado.

<sup>55</sup> “...algo que me pasó,” A frase foi modificada no que diz respeito ao complemento indireto. Enquanto no texto original é identificado com o pronome pessoal átono “me”, na tradução optou-se pelo pronome pessoal tónico “comigo”.

<sup>56</sup> “...hacer noche,” Por uma questão estética, decidiu-se utilizar uma só palavra, “pernoitar”, onde no texto original estão duas. Há que ressaltar que também há um equivalente direto em espanhol, que seria “pernoctar”, para a tradução portuguesa. Apesar de não haver uma equivalência direta, achou-se que, na língua de chegada faria todo o sentido a forma como se traduziu porque mantém a métrica.

- Nem de propósito! – disse o moço –. Essa casa ali está vazia; os seus donos emigraram, e hoje serve nada mais de guarida para a bicharada. Pão, vinho e fogo aqui nunca se nega ao que vem de passagem em busca da sua vida.

- Deus pagar-te-á, zagal, para a próxima!

Dormiram chegados e sonharam, o velho, com o avô da menina, e ela, com a netinha que perdera o pobre caminhante. Ao acordar olharam-se nos olhos, e como numa charca sossegada que nos descobre o céu subterrâneo, viram ali, no fundo, os seus respectivos sonhos.

- Visto que há que viver, se nos ficarmos por esta casa... A pobre está tão só! – disse o velho.

- Sim, sim; a pobre casa... Olha, avô, que a vila é tão bonita! Ontem, o campanário da igreja olhava-nos muito fixamente, como ia dizendo...

Nesta altura<sup>57</sup> soaram as sinetas. «Pai nosso que estais nos céus...» E a menina continuou: «Faça-se a tua vontade assim na terra como no céu!». Rezaram a uma voz. E saíram de casa, e disseram-lhes: «Vocês, que sabem fazer? Vejamos!

O velho fazia cestas, compunha mil coisas estragadas; as suas mãos eram ágeis; industrioso o seu engenho.

Sentava-se ao arrimo do lume: a menina fazia o fogo, e cuidando da panela ajudava-o. E falavam dos seus, da outra vida e de aquele outro avô. E era como se as almas dos outros, também desenraizadas, errantes pelas sendas dos céus, baixassem ao arrimo do lume do novo lar. E olhavam-nas silenciosas, e eram quatro, e não duas. Ou melhor, eram dois, mais dois pares. E assim viviam vida dupla: uma, vida do céu, vida de lembranças, e a outra, de esperanças da terra.

Iam-se pelas tardes à lomba, e de costas para a vila viam sobre o céu destacar-se, lá nas lonjuras, uns álamos que dizem o caminho da vida. Voltavam-se cantando.

E assim passava o tempo até que um dia – uns anos mais tarde – o velho ouviu outro canto junto a casa.

- Diz-me, quem canta esta canção, María?

- Talvez o rouxinol da alameda...

- Não, que é cantar de moço!

Ela baixou os olhos.

---

<sup>57</sup> “En este punto sonaron las chilejas.” A troca de palavras, apesar da equivalência, no que diz respeito a “punto”, na língua original e “altura” na tradução, deve-se unicamente a um fator de ordem rítmica. Pareceu-nos mais adequado à língua portuguesa utilizar a expressão: “Nesta altura...”. Ambas querem transmitir o agora, o imediato, o momento.

Esse canto, María, é um chilrear. Chamam-te a ti ao caminho e a mim a morrer. Deus os bendiga, menina!

- Avozinho! Avozinho! – e abraçava-o, cobria-o de beijos, olhava-o nos olhos para se encontrar<sup>58</sup>.

- Não, não, que aquela morreu, María! Também eu morro!

- Não quero, avô, que morras; viverás connosco...

- Convosco dizes-me? Teu avô? Teu avô, menina, morreu. Sou outro!

Não, não; tu és meu avô! Não te recordas quando eu, ao acordar sozinha e contar-te como escapei de casa, me disseste: Voltarão à vida e ao caminho? E voltaram!

- Voltaram ao caminho, sim, filha minha, e a ele nos chama essa canção do moço. Tu com ele, minha María, eu...com ela!

- Com ela, não! Comigo!

- Sim, contigo! Mas...com a outra!

- Ai, meu avô, meu avô!

- Ali te aguardo! Deus os bendiga, pois por ti tenho vivido!

Morreu naquela tarde o pobre ancião, o caminhante que alargou os seus dias; a menina, com os dedos que levavam flores do campo – matricárias, cravinas, papoilas – cerrou-lhe ambos os olhos, guardadores de sonho de outro mundo; beijou-os, chorou, rezou, sonhou, até que ouvindo a canção do caminho se foi a quem a chamava.

E o velho foi à terra: beber debaixo dela as suas recordações.

---

<sup>58</sup> “...le miraba a los ojos cual buscándose.” O pronome relativo “cual” é traduzido pela locução preposicional “para se”. Mudam-se também os verbos no final da frase. Em espanhol temos o verbo *buscar* e em português o verbo *encontrar*. Ambos os verbos exprimem a ideia de chegar até, ir em busca, ir ao encontro, alcançar. <http://www.rae.es> acedido em 20 de Agosto de 2015.

## O amor que assalta

Que é isso do Amor, de que estão sempre falando tantos homens e que é o tema quase único dos cantos dos poetas? É o que se perguntava Anastasio. Porque ele nunca sentiu nada que se parecesse ao que chamam Amor os namorados. Seria uma mera ficção, ou talvez um embuste convencional com que as almas débeis tratam de defender-se do vazio da vida, do inevitável aborrecimento? Porque isso sim, para vago e aborrecido, e absurdo e sem sentido, não havia, no sentir Anastasio, nada como a vida humana.

Arrastava o pobre Anastasio uma existência lamentável, sem estímulo nem objetivo para viver, e cem vezes se haveria suicidado se não aguardasse, com uma obscura esperança a prova de um contínuo desengano, que também a ele lhe chegasse alguma vez a visitar o Amor. E viajava, viajava em sua busca, por ele quando menos o pensasse acometê-lo-ia de repente numa encruzilhada do caminho.

Nem sentia cobiça de dinheiro, dispondo de uma modesta mas para ele mais que suficiente fortuna, nem sentia ambição de glória ou de honras, nem anseio de mando e poderio. Nenhum dos objetivos que levam os homens ao esforço lhe parecia digno de esforço, e não encontrava tampouco o mais leve consolo ao seu tédio mortal nem na ciência, nem na arte, nem na ação pública. E lia o *Eclesiastes* enquanto esperava a última experiência, a do Amor.

Tinha-se dado à leitura de todos os grandes poetas eróticos, aos analistas do amor entre homem e mulher, a novelas todas amatórias, e desceu até essas obras lamentáveis que se escrevem para os que ainda não são homens de todo e para os que deixaram de certo modo de sê-lo: agachou-se até escavar na literatura pornográfica. E é claro, aqui encontrou menos ainda que noutras partes pegada alguma do Amor.

E não é que Anastasio não fosse homem feito e direito: cabal e inteiro, e que não tivesse carne pecadora sobre os ossos. Sim, homem era como os demais, mas não tinha experimentado o amor. Porque não podia ser amor<sup>59</sup> a passageira excitação da carne que olvida a imagem provocadora. Fazer daquilo o terrível deus vingador, o consolo da vida, o

---

<sup>59</sup> "Porque no cabia que fuese amor..." Aqui, optou-se pela mudança do verbo *caber* no texto original para o verbo *poder* no texto traduzido. Também o tempo do verbo *ser* que em espanhol se apresenta no pretérito imperfecto do subjuntivo mas na tradução, em língua portuguesa, se apresenta no infinitivo, sofreram alteração.



dono das almas, parecia-lhe um sacrilégio, tal como se pretendesse endeusar o apetite de comer. Um poema sobre a digestão é uma blasfémia.

Não, o Amor não existia no mundo para o pobre Anastasio. Leu e releu a lenda de *Tristão e Isolda*,<sup>60</sup> e fê-lo meditar aquela terrível novela do português Camilo Castelo Branco: *A mulher fatal*. «Suceder-me-á assim? – pensava –. Arrastar-me-á para si, quando menos o espere e creia, a mulher fatal?» E viajava, viajava em busca desta fatalidade.

«Chegará um dia – dizia-se – em que acabe de perder esta vaga sombra de esperança de encontrá-lo, e quando for a entrar na sua velhice, sem ter conhecido nem mocidade nem idade viril, quando me disser: não vivi nem posso já viver! Que farei? É um terrível destino que me persegue, ou é que todos os demais se terão conchavado para mentir.» E deu em pessimista.

Nem jamais mulher alguma lhe inspirou amor, nem cria tê-lo ele inspirado. E achava muito mais pavoroso que não poder ser amado não poder amar, se é que o amor é o que os poetas cantam. Mas sabia ele, Anastasio, se não tinha provocado paixão alguma escondida<sup>61</sup> em peito de mulher? Não pode por acaso acender o amor uma formosa estátua? Porque ele era, como estátua, realmente formoso. Seus olhos negros, cheios de um fogo de mistério, pareciam olhar desde o fundo tenebroso de um tédio enchidos de ânsias; sua boca se entreabria como que por uma sede trágica; em todo ele palpitava um destino terrível.

E viajava, viajava desesperado, fugindo de todas as partes, deixando cair o seu olhar nas maravilhas da arte e da natureza, e dizendo-se: Para quê tudo isto?

Era uma tarde serena do tranquilo outono. As páginas, amarelas já, desprendiam-se das árvores e iam envoltas na brisa morna esfregar-se contra a erva do campo. O sol embuçava-se num cendal de nuvens que se desfiavam e desfaziam em viravoltas. Anastasio olhava desde o comboio como iam desfilando as colinas. Desceu na estação de Aliseda, onde davam aos viajantes tempo para comer, quer fosse no comedor da estalagem, cheio de malas.

<sup>60</sup> “Leyó y relejó la leyenda de *Tristán e Iseo...*” “*Tristão e Isolda* é uma lenda medieval de origem céltica, que constitui uma das mais belas histórias de amor alguma vez concebidas. As primeiras versões escritas datam do século X. Os trovadores anglo-normandos de língua francesa e a rainha Leonor de Aquitânia contribuíram para a sua difusão na Europa.” “*Tristão e Isolda* é também um drama lírico em três atos, com texto e música da autoria do compositor alemão Richard Wagner (1813-1883), publicado em 1865. O assunto é o da lenda medieval, acima referida. A música obedece a uma estrutura surpreendente que, através de um cromatismo muito vincado, dá expressão admirável à paixão, à ternura e à dor, sentimentos que dominam o desenrolar da ação.” [http://www.infopedia.pt/\\$tristao-e-isolda](http://www.infopedia.pt/$tristao-e-isolda), acedido em 28 de Agosto de 2015.

<sup>61</sup> “...pasión escondida alguna...” Na tradução optou-se por trocar de posição o adjetivo “escondida” e o pronome indefinido “alguma”. Uma vez mais, esta opção recai sobre uma escolha rítmica.

Sentou-se distraidamente e esperou que lhe trouxessem a sopa. Mas ao levantar os olhos e percorrer com eles distraidamente a fila dos comensais, esbarraram com os de uma mulher. Naquele momento metia ela um pedaço de maçã na sua boca, grande, fresca e húmida. Cravaram-se um ao outro nos olhares e empalideceram. E ao ver-se empalidecer empalideceram mais ainda. Palpitavam-lhes os peitos. A carne pesava a Anastasio; uma coceira fria desassosseitava-o.

Ela apoiou a cara na destra e pareceu que lhe dava um desvanecido. Anastasio então, sem ver no recinto nada mais que ela, enquanto o resto do comedor se esfumava, levantou-se tremendo, acercou-se-lhe e com voz seca, sedenta, afogada e trémula cochichou-lhe quase ao ouvido:

- Que lhe passa? Sente-se mal?

- Oh, nada, nada; não é nada..., obrigado...!

Vejamos<sup>62</sup>... – apôs ele, e com a mão trémula agarrou-lhe no punho para lhe tomar o pulso.

Foi então que uma corrente de fogo passou de um ao outro. Sentiam-se mutuamente os calores; as bochechas acenderam-se-lhes.

- Está você febril... – sussurrou ele balbuciante com voz apenas perceptível.

- A febre é... tua! – respondeu ela, com voz que parecia vir de outro mundo, de mais além da morte.

Anastasio teve que sentar-se; os joelhos dobravam-se-lhe ao peso do coração, que lhe tocava a rebate.

- É uma imprudência pôr-se assim no caminho – disse ele, falando como uma máquina.

- Sim, eu ficarei – respondeu ela.

- Ficaremos – apôs ele.

- Sim, ficaremos... E já te contarei; contar-te-ei tudo! – agregou a mulher.

Recolheram as malas, apanharam um carro e empreenderam a marcha para a terra de Aliseda, que dista cinco quilómetros da sua estação. E no carro, sentados um frente ao outro, tocando-se com os joelhos, juntando os olhares, a mulher pegou nas mãos de Anastasio com as suas mãos e foi-lhe contando a sua história. A mesma história de Anastasio, exatamente a

---

<sup>62</sup> “A ver...” O texto original utiliza o infinitivo do verbo “ver”, enquanto na tradução utilizou-se o presente do conjuntivo do mesmo verbo. Esta mudança de tempo verbal deve-se à necessidade de uma utilização linguística mais adequada, tendo em conta a respetiva naturalidade e fluência.

mesma. Também ela viajava em busca do Amor; também ela suspeitava que não fosse todo ele senão um enorme embuste convencional para enganar o tédio da vida.

Confessaram-se um ao outro, e enquanto se confessavam iam-se os seus corações aquietando-se. À trágica turbacão de um princípio sucedeu nas suas almas um repouso terrível, algo como um desfazer. Imaginavam ter-se conhecido de sempre, desde antes de nascer; mas às vezes todo o passado se apagava de suas memórias, e viviam como que um presente eterno, fora do tempo.

- Oh, que não te tivesse conhecido antes, Eleuteria! – dizia-lhe ele.

- E para quê, Anastasio? – respondia ela – . É melhor assim, que não nos tivéssemos visto antes.

- E o tempo perdido?

- Perdido chamas-lhe a esse tempo que empregámos em buscarmo-nos, em ansiarmo-nos, em desejarmo-nos um ao outro?

- Eu tinha desesperado já de te encontrar...

- Não, pois se tivesses desesperado<sup>63</sup> tinhas tirado a vida.

- É verdade.

- E eu teria feito o mesmo.

- Mas agora, Eleuteria, de hoje em diante...

- Não fales do porvir, Anastasio, basta-nos o presente!

Os dois calaram-se. Por debaixo do arrebatamento que os embargava soava um estranho rumor de águas de abismo sem fundo. Não era alegria, não era gozo o que o que sobrenadava na seriedade trágica que os envolvia.

- Não pensemos no porvir – retomou ela – nem no passado sequer. Olvidemo-nos de um e do outro. Encontrámo-nos, encontrámos o Amor e basta. E agora, Anastasio, que me dizes dos poetas?

- Que mentem, Eleuteria, que mentem; mas muito de outro modo que o cria eu antes. Mentem, sim; o amor não é o que eles cantam...

- Tens razão, Anastasio, agora sinto que o Amor não se canta.

E seguiu outro silêncio, um silêncio longo, em que, agarrados pelas mãos, estiveram olhando-se nos olhos e como que buscando-se no fundo deles o segredo dos seus destinos. E logo começaram a tremer.

---

<sup>63</sup> “No, pues si hubieses desesperado de ello te habrías...” Foi nossa opção suprimir, na tradução, “de ello” para evitar a redundância no português. A omissão do pronome pessoal foi a solução por nós encontrada para resolver esta questão.

- Tremes, Anastasio<sup>64</sup>?
- E também tu, Eleuteria?
- Sim, trememos os dois.
- De quê?
- De felicidade.
- É coisa terrível esta felicidade; não sei se poderei resistir-lhe.
- Melhor, isso quererá dizer que é mais forte que nós.

Encerraram-se num sórdido quarto de uma vulgaríssima estalagem. Passou todo o dia seguinte e parte do outro sem que dessem sinal algum de vida, até que, alarmado o estalajadeiro e sem obter resposta às suas chamadas, forçou a porta. Encontravam-se no leito, juntos, desnudos, e frios e brancos como a neve. O perito médico assegurou que não se tratava de suicídio, como assim era de facto, e que deviam ter morrido do coração.

- Mas os dois? – exclamou o estalajadeiro.
- Os dois! – respondeu o médico.

Então isso é contagioso...! – e levou a mão ao lado esquerdo do peito, onde supunha ter seu coração de estalajadeiro. Tentou ocultar o sucedido, para não desacreditar o seu estabelecimento, e acordou fumigar o quarto, só por acaso.

Não puderam ser identificados os cadáveres. Desde ali os levaram ao cemitério, e desnudos e juntos, como foram encontrados, atirados na mesma cova e em cima terra. Sobre esta terra cresceu erva e sobre a erva chove. E é assim o céu, o que os levou à morte, o único que sobre a sua tumba chora.

O estalajadeiro de Aliseda, refletindo sobre o sucedido incrível – nada tem mais imaginação que a realidade, dizia-se –, chegou a uma profunda conclusão de carácter médico-legal, e disse-se: «Estas luas-de-mel...! Não se devia permitir que os cardíacos se casassem entre si».

---

<sup>64</sup> Anastasio: Achou-se por bem não traduzirmos o nome próprio para nos mantermos fieis ao texto original.

## Bonifacio

Bonifacio viveu buscando-se e morreu sem ter-se encontrado; como o barão do conto cria que puxando-se pelas orelhas<sup>65</sup> sacar-se-ia do poço.

Era um miúdo, para sua desgraça, esperto, empenhadíssimo em ser original e parecer extravagante, até um certo ponto, que deixava de fazer o que faziam outros pela mesma razão que estes o fazem: porque vem fazê-lo. Empenhado em distinguir-se dos homens, não conseguia deixar de sê-lo.

Eu não quero fazer nenhum retrato; declaro que Bonifacio é um ser fantástico que vive no mundo inteligível do bom Kant, uma espécie de quinto céu; mas a verdade é que cada vez que penso em Bonifacio sinto angústia e oprime-se-me o peito.

«Qual será a minha aptidão?», perguntava-se Bonifacio a sós.

Escreveu versos e rasgou-os por não os achar suficientemente originais:<sup>66</sup> recordavam os do tal poeta, aqueles os de qual outro; lhe parecia piroso uma manifestação sentimental, mais piroso ainda romântico (que quer dizer romântico?), muito mais piroso, cético, e soberanamente piroso, desesperado. Escreveu umas coplas irónicas, cheias de desdém até todo o humano e o divino, e lendo-as um mês mais tarde rasgou-as dizendo: «Vá uma hipocrisia! Mas se eu não sou assim». Depois escreveu outras terníssimas em que falava do lar, da sua família, do seu cantinho natal, de fazer chorar as pedras da calçada<sup>67</sup>, e rasgou-as também: «Sonsa, sonsa, isto é música celestial!»

Pobre Bonifacio! Cada manhã a luz fazia brotar da sua mente um pensamento novo, que morria pouco mais ou menos à hora em que morre o sol.

<sup>65</sup> “...tirándose de las orejas...”. A opção que mais nos agradou e é a mais clara para o leitor da nossa tradução foi apenas trocar o verbo *tirar* pelo verbo *puxar*. Esta expressão é bastante comum nos dois idiomas. Muitas vezes utiliza-se a expressão *puxar de orelhas* simplesmente como uma metáfora para situações do quotidiano como uma reprimenda.

<sup>66</sup> “...rompió por no hallarlos bastante originales...”. O original e a tradução diferem no advérbio “bastante” e “suficientemente”. Apesar de serem advérbios de quantidade e de quererem dar uma noção de que os versos não eram bons e que Bonifacio os rasgou, utilizou-se palavras diferentes para o mesmo fim. Tudo em concordância linguística e cultural com o texto de partida e o texto de chegada.

<sup>67</sup> “...cosa de arrancar lágrimas a un canto,”. Deparámo-nos com um provérbio que tem em comum com a sua tradução a palavra “lágrimas”. Essa palavra é o fio condutor entre as duas culturas e o sentido que estes provérbios têm. Os provérbios têm sempre como objetivo a moralidade ou o ensinamento popular. <http://www.rae.es> Acedido em 28 de Agosto de 2015.

Bonifacio era muito alegre entre os seus amigos, a sós empenhava-se em ser triste, puxava as orelhas com fúria; mas, como não, sempre tranquila a superfície do poço onde estava metido.

Tinha começado a ler muitos livros para acabar muito poucos; gostava mais de sonhar que de ler. A todos os escritores reprochava que ainda faltava algo, evidentemente, faltava-lhe algo..., parecia-se aos outros e isto é horrível.

Qual será a minha aptidão? Este era o seu eterno tormento. Começou a construir um novo sistema filosófico, e já quase terminado, conseguiu ver que tudo o que ele dizia tinham-no já dito outros, e fizeram-se em bocados aqueles papéis cheios de remendos, apagões e acrescentos.

Não houve ramo do conhecimento humano em que não se ensaiasse; mas todos, absolutamente todos, tinham sido já tão amassados...! Tinha que trabalhar tanto para esmiuçar coisas tão velhas! Depois há uma horrível fatalidade: toda a verdade descoberta se torna trivial.

Qual demónio daria com uma verdade que eternamente chocara os homens?

Bonifacio tinha bom fundo; mas ele obstinava-se em buscar-se na forma. Tinha-se-lhe metido na cabeça que chegaria a ser um homem célebre: a questão era dar com o caminho. O lar, a família, as ditas íntimas...Bah, vulgaridades que acabam por aborrecer!

A força de espoliar os nervos conseguia horas noturnas de tristeza, entregava-se a pensamentos lúgubres que o vento fresco da rua arrebatava como nuvens.

Quando falava, esquecia-se do seu papel e saía a sua alma à cena: uma alma simples e cândida, vulgaríssima de tão humana.

Bonifacio amava, mas com um amor mortificante, nada original. Qualquer amor de qualquer herói de qualquer novelinha se parecia ao seu. A mulher é um estorvo; evidentemente corre mais quem apenas se leva a si mesmo às costas que leva com a sua mulher. Platão,<sup>68</sup> São Tomás<sup>69</sup>, Descartes, Kant, foram solteiros; isto desgostava ao pobre.

O seu maior tormento era ter de trabalhar para viver. Resulta ainda que viver é tão vulgar e rotineiro como trabalhar.

---

<sup>68</sup> “...Platón...”.”Platão (c. 427-347 a. C.), filósofo grego, discípulo e continuador de Sócrates.” <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/> acedido em 29 de Agosto de 2015.

<sup>69</sup> “...Santo Tomás...”.”Filósofo e teólogo italiano. A sua obra marca uma etapa fundamental na escolástica. É ele que prossegue e conclui o trabalho de Alberto Magno. Monge dominicano ficou conhecido como o «doutor angélico». Em 1879, as suas obras foram reconhecidas como sendo a base da teologia católica. A filosofia de Tomás de Aquino é conhecida como tomismo.” <http://afilosofia.no.sapo.pt/10aquino.htm>, acedido em 29 de Junho de 2015.

Uma vez íamos de passeio pela caída da tarde; o pobre homem, desafoando-se; eu, mordendo uma folha de amora.

- Nesta vida não sobra mais do que tempo para viver – dizia-me.

Eu olhava-o com estranheza e temor; instintivamente afastei-me um pouco dele.

- Olha – seguia –, umas vezes sou alegre, outras triste; eu não vejo as coisas nem claras nem escuras; mas falta-me algo, eu não sei o que comigo se passa, mas algo se passa. Dizem que estou chanfrado, que todas estas coisas não passam de fantasias, que sou muito especial – ao dizer isto brilhavam-lhe os olhos de gosto –. Todos os parvos me desdenham, e como sou bom, vejo-me obrigado a tragar a bílis que destila o meu fígado.

Pobre Bonifacio! Não digo eu que se pôs a chorar, porque seria mentir; eu não o vi chorar, mas ignoro se tragou as lágrimas; deram-se casos em que as pessoas que por não entregar um papelito secreto tragaram-no, e digerido, que é pior.

Alguns dias estava tão alegre que, francamente, parecia-me que tinha conseguido sair do poço: uma alegria raríssima, extra-humana.

Bonifacio não era pessimista, Bonifacio não era otimista, Bonifacio não era nada, nada queria ser, nem sabia o que queria. Pobre Bonifacio!

Ele queria ser algo que chamasse a atenção, não sabia bem o quê.

Para quê continuar um conto tão velho?

Agarrem vocês em Bonifacio, dêem-lhe umas quantas marteladas por aqui e por ali, moldem-no até que se pregue às exigências da realidade, e digam-me em consciência se conheceram Bonifacio.

Falta-me falar do fim de Bonifacio<sup>70</sup>.

Em respeito a este correm duas tradições igualmente atendíveis.

Segundo a primeira, Bonifacio acabou como tinha começado, sempre o mesmo, sempre buscando-se e nunca se encontrou; acabou como as nuvens de Verão: enquanto viveu fez sombra, e quando morreu seguiu iluminando o sol o seu sítio vazio.

Segundo outra tradição, Bonifacio, golpe aqui, golpe ali, foi-se resolvendo, casou, teve filhos, e quando foi pai achou a originalidade tão procurada, que, por ser tão comum, é a mais diferente. As suas últimas palavras foram: «Sendo assim adeus, filhos meus!».

Ainda há outras tradições, porque estas são como os fungos; mas em todas elas o fundo de verdade está exornado por mil retalhos e uniões.

---

<sup>70</sup> “...Bonifacio”. Manteve-se o nome na língua de partida para não trair a fidelidade do texto de partida.

## As tribulações de Susín

*A Juan Arzadun*

A fresca formosura do céu que envolvia árvores verdes e pássaros cantores alegrava Susín, entretido em construir fortificações com argila, enquanto a ama, fazendo muitos gestos, ria as piadas de um assistente.

Susín levantou-se do chão em que estava sentado, limpou-se no trajezinho novo as mãos embarradas, e contemplou a sua obra vendo que era boa. Dentro da trincheira circular ficava um espaço em forma de bacia de barro que estava pedindo algo, e Susín, alçando as saias, encheu de urina o recinto cercado. Então ocorreu-lhe ir buscar um besouro ou qualquer outro bicho para ensiná-lo a nadar.

Tendendo pelo campo a vista, viu ao longe brilhar algo no chão, algo que parecia uma estrela que tivera caído de noite com o orvalho. Coisa mais bonita. Esquecido do laguinho, obra das suas mãos e da sua mijadela, fosse à estrela caída. De repente, segundo a ela se acercava, desapareceu a estrela. Ou havia-a tragado a terra, ou havia-se derretido, ou o Papão havia-a levado<sup>71</sup>. Chegou à árvore junto à qual havia brilhado a artimanha, e não viu nela mais que seixos, e entre eles um pão-de-leite de vidro.

Que formosa manhã! Susín bebia luz com os olhos e ar do céu com o peito.

Ali sim que havia árvores! Aquilo era mundo e não a rua escura preta de perigos, por onde a todas as horas discorrem cavalos, carros, bois, cães, miúdos maus e aguazis!

Mudou Susín de imediato de cor, fraquejaram-lhe as pernazinhas e um nó de angústia apertou-lhe o gasganete. Um cão..., um cão sentado que o mirava com os seus olhos abertos, um canzarrão preto, muito preto e muito grande. Se tivesse passado pela sua rua, tinha-o ameaçado desde o portal com um pau; mas estava no meio do campo, que é dos cães e não dos meninos.

---

<sup>71</sup> “...el Coco se la había llevado.” Uma vez mais o autor utiliza a personagem que se criou para meter medo às crianças, o papão, num conto seu. Já anteriormente tínhamos feito referência ao papão mas não podíamos deixar passar em vão este apontamento.



Não lhe tirava os olhos de cima o cão<sup>72</sup>, que levantando-se começou a acercar-se de Susín, a quem o terror não deu tempo de pensar na fuga. Refeito um pouco pôs-se a correr, mas com tão má sorte que, tropeçando, caiu de bruços. Caiu e não chorou, ficando-se pegado ao solo...Chorar? E se o ouvia o cão, que por acaso não era mais que o Papão que leva os meninos chorões, disfarçado? Acercou-se-lhe o canzarrão e cheirou-o. Sem alentar apenas, e com um olho entreaberto, viu Susín, bailando-lhe o coraçãozinho, que o cão se afastava lentamente e que além, muito longe, sacudia com majestade os seus pretos lombos com a cauda negra.

Susín levantou-se, e mirando em derredor viu-se só na imensa solidão; o sol picava a sua cabeça loira e saudavam-lhe as árvores. E ali perto brilhava a água de um charco ao reflexo do sol.

Esqueceu o cão, como havia esquecido o laguinho, obra das suas mãos, e a estrela caída, e acercou-se do charco, cuja superfície límpida e clara parecia o rosto sereno, mas triste, de um charco morto que havia que animar. Apanhou uma pedrinha, arrojou-a à água, e então o charco pôs-se a rir, perdendo-se o seu sorriso suavemente no lamaçal das margens. Que bonitos círculos. Começou a subir o lodo do fundo e a enturvecer-se o charco, e então, apanhando Susín um pau e agachando-se, mexeu a água. E como se enturvava.

Levantou-se Susín, meteu um pezinho na água e começou a chapinhá-la. Que bonito! Como se ria o charco de que se enlameara e de sujar o menino.

Ao sentir este a humidade que, atravessando as botinhas, lhe refrescava o pé, a consciência de estar fazendo uma coisa feia fez-lhe voltar a cabeça. Deu um grito e arrimou-se a uma árvore, ficando-se a ela agarrado e sem saber onde esconder os pés. Oh, se houvera podido trepar como os rapazes grandes e esconder-se nas ramas altas, onde se escondem os besouros! Mas de uma cornada podia ter derrubado a árvore a vaca.

Era uma vaca colossal, cujo corpo quase cobria o céu e cuja sombra se estendia pela terra desmesurada e fantástica. Avançava lentamente, recreando-se na angústia da sua vítima, que tapou os olhos para que a vaca não o visse, e a ponto de arregar-se ao solo e gritar: «Não, não o farei mais!». A vaca, avançando, passou de largo. Susín despegou-se da árvore e mirou em redor. Onde estava?

Sentia cócegas no estômago, pois é coisa sabida que as impressões fortes aceleram a vida e debilitam o corpo, e que até os grilos recém-mortos ressuscitam entre a alface.

---

<sup>72</sup> “No le quitaba ojo el perro,” Esta expressão idiomática é utilizada para demonstrar que o cão estava apenas focado em Susín. O facto de o cão estar apenas focado em Susín dá uma sensação de suspense ao conto.

Então Susín deu conta da sua situação, mirou atónito o largo caminho, os castanheiros corpulentos, a terra solitária e o sol imperturbável, cravado no céu azul. E a ama?

De quando em quando passava algum homem e quase nenhum senhor. Homens, homens todos, e que homens, todos feios, com muita barba e nenhum parecido ao papá! Um mirou-o muito, e esses homens que miram muito são os piores, os do saco. Sentiu angústia mortal ao ver-se perdido no mundo, à mercê dos rapazes maus que chamam «mãe» à sua mamã, dos cães grandes e das grandes vacas, e não estava ali o papá para pegar-lhes. O sopro do Papão gelou a Susín a alma, que tremida como as folhas das árvores, sentindo o Papão presente em todas as partes, agachado atrás das árvores, encolhido debaixo das pedras, oculto debaixo da terra, caminhando às suas costas. Rompeu a chorar, e através das lágrimas viu que no campo desfeito em bruma acercava-se-lhe um homem.

Um homem...mas, que homem! Olhou-o com a atenção do espanto, recolhendo-se a sua alma gelada num cantinho do coração. Não era um homem, era pior do que um homem, era um aguazil!

O aguazil acercava-se pouco a pouco como o cão negro e a vaca grande; mas não se afastou nem passou de largo. Abrindo Susín<sup>73</sup> tanto os olhos que apenas via, sentiu que uma mãozona se pousava na sua mãozinha, e viu-se perdido e sem poder chorar.

- Não chores, rapazinho; não chores, que não te faço nada.

Que mau é o Papão! Que mau é o Papão quando usa ironia aguazilesca!

- Vem, vem comigo; vamos em busca do papá.

O céu abriu-se-lhe ao menino como o milagre, porque o era, um verdadeiro milagre, o que um aguazil tivera a voz tão suave, inflexões nela tão ternas, tom tão acariciador. Sim parecia um papá aquele aguazil! Sua mão não oprimia e seu passo acomodava-se ao do menino, que se sentia então ao amparo de um alto personagem, de um Papão bom.

- Diz-me, de quem és?

- Do papá.

- E quem é o teu papá?

- Papá.

- Mas que papá, filho meu?

- O da mamã.

---

<sup>73</sup> “...Susín”. Manteve-se o nome próprio na língua de partida para conferir uma maior autenticidade e fidelidade ao texto de partida.

O ministro da justiça sorriu, porque também ele era de sua mulher. Singular pergunta para o menino, quem é teu papá? Como se houvesse mais de um!

- Onde vives?

- Em casa.

- E onde está a tua casa?

- Em casa do papá.

O aguazil renunciou ao interrogatório, ficando perplexo; porque sem interrogatório como se averiguam as coisas?

Acabavam de serenar-se os olhos de Susín e invadia-lhe toda a doçura do ar do céu quando viu vir a ama ameaçadora, perigo patente e claro, nada fantástico. Asiu então o menino com as suas duas mãozinhas as calças do aguazil, ocultando a sua cabecinha loira entre as pernas deste. Tivera-se reduzido até poder entrar no bolso daquelas sagradas calças.

A voz do aguazil soou harmoniosíssima, dizendo: «Não faças caso, não te farão nada». E depois, mais grave: «Deixe-o você, que não tem ele a culpa».

Das mãos do aguazil passou aos braços da criada, e ao distanciar-se mirava àquele que o seguia protegendo-o com o olhar. Porém apenas perderam de vista o Papão bom, sentiu Susín no traseiro a mão da ama.

Menino! Não te tenho dito que não vás ao meu lado...Já te darei eu...Bom bocado me fizeste passar...Eu, como uma louca, procurando-te outra e outra vez<sup>74</sup>, e tu...

O menino chorava de uma maneira lastimosa; aquele não era o Papão, mas sim uma boa surra de açoites. E chorava tanto que, impacientada a ama, começou a beijá-lo e dizer-lhe:

- Não sejas tonto, não foi nada, não chores, Susín...Vamos, cala-te, já sabes que o papá não gosta de meninos chorões...Cala-te...,olha, vou comprar-te um caramelo, se te calas...

Susín calou-se para chupar o caramelo.

Quando pouco depois viu as paredes de sua casa e se sentiu forte ao arrimo do seu pai, renovaram-se-lhe as feridas, sentiu o dente do cão, o corno da vaca e a mão da ama e partiu a chorar. Que doce lhe soou a voz do papá repreendendo a ama! Tomou-o depois em seus braços o pai, apoiou Susín a sua bochecha ardente sobre o peito protetor e baixou o sono a derreter as suas penas.

---

<sup>74</sup> "...busca que te busca," Nesta expressão idiomática o autor utiliza o verbo *buscar* enquanto na tradução se utilizou o verbo *procurar*. Esta expressão revela uma busca incessante por algo. É a forma mais próxima de um equivalente cultural em português para a expressão inicial em espanhol.

Que formoso é chegar ao porto empapado em água da tempestade!

## Coisas de franceses!

(Um conto disparatado)

É coisa sabida que os nossos vizinhos franceses são incorrigíveis quando de nós se ocupam, pois é o mesmo eles meterem-se a falar de Espanha que meter o pé na poça<sup>75</sup>.

Às inumeráveis provas deste asserto junte o leitor o seguinte conto que dá um francês por muito característico das coisas de Espanha, e que, traduzido à letra, diz assim:

Dom Pérez era um fidalgo castelhano dedicado de corpo e alma à ciência e a quem tinham por modestíssimo os seus compatriotas.

Passava ele as noites de claro em claro e os dias de turvo em turvo, enfrascado no estudo de um importante problema de química, que para proveito e glória da sua Espanha com honra havia de conduzi-lo ao descobrimento de um novo explosivo que deixara inservíveis quantos até hoje se inventaram.

O leitor que se figure que nosso dom Pérez não saía do laboratório manipulando nele retortas, alambiques, reativos, crisóis e precipitados dará mostras de não conhecer as coisas de Espanha.

Um fidalgo espanhol não pode descer a manejos de drogaria e entender de tão rasteiro modo a excelsitude da ciência, que por algo foi Espanha viveiro de teólogos.

Dom Pérez passava as horas mortas, como dizem os espanhóis, diante de um quadro negro dando voltas à sua cabeça e traçando fórmulas e mais fórmulas para dar com a desejada. De nenhum modo queria manchar as suas investigações com as impurezas da realidade, recordava a passagem aquela em que os vilões galeotes apedrejaram o Dom Quixote<sup>76</sup> e não queria que fizessem o mesmo com ele os feitos. Deixava aos Sancho

---

<sup>75</sup> “...meter la pata.” Expressão idiomática que em ambas as línguas tem o sentido de fazer algo errado.

<sup>76</sup> “...Dom Quijote...” Obra maior de Miguel de Cervantes e obra canónica da literatura mundial. As suas traduções em português fizeram com que a obra e personagem de Dom Quixote entrassem definitivamente no imaginário cultural do mais simples leitor desta tradução.

Panças<sup>77</sup> da ciência o mandil e o laboratório, reservando-se a exploração da sima de Montesinos<sup>78</sup>.

Fique o proceder por palpitação para os que vivem em trevas e não nasceram, como a imensa maioria dos espanhóis, em posse da verdade absoluta ou deixaram-na perder por sua soberba. Ao cabo de tanto amasso deu dom Pérez com a desejada fórmula e o dia em que esta se fez pública foi de regozijo em toda a Espanha. Houve colgadas, foguetes, gigantones, e sobretudo combates de touros. As charangas alegravam as ruas das cidades tocando o hino de Riego<sup>79</sup>.

As Cortes decretaram coroar de laurel no Capitólio de Madrid dom Pérez, assim que fizesse voar o penhasco de Gibraltar com todos os seus ingleses ou pelo menos a grande montanha do Retiro de Madrid.

Adornando as paredes de sapatarias e barbearias das aldeias e não em poucos lares aparecia entre números de *La Lidia* o retrato de dom Pérez, junto ao de Ruiz Zorrilla<sup>80</sup> umas vezes e ao do pretendente dom Carlos outras. A uma nova aguardente anisada batizaram-na com o nome de «Anisado explosivo Pérez».

Não faltaram, contudo, Sanchos e socarrões bacharéis que tratavam de lançar jarros de água fria ao popular entusiasmo; mas desde que apareceram nos jornais escritos do eminente geómetra dom López e do não menos eminente teólogo dom Rodríguez rompendo lanças a favor do novo explosivo Pérez, os descontentes reduziram-se ao silêncio público e à lima surda.

Chegou o dia da prova. Tudo estava disposto para fazer voar uma colinazinha situada nas planícies de La Mancha, e não faltaram animosos crentes que se comprometeram a dar fogo à mecha em companhia de dom Pérez.

<sup>77</sup> “...Sancho Panzas de la ciência...” Tal como no ponto anterior, estamos perante uma personagem da obra maior de Miguel de Cervantes. Sancho Pança é o companheiro de viagem de dom Quixote e tal como este é uma personagem que dispensa apresentação ao leitor português.

<sup>78</sup> Este local faz parte da obra de Cervantes e também existe na realidade. Aqui dormiu dom Quixote uma hora que lhe pareceram três dias.

<sup>79</sup> Conhece-se por Hino de Riego a marcha militar espanhola do [século XIX](#) de inspiração nos tradicionais hinos militares e na “Marselhesa”, composto por [José Melchor Gomis](#) dedicada ao Tenente Coronel [Rafael de Riego](#), e que foi o [hino](#) nacional espanhol durante o [Triénio Liberal \(1820—1823\)](#) e a [Segunda República Espanhola \(1931—1939\)](#). Foi também hino co-oficial junto à [Marcha Granadera](#) durante a [Primeira República](#). Durante a [Primeira Guerra Carlista](#) era cantado pelas tropas liberais, sendo proibido durante a [Década Ominosa](#) de [Fernando VII](#) e parte do reinado de [Isabel II](#). [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino\\_de\\_Riego](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_de_Riego). Acedido em 29 de Junho de 2015.

<sup>80</sup> Manuel Ruiz Zorrilla ([Burgo de Osma \(Sória\)](#), [22 de Março](#) de [1833](#) - [Burgos](#), [13 de Junho](#) de [1895](#)) foi um [político espanhol](#), deputado nas [Cortes](#) e posteriormente Ministro de Fomento e de Graça e Justiça durante a [I República](#), e chefe de Governo com [Amadeu I](#). Foi Grande Mestre do [Gran Oriente de España](#). [http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Ruiz\\_Zorrilla](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Ruiz_Zorrilla). Acedido a 29 de Agosto de 2015.

Quando a mecha começou a arder, estalou um formidável olé, olé da multidão, que desde longe contemplava a prova e alguns empalideceram!

E quando o fogo chegou ao explosivo ouviu-se um ruído semelhante ao de um trovão, levantou-se uma grande poeira, e ao dissipar-se esta apareceu a figura de dom Pérez radiante de esplendor. A multidão aclamou-o frenética, deu vivas à sua mãe e à sua graça, e levaram-no em braços como sacam dom Frascuelo da praça quando mata um touro segundo as regras da metafísica tauromáquica. E por todas as partes não se ouvia mais que: Olé! Viva Espanha com honra!

Aos jornais saiu-lhes a sorte grande.<sup>81</sup>

Uns asseguravam que o cerro se havia feito em pó, outros mostravam cicatrizes de golpes que receberam dos pedaços em que se desfez; mas alguns dias depois assegurava-se que uns pastores tinham visto o cerro no mesmo sítio que antes, e quando se confirmou esta notícia levantou-se a grande poeira de indignação popular.

Era impossível o caso, o cerro tinha que ter voado, porque eram infalíveis as fórmulas do quadro de dom Pérez.

Era uma mão aleive que havia molhado o explosivo, a mão de um maligno encantador inimigo de dom Pérez e invejoso da sua fama.

Este encantador, sucedendo o caso em Espanha, já se sabe qual tinha que ser, o Governo.

A opinião pública pronunciou-se contra este nos cafés e tertúlias, e os jornais fizeram ressaltar a desatentada conduta do maligno encantador que se empenhava em viver divorciado da opinião pública, tão perita em química como é em Espanha, sobretudo depois de ilustrada pelo eminente geómetra dom López e o não menos eminente teólogo dom Rodríguez.

---

<sup>81</sup> “...hicieron su agosto.” Agosto é um mês de sol em Espanha e também em Portugal. É por isso que na expressão idiomática do texto de partida vem referido como uma coisa boa. Partindo desse princípio escolhemos a expressão idiomática que mais se aproxima em português.

Naquela campanha recordou-se o Colombo,<sup>82</sup> o Cisneros,<sup>83</sup> o Miguel Servet,<sup>84</sup> os tercios de Flandes, o Salado, Lepanto, Otumba e Wad-Ras, os teólogos de Trento<sup>85</sup> e o valor da infantaria espanhola, que com ele fez vã a ciência do grande capitão do século. Com tal motivo insistiu-se uma vez mais na falta de patriotismo daqueles que não queriam mais que o estrangeiro havendo melhor em casa e recordou-se o pobre dom Fernández, encurralado e desconhecido na sua ingrata pátria e celebradíssimo fora dela, o pobre dom Fernández, cujos livros em Espanha tinham que tomá-los as corporações enquanto eram traduzidos em todos os idiomas cultos, inclusive o japonês e o baixo-bretão.

O pobre dom Pérez, perseguido por frouxos malandros, tratou de vindicar a honra de Espanha, e como se propunha demonstrar a eficácia do explosivo, com o que havia de voltar de Gibraltar e desmascarar o Governo, apresentaram-no candidato à Deputação a Cortes.

<sup>82</sup> Cristóvão Colombo (local e data de nascimento incertos — [Valladolid, 20 de Maio de 1506](#)) foi um [navegador](#) e [explorador genovês](#), responsável por liderar a [frota](#) que alcançou o [continente americano](#) em [12 de Outubro de 1492](#), sob as ordens dos [Reis Católicos](#) de [Espanha](#), no chamado [descobrimento da América](#). Empreendeu a sua viagem através do [Oceano Atlântico](#) com o objetivo de atingir a [Índia](#), tendo na realidade descoberto as [ilhas das Caraíbas \(Antilhas\)](#) e, mais tarde, a costa do [Golfo do México](#) na [América Central](#).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%B3v%C3%A3o\\_Colombo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%B3v%C3%A3o_Colombo). Acedido a 29 de Agosto de 2015.

Este nome foi traduzido porque, tal como outros, é uma figura que faz parte do imaginário português e o seu nome está adaptado à cultura portuguesa.

<sup>83</sup> Francisco Jiménez de Cisneros [O.F.M. \(Torrelaguna, 1436 - Roa de Duero, 8 de novembro de 1517\)](#), cujo nome era Gonzalo, mais conhecido como Cardeal Cisneros. Foi um [cardeal](#), [arcebispo de Toledo](#) pertencente à [Ordem Franciscana](#), terceiro Inquisidor Geral de Castela e regente da mesma até a morte de [Fernando, o Católico](#).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Jim%C3%A9nez\\_de\\_Cisneros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Jim%C3%A9nez_de_Cisneros). Acedido a 29 de Junho de 2015.

<sup>84</sup> Miguel Servet<sup>Nota 1</sup> (em [latim](#): *Michaelis Servetus*) ([Villanueva de Sigüenza, Espanha, 29 de Setembro de 1511](#) — [Genebra, 27 de Outubro de 1553](#)), foi um [teólogo](#), [médico](#) e [filósofo aragonês](#), [humanista](#), interessando-se por assuntos como [astronomia](#), [meteorologia](#), [geografia](#), [jurisprudência](#), [matemática](#), [anatomia](#), [estudos bíblicos](#) e [medicina](#). Servet foi o primeiro europeu a descrever a [circulação pulmonar](#)<sup>1</sup>. Ele participou da [Reforma Protestante](#) e, posteriormente, desenvolveu uma [cristologia não-trinitariana](#). Condenado por [católicos](#) e [protestantes](#), ele foi preso em [Genebra](#) e queimado na fogueira como um herege por ordem do Conselho de Genebra, presidido por [João Calvino](#).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_Servet](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Servet). Acedido a 29 de Junho de 2015.

<sup>85</sup> O Concílio de Trento, realizado de [1545 a 1563](#), foi o [19º concílio ecuménico](#) da [Igreja Católica](#). Foi convocado pelo [Papa Paulo III](#) para assegurar a unidade da [fé](#) e a disciplina eclesiástica,<sup>1</sup> no contexto da [Reforma da Igreja Católica](#) e da reação à divisão então vivida na [Europa](#) devido à [Reforma Protestante](#), razão pela qual é denominado também de Concílio da [Contrarreforma](#).<sup>1</sup> O Concílio foi realizado na cidade de [Trento](#), na [Província autónoma de Trento](#), região do Tirol italiano.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio\\_de\\_Trento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Trento). Acedido a 29 de Junho de 2015.



As Cortes são a academia em que se reúnem a discutir todos os sábios de Espanha, assembleia que, seguindo as gloriosas tradições dos Concílios de Toledo,<sup>86</sup> faz tudo,<sup>87</sup> de Congresso político, de Concílio, no que se dilucidam problemas teológicos, como sucedeu além pelo 69.

Enquanto os admiradores de dom Pérez apresentaram a sua candidatura, o eminente toureador dom Señorito, vivente exemplo do consórcio das armas com as letras, sentiu arder o seu sangue, e ao sair de um combate de touros em que arrebatou o público estoqueando seis colombinos com a mais castiça filosofia, foi a um comício e voltou a arrebatá-lo com um discurso a favor da candidatura de dom Pérez.

Só na pitoresca Espanha se veem coisas semelhantes. Depois de brindar pela pátria despregou dom Señorito o trapo, deu um passe a Espanha com honra, outro de peito a Gibraltar e seus ingleses, um de mérito a dom Pérez, susteve uma luzidíssima brega, ainda que algo bailada, acerca da importância e carácter da química, e, por fim, rematou a sorte dando ao Governo uma estocada até aos gaviões.

O público gritava olé, teu charme, e pedia que dessem ao tribuno a orelha do bicho, unindo em seus vitórias os nomes de dom Pérez e dom Señorito.

Ali estava também o grande organizador das ovações, o Barnum<sup>88</sup> espanhol, o popularíssimo empresário dom Carrascal, que se propunha levar numa *tourné* por Espanha o sábio dom Pérez como se havia levado já ao grande poeta nacional.

O bom dom Pérez deixava-se fazer de traído e levado pelos seus admiradores, sem saber no que havia de acabar tudo aquilo.

Mas nem a eloquência tribuniária do toureador dom Señorito, nem a atividade do popularíssimo dom Carrascal, nem a proteção do grande político dom Encinas, moveram o

<sup>86</sup> Os Concílios de Toledo eram [concílios regionais](#) e reuniões magnas do antigo estado [visigótico](#) na [península Ibérica](#); neles tomavam parte não apenas os [prelados](#), como também a nobreza visigoda, e longe de se reportarem apenas a discutir problemas religiosos, eram sobretudo assembleias políticas. A sua convocação, à maneira do [Primeiro Concílio de Niceia](#) (convocado por [Constantino](#)), era feita pelo rei visigodo. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlios\\_de\\_Toledo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlios_de_Toledo). Acedido a 30 de Junho de 2015.

<sup>87</sup> “...hace a pluma y a pelo...” Uma vez mais estamos perante uma expressão idiomática. Apesar de não haver uma expressão tão rebuscada em português, decidimos utilizar uma aproximação ao original e tentar dar a ideia de que se trata de uma situação onde de tudo se faz.

<sup>88</sup> Phineas Taylor Barnum ([5 de julho](#) de [1810](#) - [7 de abril](#) de [1891](#)) foi um [showman](#) e empresário do ramo do entretenimento [norte-americano](#), lembrado principalmente por promover as mais famosas fraudes ([hoaxes](#)) e por fundar o [circo](#) que viria a se tornar o [Ringling Bros. and Barnum & Bailey Circus](#). [http://pt.wikipedia.org/wiki/P. T. Barnum](http://pt.wikipedia.org/wiki/P._T._Barnum). Acedido a 30 de Junho de 2015.

Governo espanhol, que seguiu comendo dos dois lados<sup>89</sup> e surdo às vozes do povo, segundo é o seu costume.

E ainda segue em pé o penhasco de Gibraltar com os seus ingleses!

Convenhamos em que só um francês é capaz, depois de ensartar tal cúmulo de disparates, sobretudo o de apresentar-nos um toureiro de tribuno a favor da candidatura a deputado de um sábio, só um francês, dizemos, é capaz de dar tal conto como características das coisas de Espanha. Coisas de franceses!

Mas, senhor, quando aprenderão a conhecer-nos nossos vizinhos, pelo menos tanto como nós nos conhecemos?

---

<sup>89</sup> “...comiendo el turrón a dos carrillos...” Este conto está cheio de expressões idiomáticas, aqui estamos perante outra. Esta expressão dá-nos conta de alguém que se aproveita de várias situações para daí tirar proveito.

## O mistério da iniquidade

Ou seja os Pérez e os López

Juan pertencia à família Pérez, rica e liberal desde os tempos de Álvarez Mendizábal.<sup>90</sup> Desde muito menino havia ouvido falar dos carlistas<sup>91</sup> com rancor mal contido. Imaginava-os bichos raros, e tinha deles uma ideia do mesmo género a que pertence a vulgar do judeu. Gente taciturna, de cara torcida, barbeada ou com grandes barbas negras e alborotadas, compridos casacões pretos, parques de palavras e tomadores de rapé. Reuniam-se de noite nos mercados húmidos, entre os sacos fantásticos de um armazém cheio de ratas para tramar ali coisas horríveis.

Com os anos mudaram de forma na sua imaginação estes fantasmas, e imaginou-os gente taimada, que em paz prepara à surdina guerras e que só se abastece nas lojas dos seus.

Quando se fez homem dissiparam-se de sua mente estas disparatadas brumas matinais e viu neles gente de opinião opinável, uma vez que é opinada, fanáticos que, sob capa da religião, etc. É escusado embainhar aqui a litania de sandice salpicada de epítetos podres que é de rigor entre anti carlistas.

Na família Pérez havia uma velha animosidade<sup>92</sup> contra a família carlista López. Um Pérez e um López tinham sido consócios num tempo; houve entre eles algo cuja recordação se enterra nas famílias; este algo engendrou boatos, e a sucessão continua com pequenas injúrias diárias, cumprimentos negados, murmurações, olhares procazes, impertinências, enfim, engendraram um ódio duro.

<sup>90</sup> "Juan de Dios Álvarez Mendizábal, nascido Álvarez Méndez ([Chiclana de la Frontera, Cádiz, 25 de fevereiro de 1790](#) - [Madrid, 3 de novembro de 1853](#)), [político](#) e [economista espanhol](#). [...] A [21 de fevereiro de 1812](#) casou-se com Teresa Alfaro. Decidiu mudar o seu segundo sobrenome, Méndez, por Mendizábal, para ocultar a origem aparentemente judia dos Méndez, ainda que em [1811](#), sendo Ministro de Fazenda do Exército do Centro, assinava já os documentos como Mendizábal, tal qual se pode encontrar no Arquivo Histórico Provincial de [Albacete](#), pelo qual o nome *Mendizábal* precedia-o antes de se casar. [...] Comissário de guerra da honra em [1817](#). Em [1819](#) foi encarregue do subministro do exército da Andaluzia, o que lhe permitiu prosperar e travar contato com os revolucionários [liberais](#), tornando-se num deles. Foi [maçon](#) do "Taller Sublime" de [Cádiz](#) junto a [Francisco Javier de Istúriz](#) e [Antonio Alcalá Galiano](#). Adiantou dinheiro para a conspiração de [Rafael del Riego](#) e uniu-se à sua tropa de [27 de janeiro a 4 de março de 1820](#). Dedicou-se naquele tempo à importação de [tartarugas-de-pente](#) de [Birmingham](#)."

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Juan\\_%C3%81lvarez\\_Mendiz%C3%A1bal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Juan_%C3%81lvarez_Mendiz%C3%A1bal). Acedido a 30 de Junho de 2015.

<sup>91</sup> "Carlismo é a designação dada ao movimento político [tradicionalista](#) e [legitimista](#) de carácter [antiliberal](#), anti-revolucionário e [antimaçónico](#), surgido na [Espanha](#) no segundo quartel do [século XIX](#), que pretendeu o estabelecimento de um ramo alternativo da [dinastia](#) dos [Bourbons](#) no trono espanhol e que, na origem, defendia o regresso ao [Antigo Regime](#)." <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlismo>. Acedido a 30 de Junho de 2015.

<sup>92</sup> "...Había vieja inquina..." Ao texto original acrescentou-se o pronome indefinido *uma* para que exista uma maior coesão textual na língua de chegada. <http://www.rae.es/>. Acedido a 30 de Junho de 2015.

A família Pérez, ainda que liberal, era tão piadosa como a família López. Ouviam missa todos os dias, comungavam ao mês, figuravam em várias congregações, gastavam escapulários. Eram irreprocháveis.

Nosso Juan Pérez<sup>93</sup> havia-se nutrido destes sentimentos, aos que juntava alguma instrução, nem muita nem muito variada. A sua maior afeição eram as matemáticas.

Assim estavam as coisas quando começou a soar neste mundo o famosíssimo aforismo «o liberalismo é pecado», frase portentosa. Pecado! A eleição desta palavra é uma obra-mestra, pois qualquer outra que se empregasse, erro, heresia, impiedade, crime, o dizem mais ou menos, e assim ou não chegam ao branco ou passam por ele.

Nosso Pérez tomou isto por pouca coisa, como um manhoso indigno saído dos mercados húmidos donde se reuniam os fantasmas do casacão. Um artigo que a casualidade levou às suas mãos abriu-lhe o apetite. Leu o áureo livro do exímio Sardá, afeçou-se aos artigos de Hermano Mayor, às cartas de Martillo de protestantes e liberais, e começou a preocupar-se com essa doutrina nefanda, que debaixo do nome de liberalismo infiltra na sociedade como veneno os seus miasmas deletérios. O nefando deletério sobretudo produzia-lhe comichões nas têmporas.

Estudou a luta entre mestiços e puros, e sabia de lés a lés as decisões do Índice e as viagens de dom Celestino. Dedicou-se a ler os jornais puros, e com fruição de espírito anémico engolia artigos inacabáveis, sempre sobre o mesmo, sempre no mesmo estilo e com os epítetos consagrados sempre. Aguçou o seu espírito nas argúcias impercetíveis, nos jogos malabares de distinçãozinha e nos pequenos logogrifos de conceitinhos.

A tudo isto chegou a encíclica *Libertas* e com ela as briosas predicacões contra esse conjunto de todas as heresias e a campanha contra os liberais, imitadores de Lucifer, cujo é aquele grito: não servirei!

Muitas vezes, ao ocaso, na igreja, ficava sentado num banco, meditando. Pouco a pouco as suas ideias perdiam os contornos até que se convertiam numa nuvem, e, então, ao ouvir dar ao relógio as nove, saía da quietude do tempo ao bulício da rua.

Começou a sentir desgosto na sua alma. Uma noite voltava do sermão a casa e zombava-lhe na cabeça o famoso aforismo. Não podia entrar com que ele fosse mais pecador que um adúltero ou um assassino, e a coisa estava bem clara, porque pecar contra a fé, diretamente contra Deus, não lhe dando crédito, é pior que pecar por carambola; a soberba é mais satânica que a ira ou a luxúria. Aquela noite não pôde pregar olho,

---

<sup>93</sup> “...Juan Pérez...” Manteve-se o nome da personagem para não se perder a fidelidade ao texto e à língua de partida.

ressudando deu mil voltas na cama, levantou-se e bebeu água do jarro da bacia, cerrava os olhos com violência propondo-se contar até cento e cinquenta, nem por essas; nada, sempre no campo escuro bailando a sentença. Assim tivera passado toda a noite e lá para as quatro, com a fadiga que venceu a insónia, não tivesse iluminado a sua mente esta ideia de paz: salvo os casos de ignorância e de boa-fé. Dormiu dizendo: Deus perdoar-me-á porque não sei o que penso.

Juan Pérez recuperou aparentemente a calma, considerando-se caso de ignorância ou de boa-fé.

Mas...vejamo-lo: a ignorância vencível, não é pecado? Começou a mergulhar na sua alma se era o caso de ignorância ou de boa-fé, ou era tudo aquilo argúcias do inimigo mau. Custa tanto crucificar o homem velho! Às tantas voltaram as insónias.

Assim estava o pobre. Voltou a ler o áureo livro do exímio Sardá, a encíclica *Libertas*, e começou a estudar o que a mestra da gente entende por liberalismo nos seus vários graus e matizes, e por liberais, imitadores, etc. Uma tarde, à hora em que se deita o sol em cama de ouro, e quando voltava Juan Pérez do passeio por uma estrada, mordendo um rebento de rubo, ocorreu-se-lhe perguntar: sou eu por acaso liberal, imitador, etc.? E descobriu sem assombro, como coisa esquecida de puro sabida, que nunca tinha sido liberal. Recuperou a calma; não era liberal, mas também não era carlista. Carlista como os López, jamais! Os do casacão! Debaixo das suas ideias jaziam sempre os espectros da sua infância.

Não era liberal, mas ficava-lhe o nome. Que coisa tão terrível é o nome! É o polvo da inteligência. Aos seus pais chamaram-lhe e chamaram-se eles a si mesmo liberais. Perder o apelido porque outros o tinham difamado! O nome aferrava-se a ele porque Satanás sabe que a pele é o último que se deixa, e que pela pele se perderam muitos. Muito liberal cerrou os olhos e ouvidos ao terrível nome, à palavra misteriosa, que é o que foi no princípio.

Na vida interior de Juan Pérez veio outro período da prova. Basta no século da luta vê-la como simples espetador? Basta desertar das bandeiras de Bebial? A timidez não é pecado?

O resultado foi que Juan Pérez se fez tradicionalista, carlista não; abjurou em todos os seus graus e matizes a seita deletéria que jamais havia professado, e apartou-se dos liberais, imitadores de Lucifer<sup>94</sup>, cujo é aquele grito, não servirei! Estudou os erros nefandos

<sup>94</sup> "...Lucifer..." O nome Lúcifer é frequentemente aplicado a Satanás, mas não há base bíblica para esta ideia. A palavra "Lúcifer" é a tradução em algumas Bíblias (ainda que não nas versões portuguesas mais comuns) da palavra hebraica *hêlîl* em Isaías 14:12. Versões bem conhecidas como a *Revista e Corrigida*, a *Revista e Atualizada* (1 e 2) e a *Linguagem de Hoje* traduzem esta palavra como "estrela da manhã." <http://www.estudosdabiblia.net/bd510.htm>, acedido a 30 de Junho de 2015.

que constituem esse abominável compêndio de todas as heresias e aborreceu, sobre tudo, os infames contubérnios dos filhos da luz com os das trevas; picou-lhe um prurido de ergotista curiosidade por conhecer o bem e o mal, e leu obras de liberais para conhecer de perto o cancro da nossa sociedade.

Refresquemos a sequidão deste relato.

Carmencita era boa rapariga, celebrada por todas as velhas e com os bolsinhos sonantes, condições que explicam porque Juan Pérez e um López, convencidos ambos de que não está bem que o homem esteja só e que não é bom queimar-se, perseguiram-na com um bom fim. Este López, de carlista se tinha feito integro, integro de cabeça, leal de sangue, porque toda outra distinção não passa de válvula de segurança num cérebro enchido de verdade absoluta.

Não se sabe como foi que López tirou partido de Pérez e casou com a miúda dos quartos. Juan Pérez passou maus dias e piores noites; mas ao cabo de bendito os inescrutáveis desígnios da Divina Providência em nada sacrificado rancorzinhos de família em aras da comunidade de doutrinas.

Juan Pérez, quando se tinha crido liberal, maldito se sabia o que era o liberalismo; mas já purificado estava ao milímetro dos pestilentes erros da nefanda seita e havia lido os corifeus da impiedade e a alguns alemães traduzidos. O inimigo mau às vezes tentava, o conhecimento do mar dava-lhe vertigens e ouvia como canto da sereia enganadora o silvo maléfico da serpente infernal.

O demónio tentava-o, e quanto mais se fundia a sua imaginação no ergotismo labiríntico, a sua inteligência, corrompida pelo pecado original, mais se levantava em alas da soberba. Satanás levantava-o oferecendo-lhe um mundo novo de ideias novas se rendido o adorava. Começava a empachar-se da doce virtude de humilhar-se ante a letra e a desconhecer que Deus escolheu o néscio e o fraco do mundo para envergonhar aos sábios e aos fortes. Há que juntar que por este tempo Juan Pérez se dedicava à ginástica e desejava veemente uma rapariga arrojada e pobre.

Chegou o estalinho. Sucedeu que um dia de primavera, em certa reunião, departiam amigavelmente, entre outros vários, nossos Pérez e López acerca de uma carta de Martillo e comentavam o tiroteio entre íntegros e leais, Repetiam pela centésima vez a mesma piada, escrutinavam a quarta intensão de coisas sem a primeira, repetiam argumentos que sempre com os mesmos colares se leem encrostados em seis ou sete colunas de prosa prensada,

quando travaram discussão Juan Pérez e Pedro López<sup>95</sup> sobre o maior ou menos grau e matiz de liberalismo das suas opiniões a respeito de um ponto concreto.

É de saber que neste desditoso século das luzes e dos direitos do homem, o vírus pestilente do liberalismo o infecta todo de tal maneira com seus miasmas deletérios que circula até nas raízes do integralismo mais puro. É um dos maiores tormentos do homem puro examinar devagar cada ideia que se lhe ocorra antes de manifestá-la e pô-la em quarentena até ver que grau e matiz de liberalismo pode ter. Oh século infeliz!

Chegou a discussão do Pérez e o López a azedar-se a ponto que intervinham os amigos, temendo um mau remate. Pérez ardia, tinha a cara vermelha, o coração palpitante, sufocava-se, e o sangue, inficionado do pecado original, trazia-lhe os espectros da sua infância, a imagem esfumada dos casacões pretos nos mercados húmidos, o rancor herdado e mamado, frases dos seus pais que não entendeu ao ouvi-las olhadelas dos López, misérias de vizinhança com névoa de pátio, narrações de façanhas dos cristinos, os olhos de boi de Carmencita que o olhavam, e removia-se-lhe o barro do coração que Deus lhe havia endurecido, deslocava-se-lhe o cérebro, e sobretudo este problema confuso, que como vento de tempestade arrastava a cólera, via brilhar a fatal sentença. Sentiu um nó na garganta e vontade de estrangular o López quando ouviu que este lhe gritava:

- Saia você de aí, seu liberal!

Juan Pérez estalou:

-Sim, sim e sim! Liberal e com muita honra! Liberal fui, sou e serei, liberal em todos os seus graus e matizes, imitador de Lucifer, cujo é aquele grito: Não servirei! Não, não servirei, e se é pecado..., que o seja!

Não sabia o que se dizia, mas nem no delírio da cólera esqueceu a fraseologia.

Saiu soprando, e aquela noite repetiram-se-lhe as insónias.

Tinha partido a casca, descendia a pendente, faltou-lhe a graça eficaz e começou no seu espírito um trabalho de demolição. Havia provado o fruto e acabou por ser liberal a ciência e a consciência. Má coisa é ser sábio em opinião própria; deve-se esperar mais do néscio! Ai dos que são sábios em seus próprios olhos!

A doutrina rompeu a ignorância; o conhecimento do pecado traz horror a ele, e o sangue liberal, pecado original dos Pérez desde os tempos de Álvarez Mendizábal, entronou a carne sobre o espírito. Não conheceu o pecado, senão pela lei; não houvesse conhecido o

<sup>95</sup> “...Pedro López...” Manteve-se o nome próprio para não fugir ao texto em língua original. É importante para o texto final manter a fidelidade ao original. É importante que não surjam dúvidas sobre o desvirtuamento do texto original e do traço marcado pelo autor. O caso dos nomes próprios é um onde não devemos criar dúvidas, sendo melhor deixar estar conforme o original.

liberalismo se a lei não o dissesse: o liberalismo é pecado. O pecado, tomando ocasião de mandamento, renovou nele a rebeldia do sangue, porque sem a lei o pecado estava morto, Juan Pérez viveu sem lei nalgum tempo, mas quando veio o mandamento reviveu o pecado; o mandamento que dá a vida deu-lhe morte, porque o pecado, com ocasião do mandamento, o enganou e matou. A lei é espiritual, mas nós somos carnaís.

O mistério da iniquidade havia-se cumprido: o sangue e Álvarez Mendizábal haviam-no consumado. E ainda haverá quem se obstine em negar que o liberalismo é pecado e pecado dos maiores, e os liberais imitadores, etc.! Miserável e corrompida carne de Adão! Quem nos livrará deste corpo de morte?



## O semelhante

Como todos fugiam de Celestino o tonto, tomando-o quando muito um sempre-em-pé com que se divertiam, o pobrezinho evitava toda a gente passeando-se só pelo campo solitário, sumido no que o rodeava, assistindo sem consciência de si ao desfile de quanto se lhe punha por diante. Celestino o tonto sim que vivia *dentro* do mundo como no útero materno, entretecendo com realidades frescas sonhos infantis, para ele tão reais como aquelas, numa pequenez estancada, apegada ao caleidoscópio vivo como à placenta de feto, e como este ignorante de si. A sua alma abarcava-o todo em pura simplicidade; tudo era estado da sua consciência. Ia-se pela maior solidão das alamedas do rio, rindo-se dos mergulhos dos patos, dos voos curtos dos pássaros, dos revolteios cruzados dos casais de borboletas. Uma das suas maiores diversões era ver dar a volta a um escaravelho a quem pusera de patas para cima no chão.

Unicamente<sup>96</sup> o que o inquietava era a presença do inimigo, do homem. Ao acercar-se algum mirava-o de vez em quando<sup>97</sup> com um sorriso em que lhe queria dizer: «Não me faças nada, que não vou fazer-te mal»; e quando o tinha próximo, debaixo daquele olhar de indiferença e sem amor, baixava a vista até ao chão, desejando reduzir-se ao tamanho de uma formiga. Se algum conhecido lhe dizia ao encontrá-lo: «Olá, Celestino!», inclinava com mansidão a cabeça e sorria esperando o cachaço. Quando via ao longe miúdos, apertava o passo; tinha-lhes horror justificado: eram o pior dos homens.

Uma manhã esbarrou Celestino com outro solitário passeante, e ao cruzar-se com ele e, como de costume, sorrir-lhe, viu na cara alheia o reflexo do seu próprio sorriso, uma saudação de inteligência. E ao voltar a cabeça, logo que se cruzaram, viu que também o outro a tinha voltada, e tornaram a sorrir um ao outro. Devia ser um semelhante. Todo aquele dia esteve Celestino mais alegre do que costume, cheio de calor que lhe deixou na alma o eco aquele de que a sua simplicidade o havia devolvido, por um rosto humano, o mundo.

<sup>96</sup> “Lo único...” Optou-se por criar um advérbio de modo e trocar a posição das palavras no início da frase. Ao radical acrescentou-se o sufixo –mente com a intenção de realçar o que é expresso pelo advérbio. <http://www.rae.es/>. Acedido a 30 de Junho de 2015.

<sup>97</sup> “...de vez em vez...” No contexto cultural português, esta expressão idiomática, é correspondida pela que nós traduzimos, sendo objeto de uma troca de palavras. No texto original a repetição da palavra vez reforça a expressão em causa, dando uma ideia ao leitor de algo que não acontece com regularidade.

Na manhã seguinte afrontaram-se de novo no momento em que um pardal, fazendo muito barulho,<sup>98</sup> foi pousar num salgueiro próximo. Celestino assinalou-o ao outro, e disse rindo-se

- Que pássaro..., um pardal!

- É verdade, é um pardal – respondeu o outro soltando um sorriso.

E excitados mutuamente riram-se mais e melhor: primeiro, do pássaro que lhes fazia coro chilreando, e depois, do próprio riso.<sup>99</sup> E assim ficaram amigos os dois imbecis, ao ar livre debaixo do céu de Deus.

- Quem és?

- Pepe.

- E eu Celestino.

- Celestino... Celestino...– gritou o outro, rompendo a rir com toda a sua alma–.

Celestino o tonto... Celestino o tonto...

- E tu Pepe o tonto – replicou com viveza e irritação<sup>100</sup> Celestino.

- É verdade, Pepe o tonto e Celestino o tonto!...

E acabaram por rir-se com toda a vontade os dois tontos das suas tonteiras, tragando ao fazê-lo baforadas de ar livre. Os seus risos perdiam-se na alameda, confundido com as vozes todas do campo, como uma de tantas.

Desde aquele dia de riso juntavam-se diariamente para passear juntos, comungar nas impressões, assinalando-se mutuamente o primeiro que Deus lhes punha por diante, vivendo *dentro* do mundo, prestando-se calor e fomento como gémeos que participam de uma mesma matriz.

- Hoje está calor.

- Sim, está calor, é verdade que está calor...

- Neste tempo costuma estar calor...

<sup>98</sup> “...metiendo mucha bulla...” O encontro de Celestino com o caminhante é acompanhado pela presença de um pardal. Neste momento, ao segundo dia que se cruzaram, o encontro dos dois homens é surpreendido pelo muito barulho que o pardal faz. No texto original a frase está no feminino, ao invés, no português, está no masculino. O verbo de ação da frase é em espanhol o verbo *meter* e na tradução o verbo *fazer*. A tradução perde a intenção natural do texto em espanhol pois não se encontrou uma expressão idiomática que pudesse substituir o texto original.

<sup>99</sup> “...de que se reían.” Nesta altura do texto os dois homens riam-se do pássaro, e riam-se do riso. Na tradução optou-se por ser mais direto naquilo que os fazia rir de si mesmos. O jogo de palavras que temos no texto de partida, perde-se no texto de chegada. Há, no entanto, uma simplicidade que se ganha no texto traduzido que o original não tem.

<sup>100</sup> “...amoscado...” O texto original, além do significado da palavra, exprime uma metáfora. Podia-se ter optado pelo mesmo processo em português, ex: estar com a mosca. Note-se que se optássemos pela metáfora na tradução, perdia-se o ritmo da frase. Optou-se pela palavra que possui o significado da metáfora para manter o ritmo conforme o texto original.

- É verdade, costuma estar calor neste tempo..., eh, eh..., e no inverno frio.

E assim seguiam sentindo-se semelhantes e gozando em descobrir a todos os momentos o que cremos tê-lo para todos eles descoberto o que cristalizamos em conceitos abstratos e encaixados logicamente. Era para eles sempre novo tudo debaixo do sol, toda a impressão fresca, e o mundo uma criação perpétua e sem segunda intenção alguma. Que ruidosa explosão de alegria a de Pepe quando viu o escaravelho de patas para cima. Apanhou um calhau na exaltação do seu gozo para desafogá-lo esmagando o bichinho, mas Celestino impediu-o dizendo-lhe:

- Não, não é mau...

A imbecilidade de Pepe não era, como a do seu novo amigo, congénita e invariável, senão adventícia e progressiva, devido a um amolecimento do cérebro. Celestino conheceu-o, ainda que sem dar-se com ele conta; percebeu confusamente o princípio do que os diferenciava no fundo de semelhança, e desta observação inconsciente, soterrada nas profunduras tenebrosas da sua alma virgem, brotou nele um amor ao pobre Pepe, em vez de irmão, de pai e de mãe. Quando às vezes ficava o seu amigo dormindo nas margens do rio, Celestino, sentado à sua beira, afugentava-lhe as moscas e zangões, atirava pedras aos charcos para que se calassem as rãs, cuidava das formigas para que não subissem para a cara do que dormia, e olhava com inquietude de um lado ao outro para ver se vinha algum homem. E ao divisar rapazolas latia-lhe o peito com violência e acercava-se mais do seu amigo, metendo pedras nos bolsos. Quando na cara do dormite vagueava um sorriso, Celestino sorria sonhando no mundo que o encerrava.

Pelas ruas corriam os rapazolas em parilha gritando:

*Tonto com tonto,*

*Tonto duas vezes!*

Um dia em que chegou um vagabundo até bater ao enfermo, desperta-se em Celestino um instinto até então nele adormecido, correu após o rapazinho e encheu-o de cachaçadas e de sopapos. A maralha, irritada e alvoraçada às vezes pela impresumível rebelião do tonto, empreendeu-a com o par, e Celestino, escudando o outro, defendeu-se heroicamente à bolada e patadas até que chegou um aguazil a por os rapazolas em fuga. E o aguazil repreendeu o tonto...Homem ao cabo!

No progresso da sua idiotice chegou Pepe a entorpecer-se de tal modo de sentidos que se limitava a repetir entre dentes, sonolento, o que o seu amigo lhe ia assinalando, segundo desfilava como intérprete do cosmorama.

Um dia não viu Celestino o tonto o seu pobre amigo e andou buscando-o de sítio em sítio, olhando com ódio os rapazolas e sorrindo mais que nunca aos homens. Ouviu o cabo dizer que tinha morrido como um passarinho, e ainda que não entendesse bem isso de morto, sentiu algo como fome espiritual, apanhou um calhau, metendo-o no bolso, foi à igreja à que o levavam à missa, ajoelhou-se ante Cristo, sentando-se logo nos calcanhares, e depois de persignar-se várias vezes ao vapor repetia:

- Quem o matou? Diz-me quem o matou...

E recordando vagamente a vista de Cristo, que um dia ali, sem deixar de o olhar, havia ouvido num sermão que aquele crucificado ressuscitava mortos, exclamou:

- Ressuscita-o! Ressuscita-o!

Ao sair rodeou-o uma tropa de rapazolas: um tirava-lhe o casaco, outro derribou-lhe o chapéu, algum cuspiu-lhe, e perguntavam-lhe: «E o outro tonto?». Celestino, refugiando-se em si mesmo, perdida aquela fugitiva coragem, filho do amor, e murmurando: «pilhos, pilhos, patifes..., canalhas..., estes mataram-no..., pilhos»; atirou o calhau e apertou o passo para se pôr em sua casa a salvo.

Quando passeava de novo só pelas alamedas, à beira do rio, as ondas de impressões frescas, que qual sangue espiritual recebia como a placenta do campo livre, vinham agrupar-se e tomar vida em torno da vaga e penumbrosa imagem do rosto sorridente do seu amigo dormido. Assim humanizou a natureza antropomorfizando-a à sua maneira, na sua pura simplicidade e inconsciência de vida, a ternura paterno-maternal que ao contacto de um semelhante havia nele brotado, e sem ele dar conta vislumbrou vagamente Deus, que desde o céu lhe sorria com sorriso de semelhante humano.

Soledad<sup>101</sup>

Soledad nasceu da morte de sua mãe; já Leopardi<sup>102</sup> cantou que é risco de morte o nascimento,

*nasce lúomo a fatica  
ed e rischio di morte il nascimento,*

risco de morte para o que nasce, risco de morte para quem lhe dá o ser.

A pobre Amparo<sup>103</sup>, a mãe de Soledad, havia levado nos seus cinco anos de casada uma vida penumbrosa e caladamente trágica. O seu marido era impenetrável e parecia insensível. Não sabia a pobre como se havia casado; encontrou-se ligada por matrimónio àquele homem como quem desperta de um sonho. A sua vida toda de solteira perdia-se numa lonjura brumosa, e quando pensava nela acordava de si mesma, da que foi antes de casar-se, como de uma pessoa estranha. Não podia saber se o seu marido a queria ou a detestava. Detinha-se em casa mais que para comer e dormir, para todo o animal da vida; trabalhava fora, falava fora, distraia-se fora. Jamais dirigiu à sua pobre mulher uma palavra mais alta ou mais azeda que outra; jamais a contrariou em nada. Quando ela, a pobre Amparo, lhe perguntava algo, consultava o seu parecer, obtinha dele invariavelmente a mesma resposta: «Bom, sim, deixa-me em paz; como tu queiras!». E este insistente «como tu queiras!» chegava ao coração da pobre Amparo, um coração enfermo, como um agudo punhal. «Como tu queiras! – pensava a pobre –; quer dizer, que a minha vontade não merece nem sequer ser contrariada». E logo o «deixa-me em paz!», esse terrível «deixa-me em paz!» que amarga tantos lares. No de Amparo, no que devia ser o lar de Amparo, essa terrível e agoireira paz entenebrecia-o todo.

Ao ano de casada teve Amparo um filho; mas no triste desamparo do seu lar cinzento ansiava uma filha. «Um filho – pensava – um homem! Os homens têm sempre que fazer fora

<sup>101</sup> Manteve-se o nome original em espanhol para estarmos conforme o original, e assim, não perdermos o nome próprio da personagem em questão. Mantivemo-nos fieis ao texto de partida e ao que o autor quer expressar.

<sup>102</sup> *Idem...*

<sup>103</sup> *Idem...*

de casa!» E assim, quando voltou a ficar grávida, não sonhava senão na filha. E haveria de chamar-se Soledad. A pobre caiu na cama gravemente enferma. O seu coração desfalecia por momentos. Compreendeu que não vivia senão para dar à luz a sua filha, até pô-la neste lar tenebroso. Chamou o seu marido e disse: «Olha, Pedro, se, como espero, é filha, pôr-lhe-ás por nome Soledad, está bem?». «Bom, bem – respondeu ele –, tempo haverá pera pensar nele», e pensava que aquele dia, com aquele parto, ia perder a sua partida de dominó. «É que eu morro, Pedro, é que não vou poder resistir a isto», acrescentou. «Apreensões!», replicou ele. «Seja – respondeu Amparo –, mas se sai menina, chamá-la-ás Soledad, eh?» «Bom, sim, deixa-me em paz; como tu queiras!», concluiu ele.

E deixou-o em paz para sempre. Depois de ter dado à luz a sua filha só teve tempo para precatar-se de que era menina. E as suas últimas palavras foram: «Soledad, eh, Pedro? Soledad!».

O homem ficou suspenso e haveria de ficar abortivo se fora ele algo. Viúvo, na sua idade, e com os filhos pequenos! Quem lhe cuidaria agora da casa? Quem é que os criaria? Porque até que a menina se fizesse maiorzinha e pudesse encarregar-se das chaves e o governo... E como voltar a casar-se! Não, não voltaria a fazê-lo. Já sabia o que era estar casado, se o houvesse sabido antes! Isso não lhe resolveria nada. Não, decididamente não, não voltaria a casar-se.

Fez com que levassem Soledad a uma aldeia, a criá-la fora de casa. Não queria *chatices*<sup>104</sup> de crianças e impertinências de amas-de-leite. Farto estava do outro, de Pedrín, o menino de três anos.

Soledad apenas se lembrava dos primeiros anos da sua infância. Lá, na lonjura, as suas últimas recordações eram as daquele lar fosco e cinzento e aquele pai hermético, aquele homem que comia junto dela na mesa e a quem via o momento ao levantar-se e outro momento ao ir deitar-se. E aqueles beijos litúrgicos, forçados. A única companhia de Pedrín, seu irmão. Mas Pedrín<sup>105</sup> jogava com ela no mais estrito sentido, quer dizer, que não jogava na companhia dela, se bem que jogava com ela como se joga com uma boneca. Ela, Soledad, Solita, era o seu brinquedo. E era como homem que havia de ser, um bruto. Como eram os seus

<sup>104</sup> “...molestias...” Havendo o equivalente linguístico na língua de chegada, não se optou pela tradução literal. O porquê desta opção baseia-se no facto de *molestias* poderem ser físicas e emocionais e *chatices* serem apenas emocionais. A tradução utiliza a palavra que se adequa mais ao momento da ação textual, na língua portuguesa.

<sup>105</sup> “Mas Pedrín...” Estamos perante mais um nome próprio e, como das outras vezes, mantemo-nos fieis ao texto de partida mantendo o nome da personagem tal como o autor a escreveu. Isto acontece para que o texto pareça o mais natural possível ou até o menos traduzido possível.

punhos mais fortes, queria ter sempre razão. «Vocês, as mulheres, não servis para nada. Os que mandam são os homens!», disse-lhe uma vez.

Era Soledad uma natureza deliciosamente recetiva, um génio de sensibilidade. Dá-se com frequência nas mulheres este génio da recetividade, que, como nada produz, estingue-se sem que nada o haja conhecido. A princípio acudiu Soledad chorosa e ferida no mais vivo a seu pai, à esfinge, demandando justiça; mas o inflexível varão contestava-o secamente.. «Bom, bem, deixa-me em paz! Deem um beijo que isto não se repita!». Assim cria consertá-lo, tirando-se de cima a moléstia. E acabou ele porque Soledad não voltou a queixar-se a seu pai das brutalidades do seu irmão, e suportou-o tudo em silêncio, deixando aquele em paz e evitando-se os fraternais beijos de humilhação.

Foi espessando-se e entenebrecendo-se a tristeza cinzenta do seu lar. Só descansava no colégio, em que a meteu seu pai como meio pensionista para tirar-se assim mais tempo de cima. Ali, no colégio, soube que as suas companheiras todas tinham ou haviam tido mãe. E um dia, à hora de jantar atreveu-se a chatear o seu pai perguntando-lhe: «Diz, papá, tive eu mãe?». «Vá uma pergunta – respondeu o homem – todos tivemos mãe; porque o perguntas?». «E onde está a minha mãe, papá?» «Morreu quando tu nasceste.» «Ai, que pena!», prorrompeu Soledad. E então o pai quebrou por momentos a sua selvagem taciturnidade, e disse-lhe como a sua mãe se tinha chamado Amparo e mostrou-lhe um retrato da defunta. «Que bonita era!», exclamou a menina. E o pai acrescentou: «Sim, mas não tanto como tu!». Nesta exclamação, que se lhe escapou, ia o fundo de uma das suas petulâncias; cria que o ser sua filha mais bonita que a mãe se devia a ele. «E tu, Pedrín – disse Soledad ao seu irmão, animada por aquele fugitivo braseiro de lar –, lembras-te tu dela?» «E como me posso eu lembrar se quando morreu não tinha eu mais de três anos!» «Pois eu no teu caso lembrar-me-ia», foi a resposta da menina. «Claro, as mulheres são mais espertas!», exclamou o homenzinho em desabrochamento. «Não; mas sabemos recordar melhor.» «Bom, bom, não digas tonteiras e deixa-me em paz.» E acabou-se o colóquio daquela noite memorável em que Soledad soube que havia tido mãe.

E tanto deu em pensar nela que quase a recordou. Povoou a sua solidão com sonhos maternos.

Foram correndo os anos, todos iguais, todos cinzentos e tristes naquele lar apagado. O pai não envelhecia nem podia envelhecer. Às mesmas horas fazia todos os dias as mesmas coisas, com uma regularidade mecânica. E o irmão começou a dissipar-se, a dar que falar na vila. Até que desapareceu dele; Soledad não soube para onde. Ficaram pai e filha sós, sós e separados; vivendo, quer dizer, comendo e dormindo debaixo do mesmo teto.

Por fim pareceu que um dia se abrisse o céu a Soledad. Um galhardo moço, que desde algum tempo devorava-a com os olhos quando a via na rua, dirigiu-se a ela solicitando ser admitido à prova como noivo. A pobre Soledad viu que se lhe abria a vida, e ainda que com uns certos pressentimentos que em vão queria rejeitar de si, admitiu-o. E foi como uma primavera.

Começou Soledad a viver, começou melhor a nascer. Descobriu-se-lhe o sentido de muitas coisas que até então não tiveram para ela; começou a entender o muito que ouviu nas suas aulas e às suas companheiras de colégio, muito que havia lido. Tudo parecia cantar dentro dela. Mas uma vez descobriu toda a sedimentação do seu lar, e se não houvesse sido pela imagem, sempre nela presente, do seu noivo, haver-se-ia petrificado ali junto àquele homem granítico.

Foi um verdadeiro deslumbramento aquele noivado para a pobre Soledad. E o pai parecia não ter-se inteirado de nada ou não quer inteirar-se: nem a mais leve alusão da sua parte. Se ao sair de casa se cruzava com o namorado da sua filha que se chegava da grelha, às horas do saboroso colóquio, fazia como quem não se inteirava. A pobre Soledad teve mais de uma vez a intenção de insinuar algo ao seu pai à mesa, à hora de jantar; mas as palavras coalhavam-se-lhe na boca antes de sair. E calou, seguiu calando.

Começou Soledad a ler em livros que lhe trazia o seu namorado; começou, graças a ele, a conhecer o mundo. E aquele jovem não parecia homem. Era carinhoso, alegre, aberto, irónico e até a contradizia às vezes. Do seu pai, do pai dela, não lhe falou nunca.

Foi a iniciação na vida e foi o sonho do lar. Soledad começou, com efeito, a sonhar com o que seria um lar, a entrever o que eram os lares, os verdadeiros lares das suas companheiras que o tinham. E este conhecimento, este sentimento melhor, acresceu com ela o horror à madrigueira em que vivia.

E de repente, um dia, quando menos o esperava, veio o afundamento. O seu namorado, fazia um mês que estava ausente, escreveu-lhe uma comprida carta muito cheia de expressões de carinho, muito alambicadas, muito tortuosas, em que à volta de mil protestos de afeto lhe dizia que aquelas suas relações não podiam continuar. E acabava com esta frase terrível: «Oxalá chegue algum dia outro que te possa fazer feliz melhor que eu». Soledad sentiu um tenebroso frio que lhe envolvia a alma e toda a brutalidade, toda a indizível brutalidade do homem, quer dizer, do varão, do macho. Mas conteve-se devorando em silêncio e com olhos enxutos a sua humilhação e a sua dor. Não queria aparecer débil ante seu pai, ante a esfinge.



Porquê? Porque a havia deixado o seu noivo? Já se cansara dela? Porquê? Pode um homem cansar-se de amar? É possível<sup>106</sup> cansar-se de amar? Não, não, é que nunca a havia querido. E ela, a pobre Soledad, sedenta de amor desde que nascera, compreendeu que não a havia querido nunca aquele outro homem. E fundiu-se em si mesma, refugiando-se no culto da mãe, no culto à Virgem. E não chorou porque a sua dor não era de lágrimas; era uma dor seca e ardente.

Uma noite, à hora de jantar, a esfinge paternal abriu a boca para dizer: «O quê? Segundo parece isso já se acabou!». E Soledad sentiu como se a atravessassem o coração com uma espada de gelo. Levantou-se da mesa, foi para um quarto, e exclamando: minha mãe, caiu num espasmo convulsivo! E desde então o mundo soube-lhe a vazio.

E passaram dois anos e uma manhã encontraram morto em sua cama o pai, o dom Pedro. O coração havia-se-lhe parado. E a sua filha, sozinha agora no mundo, não o chorou.

Ficou só Soledad, eternamente só. E para que a sua solidão fosse maior vendeu quantas quintas lhe deixou o seu pai, realizou uma modestíssima fortuninha, e foi viver para longe, muito longe, onde ninguém a conhecera e onde ela a ninguém conhecera.

E esta é essa Soledad, hoje já quase anciã, essa mulherzinha simples e nobre que vede todas as tardes ir tomar o sol à beira-rio, essa mulherzinha misteriosa da que não se sabe nem de onde veio nem de onde é. Essa é a solitária caritativa que em silêncio remedeia as necessidades alheias que conhece e pode remediar; essa é a boa mulherzinha à que alguma vez se lhe escapa um desses ditos amargos, delatores do desconsolo calejado.

Ninguém sabia a sua história e chegou-se a propagar a lenda de uma tragédia dela. Mas, como vede, não há em sua vida tragédia alguma responsável, senão mais que a tragédia vulgar, vulgaríssima, irrepresentável, calada, que tantas vidas humanas destroça: a tragédia da solidão.

Só se recorda que há uns anos veio em busca de Soledad um homem avelhentado, de prematura decrepitude, encurvado como baixo o peso do vício, e a poucos dias de chegar morreu em casa da mulherzinha. «Era o meu irmão!» É o único que a esta se lhe ouviu.

E agora compreendeis o que é a solidão numa alma de mulher e de mulher sedenta de carinho e esfomeada de lar? O homem tem em nossas sociedades campos em que distrair a sua solidão; mas uma mulher que não quer encerrar-se num convento, que fará solitária entre nós?

---

<sup>106</sup> “¿Cabe cansarse de amar? A questão colocada por esta frase fala-nos de amor, de saber se é capaz de cansar-se de amar. O texto original utiliza essa possibilidade com a palavra “cabe”, enquanto a tradução aborda a questão no campo das possibilidades “é possível”.

Essa pobre mulherzinha, a que vede vaguear à beira do rio, sem fim nem objeto, sentiu toda a enorme brutalidade do egoísmo animal do homem. Que pensa? Para que vive? Que longa esperança a mantém?

Tracei relação, não digo amizade, com Soledad e procurei furtar-lhe o seu sentimento total da vida e do destino, o que alguém chamaria sua filosofia. Até hoje pouco ou nada consegui, mas espero consegui-lo. Tudo o que logrei é saber a sua história, a que vos acabo de contar. Fora disto não lhe ouvi senão reflexões cheias de bom sentido, mas de um bom sentido frio e ao parecer rasteiro. É mulher de extraordinária cultura de livros porque leu muito e de grande clarividência. Mas o que é sobretudo é extremamente sensível a grossarias e brutalidades de toda a classe. Vive assim, solitária e retraída, por não sofrer os empurrões da brutalidade humana.

De nós, os homens, tem uma singular ideia. Quando lhe saquei a conversa com respeito aos homens, limitou-se a exclamar: «Pobrezinhos!». Parece que nos compadece como quem compadecera um caranguejo. Prometeu falar-me alguma vez dos homens e do magno, do máximo, do supremo problema da relação entre homem e mulher. «Não da relação sexual – disse-me –, eh? Entenda você bem, não disso, se não da relação geral entre homem e mulher, o mesmo que sejam mãe e filho, filha e pai, irmã e irmão, amiga e amigo, respetivamente, como sejam marido e mulher, namorado e namorada ou amantes; o importante, o capital, é a relação geral, é como sinta um homem uma mulher, seja sua mãe, sua filha, sua irmã, sua mulher ou sua querida, e como sinta uma mulher um homem, seja seu pai, seu filho, seu irmão, seu marido ou seu amante.» E espero o dia em que Soledad me fale disto.

Uma vez falei com ela dessa profusão de livros eróticos com que agora nos inundam, porque com a boa Soledad pode falar-se de tudo cuidando de não feri-la. Quando lhe saquei essa conversação olhou-me inquisitivamente com os seus grandes olhos claros, olhos eternamente juvenis, e com uma sombra de sorriso sobre a sua boca perguntou-me: «Diga você, você comerá? Não é assim?». «Claro que como!», respondi surpreendido pela pergunta. «Pois bem, se a si que come lhe surpreendesse lendo um livro de cozinha e pudesse eu mandar, enviá-lo-ia à cozinha a esfregar as caçarolas.» E não digo mais.

## Ao correr os anos

*Eheu, fugazes, Postume,  
Postume, Labuntur anni...*

Horácio<sup>107</sup>, Odes II, 14

O lugar-comum da filosofia moral e da lírica que com mais insistência aparece, é o de como se vai o tempo, de como se afundam os anos na eternidade do passado.

Todos os homens descobrem a certa idade que se vão fazendo velhos, assim como descobrimos todos cada ano – oh, portento de observação! – que começam a alargar-se os dias ao entrar numa estação dele, e que ao entrar na oposta, seis meses depois, começam a encurtar-se.

Isto de como se vai o tempo sem remédio e de como em seu andar o deforma e transforma todo, é meditação para os dias todos do ano; mas parece que os homens consagramos a ela em especial o último dele, e o primeiro do ano seguinte, ou como se vem o tempo. E vem-se como se vai, sem senti-lo. E basta de evidências.

Somos os mesmos de há dois, oito, vinte anos? Venha o conto.

Juan e Juana casaram-se depois de um longo noivado, que lhes permitiu conhecerem-se, e melhor que conhecerem-se, fazer-se um ao outro. Conhecer-se não, porque dos namorados, aquilo que não se conhece em oito dias também não se conhece em oito anos, e o tempo não faz senão lançar-lhes sobre os olhos um véu –o denso véu do carinho– para que não se descubram mutuamente os defeitos ou, melhor, convertem-se-lhes aos encantados olhos em virtudes.

Juan e Juana casaram-se depois de um longo noivado e foi como continuação deste o seu matrimónio.

A paixão que os queimou como mirra nos transportes da lua-de-mel, e ficou o que entre as cinzas da paixão fica e vale muito mais que ela: a ternura. E a ternura em forma de sentimento da convivência.

<sup>107</sup> Quinto Horácio Flaco, em [latim](#) *Quintus Horatius Flaccus*, ([Venúsia](#), [8 de dezembro](#) de [65 a.C.](#) — [Roma](#), [27 de novembro](#) de [8 a.C.](#)) foi um [poeta lírico](#) e [satírico](#) romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da [Roma Antiga](#). <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hor%C3%A1cio>, acedido a 30 de Junho de 2015.

Sempre tardam os esposos em fazer-se dois em uma carne, como Cristo disse (Marcos<sup>108</sup> X, 8). Mas quando chegam a isto, coroação da ternura de convivência, a carne da mulher não acende a carne do homem, ainda que esta de seu se acenda; mas também, se cortam então a carne dela, dói-lhe a ele como se a própria carne a cortassem. E este é o cúmulo da convivência, de viver dois em um e de uma mesma vida. Até o amor, o puro amor, acaba quase por desaparecer. Amar a mulher própria converte-se em amar-se a si mesmo, em amor-próprio, e este está fora de percepto; pois se nos disse «ama o teu próximo como a ti mesmo», é de supor que cada um, sem percepto, a si mesmo se ama.

Chegaram rápido Juan e Juana à ternura de convivência, para que do seu longo noivado ao matrimónio os preparasse. E às vezes, por entre a mornura da ternura, assomavam labaredas de calor da paixão.

E assim corriam os dias.

Corriam e Juan amofinava-se e impacientava em si ao não observar sinais do futuro esperado. Seria ele menos homem que outros homens a quem por tão poucos homens tivera? E não os surpreenda esta consideração de Juan, porque na sua terra, onde corre sangue semita, há um sentimento demasiado carnal da virilidade. E secretamente, sem dizê-lo um ao outro, Juan e Juana sentiam cada um certo receio do outro, a quem culpavam da presumível frustração da esperança matrimonial.

Por fim, um dia Juana disse algo ao ouvido de Juan – ainda que estivessem sós e muito longe de todas as pessoas, mas é que em casos tais se joga o secretismo –, e o abraço de Juan a Juana<sup>109</sup> foi o mais apertado e o mais caloroso de quantos abraços até então se havia dado. Por fim, a convivência triunfava até na carne, trazendo a ela uma nova vida.

E veio o primeiro filho, a novidade, o milagre. A Juan parecia-lhe quase impossível que aquilo, saído da sua mulher, vivesse, e mais de uma noite, ao voltar a casa, inclinou o seu ouvido sobre a cabecinha do menino, que no seu berço dormia, para ouvir se respirava.

<sup>108</sup> “(Marcos X, 8)”: O Evangelho Segundo Marcos (em [grego](#): κατὰ Μάρκον εὐαγγέλιον, τὸ εὐαγγέλιον κατὰ Μάρκον - [transl.](#) euangelion kata Markon) é o segundo livro do [Novo Testamento](#). Sendo o [evangelho](#) mais curto da [Bíblia cristã](#), com apenas 16 capítulos, ele conta a história de [Jesus de Nazaré](#). É considerado pelos eruditos um dos três [evangelhos sinópticos](#). De acordo com a tradição, Marcos foi pensado para ser um epítome, o que representaria sua atual posição na [Bíblia](#), como um resumo de [Mateus](#) e [Lucas](#). No entanto, a maioria dos estudiosos contemporâneos considera essa obra como a mais antiga dos [evangelhos canônicos](#) - uma posição conhecida como [prioridade de Marcos](#) - embora a obra contenha 31 [versículos](#) relativos a outros [milagres](#) não relatados nos outros evangelhos. [https://pt.wikipedia.org/?title=Evangelho\\_segundo\\_Marcos](https://pt.wikipedia.org/?title=Evangelho_segundo_Marcos), acedido a 1 de Julho de 2015.

<sup>109</sup> “Juan a Juana” Manteve-se os nomes das personagens para não se perder a fidelidade ao texto e à língua de partida. Assim estamos mais pertos do texto de partida, logo, do que o autor expressa.

E passava-se longos bocados com o livro aberto diante, olhando Juanita como dava leite do seu peito a Juanito.

E correram os anos e veio outro filho, que foi filha – mas, senhor, quando se fala de masculinos e femininos, porque se haverá de aplicar a ambos aquele género e não este? – e chamou-se Juanita, e já não lhe pareceu a Juan, seu pai, tão milagroso, ainda que tão doloroso tremeu ao dá-lo à luz Juana, sua mãe.

E correram anos, e veio outro, e logo outro, e depois outro, e Juan e Juana foram-se carregando de filhos. E Juan só sabia o dia de nascimento do primeiro, e quanto aos demais, nem sequer sabia em que mês haviam nascido. Mas Juana, sua mãe, como os contava por dores, podia situá-los no tempo. Porque sempre guardamos na memória muito melhor as datas das dores e desgraças que não as dos prazeres e venturas. Os marcos da vida são dolorosos mais que prazenteiros.

E neste correr de anos e vir de filhos, Juana tinha-se convertido de uma donzela fresca e esbelta numa matrona outonal carregada de carnes, por acaso em excesso. As suas linhas haviam-se deformado em grande, a flor da juventude havia-se-lhe estragado. Era ainda formosa, mas já não era bonita. E a sua formosura era já mais para o coração que para os olhos. Era uma formosura de recordações, já não de esperanças.

E Juana foi notando que ao seu homem Juan se lhe ia modificando o carácter com os anos que sobre ele passavam, e até a ternura da conveniência se lhe ia amornando. Cada vez eram mais raras aquelas labaredas de paixão que nos primeiros anos de lar estalavam de quando em quando de entre os rescaldos da ternura.

E a ternura pura confunde-se às vezes quase com o agradecimento, e até confina com a piedade. Já a Juana os beijos de Juan, seu homem, lhe pareciam, mais que beijos à sua mulher, beijos à mãe dos seus filhos, beijos empapados em gratidão por haver-lhos dado tão formosos e bons, beijos empapados por acaso em piedade por senti-la declinar na vida. E não há amor verdadeiro e fundo, como era o amor de Juana e Juan, que se satisfaça com agradecimento nem com piedade. O amor não quer ser agradecido nem quer ser compadecido. O amor quer ser amado porque sim, e não por razão alguma, por nobre que esta seja.

Mas Juana tinha olhos e tinha espelho por uma parte, e tinha, por outra, os seus filhos. E tinha, ainda mais, fé no seu marido, e respeito a ele. E tinha, sobre tudo, a ternura que tudo aplanava.

Mas cria notar preocupado e murcho ao seu Juan, e às vezes murcho e preocupado, excitado. Parecia como se de uma nova juventude lhe agitara o sangue nas veias. Era como

se começasse o outono, um verãozinho de São Martinho fizera brotar nas flores tardias que haveria de gelar o inverno.

Juan estava, sim, murcho; Juan buscava a solidão; Juan parecia pensar em coisas longínquas quando a sua Juana lhe falava de perto; Juan andava distraído, Juana deu em observá-lo e em meditar, mais com o coração que com a cabeça, e acabou por descobrir o que toda a mulher acaba por descobrir sempre que afiança a inquisição ao coração e não à cabeça: descobriu que Juan andava apaixonado. Não havia dúvida alguma disso.

E redobrou Juana o carinho e a ternura e abraçava o seu Juan como se o defendesse de uma inimiga invisível, como se o protegesse de uma má tentação, de um pensamento mau. E Juan, em parte adivinhando<sup>110</sup> o sentido daqueles abraços de renovada paixão, desejava-se querer e redobrava a ternura, agradecimento e piedade, até lograr reavivar a quase extinta chama da paixão que de todo é inextinguível. E havia entre Juan e Juana um segredo patente a ambos, um segredo em segredo confessado.

E Juana começou a espreitar discretamente o seu Juan buscando o objeto da nova paixão. E não o achava. A quem, que não fosse ela, amaria Juan?

Até que um dia, e quando ele e onde ele, o seu Juan, menos o suspeitava, surpreendeu-o, sem que ele se precatasse disso, beijando um retrato. E retirou-se angustiada, mas decidida a saber de quem era o retrato. E foi desde aquele dia um labor astuto, calado e paciente, sempre atrás do misterioso retrato, guardando a angústia, redobrando a paixão, de abraços protetores.

Por fim! Por fim um dia aquele homem prevenido e cauto, aquele homem tão astuto e tão sobre si sempre, deixou – seria adrede? –, deixou ao descuido a carteira em que guardava o retrato. E Juana, tremente, ouvindo as chamadas do seu próprio coração que a advertia, cheia de curiosidade, de ciúmes, de compaixão, de medo e de vergonha, deitou mão à carteira. Ali, ali estava o retrato; sim, era aquele, aquele, o mesmo, recordava-o bem. Ela não o viu senão pelo revés quando o seu Juan o beijava apaixonado, mas aquele mesmo revés, aquele mesmo que estava então vendo.

Deteve-se um momento, deixou a carteira, foi à porta, escutou um pouco e logo a fechou. E agarrou o retrato, deu-lhe uma volta e cravou nele os olhos.

Juana ficou atónita, pálida primeiro e acesa de rubor depois; duas grossas lágrimas rodaram dos seus olhos ao retrato e logo as empurrou beijando-o. Aquele retrato era um

---

<sup>110</sup> “ Y Juan, medio adivinando...” As duas versões, original e tradução, são bastante parecidas mas não são equivalentes. Se utilizássemos um equivalente direto teríamos uma tradução com pouco sentido. “*Medio*” e “*em parte*” significam que não há um todo e é esse significado que o autor dá ao texto. Foi, também, o significado que se utilizou na tradução acercando o mais possível o texto à cultura de chegada.

retrato dela, dela mesma, só que... Ai, Póstumo, quão fugazes correm os anos! Era um retrato dela quando tinha vinte e três anos, meses antes de casar-se, era um retrato que Juana deu ao seu Juan quando eram namorados.

E ante o retrato ressurgiu nos seus olhos aquele passado de paixão, quando Juan não tinha um só cabelo branco<sup>111</sup> e era ela esbelta e fresca como um pinheirinho.

Sentiu Juana ciúmes de si mesma? Ou melhor, sentiu a Juana dos quarenta e cinco anos ciúmes da Juana dos vinte e três, da sua outra Juana? Não, se bem que sentiu compaixão de si mesma, e com ela, ternura, e com a ternura, carinho.

E agarrou no retrato e guardou-o no seio.

Quando Juan se viu sem o retrato na carteira, recebeu algo e mostrou-se inquieto.

Era uma noite de inverno e Juan e Juana, deitados já os filhos, encontravam-se sós junto ao fogo do lar; Juan lia um livro; Juana fazia labores. De repente Juana disse a Juan:

- Ouve, Juan, tenho algo que dizer-te.

- Diz, Juana, o que queiras.

Como os namorados, gostavam de repetir-se um ao outro o nome.

- Tu, Juan, guardas um segredo.

- Eu? Não!

- Digo-te que sim, Juan.

- Digo-te que não, Juana.

- Surpreendi-te, assim é que não me negues, Juan.

- Pois, se é assim, descobre-mo.

Então Juana sacou o retrato, e alargando-se-lhe a Juan, disse-lhe com lágrimas na voz:

- Anda, toma e beija-o, beija-o quando queiras, mas não às escondidas.

Juan pôs-se encarnado, e apenas reposto da emoção de surpresa, agarrou no retrato, deitou-o ao fogo e acercando-se de Juana e tomando-a nos seus braços e sentando-a sobre os seus joelhos, que tremiam, deu-lhe um comprido e apertado beijo na boca, um beijo em que a plenitude da ternura refloresceu a paizão primeira. E sentindo sobre si o doce peso daquela fonte de vida, de onde haviam para ele brotado com nove filhos mais de vinte anos da dita repousada, disse-lhe:

<sup>111</sup> "...una sola cana..." A tradução deste trecho é, do ponto de vista linguístico e cultural, fácil. Há uma sequência de equivalentes que se sucedem organizadamente. Temos, no entanto, um pormenor interessantíssimo que é o facto de no texto de partida os componentes da frase se apresentarem no género feminino, ao invés, no texto traduzido apresentam-se no género masculino.

- A ele não, que é coisa morta e o morto ao fogo; a ele não, senão a ti, a ti, minha Juana, minha vida, a ti que estás viva e me deste vida, a ti.

E Juana, tremendo de amor sobre os joelhos do seu Juan, sentiu-se voltar aos vinte e três anos, aos anos do retrato que ardia acalentando-os com o seu fogo.

E a paz da ternura sossegada voltou a reinar no lar de Juan e Juana.



## A bolsa de estudos

«Volte você outro dia...» «Veremos!» «Tê-lo-ei em conta.» «Anda tão mal isto...» «São vós tantos...» «Chegou tarde, que lástima!» Com frases assim via-se sempre despedido dom Agustín, cessante perpétuo. E não sabia impor-se nem importunar, ainda que houvesse ouvido mil vezes aquele «pobre porfiado, saca migalhas».

A sós fazia mil projetos, e enchia-se de coragem<sup>112</sup>, e prometia contar-lhe ao luzeiro de alba as verdades do barqueiro; mas quando via uns olhos que o olhavam, já estava enrugando-se-lhe o coração. «Mas porque serei assim, Deus meu?», perguntava-se, e continuava sendo assim, como era, já que só de tal modo podia ser ele o que era.

E por debaixo gostava um estranho deleite em encontrar-se sem colocação e sem saber onde encontraria o duro<sup>113</sup> para o dia seguinte. A liberdade é muito mais doce quando se tem o estômago vazio, digam o que queiram os que não se encontraram com a vida despida. Estes só conhecem as vestiduras da vida, seus arreios, não a vida mesmo, pelada e desnuda.

O filho, Agustinito, extenuado e débil, com uns olhinhos que lhe bailam na cara pálida, era a mesma pólvora. Caçava-as no voo.

- É a nossa única esperança – dizia a mãe, confusa no seu xaile, uma noite de inverno – que faça oposição a uma bolsa de estudos, e teremos as duas pesetas enquanto estude..., porque isto de viver assim, de caridade...! E que caridade, Deus meu! Não, não creias que me queixo, não! As senhoras são muito boas; mas...

- Sim; que, como disse Martín, em vez de exercer caridade dedicam-se ao desporto da beneficência.

- Não, isso não; não é isso.

- Ouvi-to alguma vez; é que parece que ao fazer caridade propõem-se envergonhar ao que a recebe. Já vês o que nos dizia a lavadeira ao contar-nos quando lhes deram de comer no Natal e lhes serviam as senhorinhas..., «essas coisas que fazem as senhorinhas para nos envergonharem...».

- Mas homem...

<sup>112</sup> “...y se armaba de coraje...” Para a tradução, encontrámos um verbo diferente que substitui o verbo “armar”. O verbo escolhido foi “encher”, podendo assim apresentar a expressão idiomática em português que equivale à espanhola.

<sup>113</sup> A moeda de 5 pesetas era coloquialmente chamada de “duro” (“peso” em Galego). <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peseta>. Acedido dia 2 de Julho de 2015.

- Sê franca e não tenhas segredos comigo. Compreendes que nos dão esmola para humilhar-nos...

Nas noites geladas não tinham com o que acalentar-se nem ainda o fogo da cozinha, pois não o acendiam. Era o seu um lar apagado.

O menino compreendia-o todo e penetrava no alcance todo daquele contínuo estribilho de «Aplica-te, Agustinito, aplica-te!».

Ruda foi a luta nas oposições à bolsa de estudos; mas obteve-a, e aquele dia, entre lágrimas e beijos, acenderam-se o fogo do lar.

A partir do dia este do triunfo acentuou-se em dom Agustín a sua vergonha de ir pretender posto; ainda que pouco e mal, comiam do que o filho cobrava, e com algo mais, trabalhando o pai aqui e ali de temporário, iam saindo, mal ou bem, do afã de cada dia. Não se dizia o de «basta-lhe a cada dia seu cuidado», e não o traduzimos dizendo que «não é por muito madrugar que amanhece mais cedo»? E sim não amanhece mais cedo por muito madrugar, o melhor é ficar-se pela cama. A cama adormece as pernas. Por algo os médicos dizem que o repouso cura tudo.

- Agustín, os livros! Os livros! Olha que és o nosso quase único sustento, que de ti depende tudo... Deus te premeie! – dizia a mãe.

E Agustinito, nem comia, nem dormia, nem descansava a seu sabor; sempre sobre os livros! E assim se ia envenenando o corpo e o espírito: aquele, com más digestões e piores sonhos, e este, o espírito, com coisas não menos indigeríveis que os seus professores o obrigavam a engolir. Tinha que comer no exame a classificação obrigada para não perder a bolsa de estudos.

Costumava ficar a dormir sobre os livros, em maneiras estes de almofadas, e sonhava com as férias eternas. Tinha de sacar além disso prémios para aforrar-se para as matrículas do ano seguinte.

- Vou ver de dom Leopoldo, Agustinito<sup>114</sup>; a dizer-lhe que necessitas nota máxima<sup>115</sup> para poder continuar disfrutando da bolsa de estudos...

- Não; não faça isso, mãe, que é muito feio...

- Feio? Ante a necessidade nada há que seja feio, filho meu!

- Mas sim tirarei nota máxima, mãe; sim tirá-la-ei.

<sup>114</sup> “Agustinito”: decidiu-se manter os nomes na língua de origem para conferir mais autenticidade ao texto. O mesmo aconteceu com Leopoldo que neste caso é igual nas duas línguas.

<sup>115</sup> “...sobresaliente...” Estamos perante um caso de ampliação linguística. Esta palavra sozinha não existe em português. Temos que recorrer a mais palavras para dizermos o mesmo que o autor diz em espanhol.

- E o prémio?
- Também o prémio mãe.
- Deus to permita, filho meu.

Via-se obrigado a sacar o prémio, obrigado, que é uma coisa verdadeiramente terrível.

- Olha, Agustinito, dom Alfonso, o de Patologia médica, está enfermo; deves ir a sua casa e perguntar como está...

- Não vou, mãe; não quero ser *graxista*.
- Ser quê?
- Graxista!

- Bom; não sei o que é isso; mas entendo-te, e os pobres, filho meu, temos que ser graxistas. Nada de aquilo de «pobre, mas orgulhoso», que é o que mais nos perde aos espanhóis...

- Pois não vou.
- Bem; irei eu.
- Não; nem pensar<sup>116</sup> irá.
- Bom; não queres que seja graxista..., pois não irei, mas, filho meu...
- Sacarei a nota máxima, mãe.

E sacava-o o desditado; mas a que custo! Uma vez sacou mais que notável e haviam de ver a cara dos seus pais.

- Tocaram-me tão mal as lições...
- Não, não, algo lhe fizeste...— disse o pai.

E a mãe apôs:

- Já to dizia eu... Descuidaste muito essa disciplina...

O mês de Maio era-lhe terrível. Costumava ficar a dormir sobre os livros, tendo a cafeteira ao lado. E a mãe, que se levantava solícita da cama, ia despertá-lo, e dizia-lhe:

- Basta por hoje, filho meu; em nada<sup>117</sup> convém abusar... Além disso, rendes-te ao sono e gastas mal o petróleo. E não estamos para isso.

<sup>116</sup> "...tampoco..." Este advérbio de negação do texto de partida serve para negar algo após ter-se negado outra coisa. Toda a tradução tem de negar algo também. Foi o que fizemos com a nossa tradução, negar algo que já tinha sido negado. O diálogo que se vai desenrolando no texto é a prova disso.

<sup>117</sup> "...tampoco..." Como referido no ponto anterior, a expressão no texto original nega algo que já fora negado. Na tradução quando é dito "*Basta por hoje*," é evidente que já existe aqui uma negação. A outra vem com o ponto assinalado "*em nada*".

Caiu enfermo e teve que guardar cama; consumia-o a febre. E os pais alarmaram-se, alarmaram-se do atraso que aquela enfermidade podia custar-lhe nos seus estudos; talvez durara-lhe a doença e não podia examinar-se com segurança de nota, e ficaria o pagamento da bolsa de estudos em suspenso.

O médico augurou os pais que duraria aquilo, e os pais, angustiados, perguntavam-lhe: «Mas poderá examinar-se em Junho?»

- Deixem-se de exames, que o que o moço necessita é comer muito e estudar pouco, e ar, muito ar...

Comer muito e estudar pouco! – exclamou a mãe –; mas, senhor, se tem que estudar muito para comer pouco!...

- É um caso de *surmenage*.

- De *sur* quê?

- De *surmenage*, senhora; de excesso de trabalho.

- Pobre filho meu! – e desatou a chorar a mãe –. É um santo..., um santo!

E o santo foi-se repondo, ao que parece, e quando pode ter-se em pé pediu os livros, e a mãe, ao levá-los, exclamou:

- És um santo, filho meu!

E aos três dias:

- Olha: hoje que está melhor tempo podes sair; vai à aula bem agasalhado, eh, e diz a dom Alfonso como tens estado enfermo, e que te dispense...

Ao voltar da aula disse:

- Disse-me dom Alfonso que não volte até que esteja bem de todo.

- Mas, e a nota máxima, filho meu?

- Sacá-la-ei.

E sacou-as, e viu as férias o seu único respiro. «Ao campo!», tinha dito o médico. Ao campo? E com que dinheiro? Com duas pesetas não se fazem milagres. Ia-se privar dom Agustín, o pai, do seu café diário, do único momento em que olvidava penas? Alguma vez tentou deixá-lo; mas o filho modelo dizia-lho:

Não, não; vai ao café, pai; não o deixes por mim; já sabes que eu me passo com qualquer coisa...

E não houve campo, porque não pôde havê-lo. Não recostou o pobre moço o seu cansado peito sobre o peito vivificante da mãe Terra; não esfregou a sua vista na verdura, que sempre volta, nem esfregou o seu coração no esquecimento reconfortante.

E voltou o curso, e com ele a dura luta, e voltou a ficar de cama o bolseiro, e uma manhã, enquanto estudava, sentiu um ataque de tosse e ensanguentaram-se as páginas do livro pelo sítio em que se tratava da tísica precisamente.

E o pobre rapaz ficou olhando o livro, a mancha vermelha, e mais além dela, o vazio, com os olhos fixos nele e no frio da desesperação acoplada na alma. Aquilo sacou-lhe a flor da alma a tristeza eterna, a tristeza transcendental, o fastio pré-natal que dorme no fundo de todos nós, e cujo rumor de carcoma tratamos de afogar com o transporte da vida.

- Há que deixar os livros em seguida – disse o médico enquanto o viu –; mas em seguidinha!

- Deixar os livros! – exclamou dom Agustín –. E com o que comemos?

- Trabalhe você.

- Pois se procuro e não encontro, se...

- Pois se lhes morre, por sua conta...

E o rude do dom José Antonio saiu murmurando «Vá um crime! Este é um caso de antropofagia..., estes pais comem o seu filho».

E comeram-no, com a ajuda da tísica; comeram-no pouco a pouco, gota a gota, adarme a adarme.

Comeram-no vacilando entre a esperança e o temor, amargando-lhes cada noite o sacrifício e recomeçando a cada manhã.

E o que iam fazer? O pobre pai andava entristecido, cheio de um desespero manso. E enquanto revolvía o café com a colherzinha para derreter o torrão de açúcar dizia: «Que amarga é a vida! Que miserável a sociedade! Que porcos são os homens! Agora só faltava que nos morresse...». E prontamente, em voz alta: «Moço: o *Vida Alegre!*».

Ainda chegou o menino a licenciar-se e teve o consolo de assinar o título, de assinar a sua sentença de morte com mão trémula e febril. Pediu logo um livro, uma novela.

- Oh, os livros, sempre os livros! – exclamou a mãe –. Deixa-os agora. Para que queres saber tanto? Deixa-os!

- A boa hora, mãe.

- Agora descansar um pouco e procurar um partido...

- Um partido?

- Sim; falei com dom Félix, e prometeu-me recomendar-me para Robleda.

A poucos dias ia Agustinito, para sempre, para as férias inacabáveis, com o título debaixo da almofada – foi um capricho seu – e com um livro na mão; foi-se às férias eternas. E os seus pais choraram amargamente.

- Agora, agora que ia começar a viver; agora que nos ia tirar de misérias; agora... Ai, Agustín, que triste é a vida!

- Sim, muito triste – murmurou o pai, pensando que numa temporada não podia ir ao café.

E dom José Antonio, o médico, dizia depois de ter-me contado o acontecimento: «Um crime mais, um crime mais dos pais... Estou farto de presenciá-los! E de pronto virão com o direito dos pais e o amor paternal... Mentira, mentira, mentira! Além das raparigas que se perdem são as suas mães quem primeiro as venderam... Isto entre os pobres, e explica-se, ainda que não se justifique. E os outros? Não faz ainda três dias que González García casou a sua filha com um tísico perdido, muito rico, isso sim, com mais pesetas que bacilos, e cuidado que tem uns milhares destes, e casou-a com consciência de que o noivo está com um pé na sepultura; entra nos seus cálculos que lhe morra o genro, e depois o neto que possa ter, de meningite ou algo assim, e depois... E para este pai que se permite falar em moralidade, não há grilheta? E agora, este pobre rapaz, esta nova vítima... E seguiremos considerando o Estado como um hospício, e venham sobressalentes, e canibalismo...canibalismo, sim, canibalismo! Comeram-no e beberam-no; comeram-lhe a carne, beberam-lhe o sangue..., e isto de comerem os pais um filho, como o chamaremos, senhor helenista? *Gonofagia*, não é assim? Sim; gonofagia, gonofagia, porque chamando as coisas em grego perdem o pouco de horror que poderiam ter. Recordo quando me contou você dos índios aqueles de que falava Heródoto<sup>118</sup>, que sepultavam os seus pais nos seus estômagos, comendo-os. A coisa é terrível; mas mais terrível ainda é o de Saturno<sup>119</sup> devorando os seus próprios filhos; mais terrível ainda é o festim de Atreo. Porque o primeiro comia o passado, sobretudo esse passado já morto, pode ainda passar; mas isto de comer-se o porvir...!

«Se você observa, verá de quantas maneiras os estamos comendo, afogando em gérmen os mais formosos pintainhos. Houvera você visto o triste olhar do pobre estudante, aqueles olhos, que pareciam olhar mais além das coisas, a um incerto porvir, sempre futuro e

<sup>118</sup> Heródoto, também [conhecido](http://www.infoescola.com/biografias/herodoto/) como o pai da história, foi um grande historiador e geógrafo dos tempos antigos. Viveu entre 485 a.C e 425 a.C. Nasceu em Halicarnasso, que hoje é Bodrum, na Turquia. Heródoto foi criado pelo seu tio Pamiatis que lhe ofereceu uma boa educação e também muitas viagens pelo mundo antigo. <http://www.infoescola.com/biografias/herodoto/>. Acedido a 3 de julho de 2015.

<sup>119</sup> Saturno é a divindade romana mais complexa, [conhecida](http://www.infoescola.com/mitologia/saturno-deus-romano/) pelos gregos como Cronos, o deus que representa o [tempo](#). Parecia pairar sobre ele e sua família uma maldição, pois logo cedo ele expulsou o próprio pai, Urano, de sua posição soberana entre os deuses, já que o mesmo estava dominado pela insanidade, gerando muita confusão na esfera terrena. Pouco tempo depois, exercendo igualmente uma liderança tirânica, recebe uma profecia assustadora, a de que ele também seria deposto do trono por um de seus filhos. <http://www.infoescola.com/mitologia/saturno-deus-romano/>. Acedido a 4 de julho de 2015.

sempre triste, e depois aquele pai, a quem não lhe faltava o seu café diário. E vira a sua dor ao perder o filho, dor verdadeira, sentida, sincera – não suponho outra coisa –; mas dor que tinha debaixo do seu carácter animal, de instinto ferido, algo de frio, de repulsivo, de triste. E depois esses livros, esses condenados livros, que em vez de servir de pasto servem de veneno à inteligência; esses malditos livros de texto, em que se costuma enfortir todo o mais vulgar, todo o mais pedestre, todo o mais insofrível da Ciência, com desígnios mercantis de ordinário...»

Calou-se o médico, e calei-me eu também. Para quê falar?

Passado algum tempo disseram-me que Teresa Martín, a afilha de dom Rufo, ia para freira. E ao manifestar a minha estranheza por isso, apuseram-me que tinha estado noiva de Agustín Pérez, o bolseiro, e que desde a morte deste se encontrava inconsolável.

Pensava ter-se casado enquanto tivesse partido.

- E os pais? – ocorreu-se-me arguir.

E ao contar eu mais tarde ao que me trouxe essa notícia a maneira como os seus pais o haviam comido, replicou-me desumanamente:

- Bah! De não o haver comido os seus pais, havia-o comido a sua noiva.

- Mas é –exclamei então– que estamos condenados a ser comidos por um ou por outro?

- Sem dúvida –replicou-me o meu interlocutor, que é homem aficionado a ingenuidades e paradoxos –, sem dúvida, já sabe você aquilo de que num mundo não há senão comer os demais ou ser comido por eles, ainda que eu creio que todos comemos os outros e eles nos comem. É um devorar mútuo.

- Então viver só –disse.

E replicou-me:

- Não logrará você nada, senão que se comerá a si mesmo, e isto é o mais terrível, porque ao prazer de devorar-se se junta a dor de ser devorado, e esta fusão numa de prazer e dor é a coisa mais lúgubre que pode dar-se.

- Basta –repliquei-lhe.

## Viva a introjeção

O que nos faz falta, espanhóis, é a introjeção, o mais parecido, o mais fecundo, o mais santo dos direitos humanos. Como podemos viver sem ele? Sem a liberdade da introjeção, todas as demais liberdades resultam-nos baldias e até danosas. Danosas, sim, porque há liberdades que, faltando outras que as complementem, antes prejudicam que beneficiam o homem. De que nos servem, com efeito, a liberdade de associação, a de imprensa, a de cultos, a de trabalho, a de ociosidade e tantas outras liberdades de que dizem gozamos, se a liberdade de introjeção nos falta? Sem esta imprescindível prerrogativa o sufrágio universal e o Jurado convertem-se em armas da vergonhosa tirania que nos domina. E não me digam, não, que temos a liberdade de introspeção, porque a introspeção não é a introjeção, como a autonomia não é a autarquia. Ponhamo-nos, ante tudo, de acordo nas palavras, chamemos a cada coisa pelo seu nome: pão, pão, queijo, queijo,<sup>120</sup> arquitrave, à arquitrave, introjeção à introjeção e tirania a este abandalhado conjunto de vazios e incompletas liberdades em que se nos afoga. A palavra, oh, a palavra, senhores, a palavra...!»

Ao chegar a este ponto do seu eloquentíssimo discurso, a palavra de Lucas Gómez foi afogada nos nutridos aplausos do numeroso público que assistia à reunião. O fervor dos ânimos subiu a pique<sup>121</sup> e os viva dom Lucas Gómez confundiram-se com os vivas à liberdade de introjeção.

Saiu gente convencida de quão necessário é introjecionar-se e de como os governos que padecemos impedem-no. Começaram os espanhóis a sentir fome e sede de introjeção.

Há que ter em conta que isto ocorria até 1981, pois hoje, no final deste tristíssimo século XXI, uma vez gasta a introjeção em puro uso, não nos damos clara conta dos entusiasmos que então provocara.

O caso é que a agitação cresceu como a maré: formou-se uma liga introjecionista, com o seu Diretório e delegações provinciais, pondo assim em aperto o governo. Em tão

<sup>120</sup> “...al pan, pan, y al vino, vino..” Esta é mais uma expressão idiomática da nossa tradução. Quem a profere dá a entender que é uma pessoa assertiva, inflexível, decidido. Em ambas as versões a palavra pão aparece. Na cultura do texto original é seguido pelo vinho enquanto na cultura portuguesa a seguir vem o queijo. O que é concomitante às duas culturas é o facto de as expressões terem temática alimentícia. <https://marciakillmann.wordpress.com/expressoes-idiomaticas-espanhol/>. Acedido a 6 de julho de 2015.

<sup>121</sup> “...subió de punto...” Ante esta expressão idiomática, decidiu-se pela tradução conforme o ponto 121. O que é importante salientar é a rápida ascensão do “fervor dos ânimos” como retratam ambas as versões. A cena retrata um ambiente de euforia.



grave aperto, que se viu forçado a demitir, exigindo a onda popular aos radicais, com o tácito pacto de implantar desde logo a liberdade de introjeção.

Mas sabido é o que são e foram sempre os nossos governos: quando não querem, ou não podem, ou não sabem cumprir o que a opinião pública lhes exige, falseiam tudo. É hoje coisa averiguada como certa, e que pude comprovar revendo papéis daquele tempo, que alugaram a um famoso sofista, cujo nome está na memória de todos os meus leitores, para que desnaturalizara o popular movimento. Como dado curioso podemos dar o dos gastos, não pequenos, que o sofista custeou ao Governo, e que este justificou na consignação do material como gastos para a refrigeração dos escritórios naquele calorosíssimo estio de 1982.

O nosso sofista começou a sua campanha fingindo-se introjecionista ou introjetivo, como ele se chamava, para começar assim confundindo a gente simples. E imediatamente, depois de estabelecer entre a introjeção, a introspeção, a introquição e a introversão tais e tantas diferenças que ninguém sabia o que fora cada uma destas tão importantes funções, perguntava-se: «esta introjeção há de ser psíquica ou anímica; espontânea, reflexiva e reflexa; primária ou secundária?». E conseguiu o seu maquiavélico projeto, logrando que em pouco tempo se dividiram os introjecionistas em psíquicos, anímicos, espontâneos, reflexivos, reflexos, primários e secundários, com multitude de matizes, termos médios e termos combinados. E ali ninguém se entendia.

Mas não faltaram homens animosos, avisados e entusiastas que denunciaram o vergonhoso labor do sufista introjetivo, puseram a descoberto as suas mesquinhas manhas e tretas, e trataram de reparar no exequível o desmedido dano que a causa introjecionista havia feito. Redigiram umas bases, creio que orgânicas – ainda que disto não estamos bem seguros –, para levar a cabo a grande concentração introjecionista, reduzindo a comum fórmula às distintas frações. Os menos redutíveis entre si foram os reflexivos e os reflexos, entre os que mediavam fundíssimas diferenças, consequência das que separavam aos seus respetivos chefes don Martín Fernández e L. Fernando Martínez<sup>122</sup>, os primários e os secundários até ao tempo já em que estavam fusionados debaixo da comum denominação de primo-secundários, tendo adotado esta e não a de secundo-primários, a troco de que o chefe dos secundários fosse da fração composta, porque em política tudo é transação.

---

<sup>122</sup> Todos os nomes originais mantiveram-se fieis ao original, ao longo do texto, para não haver uma desvirtuação do texto original. Assim sendo, mantiveram-se os nomes das personagens: “don Martín Fernández e L. Fernando Martínez”.

Todos sabemos o que ocorreu depois; as empenhadíssimas campanhas da concentração, os brilhantíssimos discursos de Lucas Gómez e a ânsia louca de introjeção que se acendeu nos corações espanhóis todos. Chegou a ser inútil a liberdade de pensamento, pois ninguém pensava mais que a introjeção; inútil a liberdade de ensino, já que não pudesse fazer-se introjetivo o ensino; inútil a de cultos se não cabia cultivar a introjeção; inútil a de associação desde o momento em que não era dado associar-se para introjecionar-se mutuamente; inútil a de trabalho se não se podia trabalhar introjetivamente.

E sucedeu o que não podia deixar de suceder, e é que chegou a revolução de 1889, e depois daquelas três breves, ainda que sangrentas jornadas do 5, 6 e 7 de fevereiro, triunfou o introjecionismo, empunhando Lucas Gómez as rédeas do Estado.

O primeiro que o Governo revolucionário fez foi proclamar aos quatro ventos a liberdade de introjeção. E sucedeu então o que era de esperar, e foi que enquanto se renovavam as empenhadas lutas entre psíquicos, anímicos, espontâneos, reflexos, reflexivos, primários e secundários, o que então se chamava massa neutra, e a sociologia moderna chama plasma socio germinativo, sentiu uma estranha sensação coletiva, olharam-se uns aos outros nos olhos os seus membros componentes, e perguntaram-se logo com curiosidade e assombro: E agora sim, que é isso da introjeção e com o que é que combina?

Hoje não necessitamos de fazer tal pergunta; a dolorosa experiência do último tercio do século XXI, até que ocorreu a salvadora conjugação hispano-marroquina – de que falaremos outro dia –, ensinou-nos, bem à nossa mente, o que a introjeção é e significa.

---

CONCLUSÃO

Para a elaboração deste trabalho de projeto, no âmbito do Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução, propusemo-nos a traduzir e analisar o livro de contos de Miguel de Unamuno *El espejo de la muerte*. O livro conta com vinte e seis contos, apesar de nós só termos traduzido catorze deles. Nestes catorze contos publicados em 1913 e recolhidos desde 1888, todos oferecem chaves importantes. Aprofundámos o universo literário e filosófico do autor, assim como o pensamento. Foi uma mostra da sua melhor prosa, nestas páginas pudemos reconhecer os rasgos mais característicos do escritor: a concisão do estilo, a preocupação com a natureza humana e as suas contradições. Neste livro ouvimos a voz do povo, a solidão, a doença, a morte, os desdobramentos de personalidade, a loucura. Estes textos de Unamuno refletem a existência humana nas suas mais diferentes facetas e manifestações. Aqui são tratados a relação entre homem e mulher, a razão e a paixão, até à sátira da sociedade e de quem governa.

No plano teórico da tradução, baseámo-nos em autores conceituados na disciplina da tradução como Eugene Nida, Peter Newmark, Valentín García Yebra, entre outros. Chegámos a várias conclusões sobre o nosso trabalho sempre tendo em conta as teorias e conceitos dos grandes nomes da tradução. Aprendemos de forma aprofundada quais as funções de uma tradução e o papel de um tradutor. Foi enormemente gratificante executar um trabalho desta envergadura e amplitude teórica e prática. No campo cultural, que é indissociável do fenómeno tradução, seguimos os princípios de Conceição Lima, o que nos ajudou a perceber do ponto de vista sociocultural o nosso enquadramento e posicionamento enquanto agentes da tradução. Nós fomos o meio que trouxe à luz a escrita de Miguel de Unamuno. Além do mais, tivemos a responsabilidade de pôr em papel, numa outra língua que não a original do texto Unamuniano, toda a unidade cultural e coesão textual que Miguel de Unamuno criou.

Este trabalho é o corolário de uma etapa que durou dois anos de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução, serviu para aprendermos e cimentar conhecimentos sobre a arte de traduzir. Queremos confiar que nos possa facultar novas e agradáveis oportunidades profissionais num futuro próximo.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia sobre tradução:

BEKES, Alejandro (2010): *Lo intraducible. Ensayos sobre poesía y traducción*, Valencia, Pre-Textos.

DELILLE, Karl H., HÖRSTER, Maria A., CASTENDO, Maria E., DELILLE, Maria M. G., y CORREIA, Renato (1986): *Problemas da tradução literária*, Coimbra, Almedina.

ELIOT, T.S. (1996): *Notas para uma definição de cultura* (Trad. Ernesto Sampaio), Lisboa, Ed. Século XXI.

GARCÍA YEBRA, Valentín (1994): *Traducción: historia y teoría*, Madrid, Gredos.

GARCÍA YEBRA, Valentín (1996): “Sobre la fácil (?) intertraducción hispanoportuguesa”, in *El Extramundi*, año III, nº VII, Fundación Camilo José Cela, Iria Flavia, 1996, pp. 13-22.

GARCÍA YEBRA, Valentín (1997): *Teoría y práctica de la traducción*, 2 vols., Madrid, Gredos (3ª ed.).

GONZALO GARCÍA, Consuelo, y GARCÍA YEBRA, Valentín (Eds.) (2005): *Manual de documentación para la traducción literaria*, Madrid, Arco Libros.

HERNANDO DE LARRAMENDI, Miguel, y ARIAS, Juan Pablo (Coords.) (1999): *Traducción, emigración y culturas*, Cuenca, Ediciones de la Universidad de CastillaLa Mancha.

LIMA, Conceição (2010): *Manual da teoria da tradução*, Lisboa, Colibri.

MAILLOT, Jean (1997): *La traducción científica y técnica*, Madrid, Gredos.

NEWMARK, Peter (2010): *Manual de traducción* (trad. Virgilio Moya), Madrid, Cátedra (6ª ed.).

NIDA, Eugene (2012): *Sobre la traducción* (trad. M. Elena Fernández-Miranda-Nida), Madrid, Cátedra.

RICO, Francisco (1980): *Historia y crítica de la literatura española*, Barcelona, Editorial Crítica.

SARAIVA, António José (1993): *O que é a cultura*, Lisboa, Difusão Cultural.

SOLER, Dionisio Matínez (2000): A tradução de literatura espanhola em Portugal (1940-1990), in H. Carvalhão Buescu e J. Ferreira Duarte, *Entre Artes e Culturas*, Lisboa, Colibri, pp.71-135.

VEGA, Miguel Ángel (1994): *Textos clásicos de la teoría de la traducción*, Madrid, Cátedra.

### **Dicionários, Gramáticas e Obras de consulta:**

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Verbo.

CINTRA, Lindley e Cunha, Celso, *Nova Gramática Do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa, 17ª edição, 2002.

REMESAL, Augustín (2013): *Por tierras de Portugal, un viaje con Unamuno*, Salamanca, La Raya Quebrada.

UNAMUNO, Miguel (2009): *El espejo de la muerte*, Madrid, Alianza Editorial.

### **Recursos digitais:**

<http://www.rae.es/> (Agosto de 2015)

<http://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx> (Agosto de 2015)

<http://www.infopedia.pt/> (Agosto de 2015)

<http://www.linguee.pt/portugues-espanhol> (Agosto de 2015)

<http://iate.europa.eu/SearchByQueryLoad.do?method=load> (Agosto de 2015)

<https://marciakillmann.wordpress.com/expressoes-idiomaticas-espanhol/> (Agosto de 2015)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal) (Agosto de 2015)

<https://es.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Portada> (Agosto de 2015)

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/canovas.htm> (Agosto de 2015)

<http://www.sitiodolivro.pt/pt/livro/o-voltarete/9789899844827/> (Agosto de 2015)

<http://www.wordreference.com/> (Agosto de 2015)

---

**ANEXOS**

## El espejo de la muerte

### Historia muy vulgar

**L**a pobre! Era una languidez traidora que iba ganándole el cuerpo todo de día en día. Ni le quedaban ganas para cosa alguna: vivía sin apetito de vivir y casi por deber. Por las mañanas costábale levantarse de la cama, ¡a ella, que se había levantado siempre para poder ver salir el sol! Las faenas de la casa le eran más gravosas cada vez.

La primavera no resultaba ya tal para ella. Los árboles, limpios de la escarcha del invierno, iban echando su plumoncillo de verdura; llegábanse a ellos algunos pájaros nuevos; todo parecía renacer. Ella sola no renacía.

«¡Esto pasará —decíase—, esto pasará!», queriendo creerlo a fuerza de repetírselo a solas. El médico aseguraba que no era sino una crisis de la edad; aire y luz, nada más que aire y luz. Y comer bien, lo mejor que pudiese.

¿Aire? Lo que es como aire le tenían en redondo, libre, soleado, perfumado de tomillo, apertivo. A los

8

Miguel de Unamuno

cuatro vientos se descubría desde la casa el horizonte de tierra, una tierra lozana y grasa que era una bendición del Dios de los campos. Y luz, luz libre también. En cuanto a comer... «pero, madre, si no tengo ganas...».

—Vamos, hija, come, que a Dios gracias no nos falta de qué; come —le repeta su madre, suplicante.

—Pero si no tengo ganas, le he dicho...

—No importa. Comiendo es como se las hace una.

La pobre madre, más acongojada que ella, temiendo se le fuera de entre los brazos aquel supremo consuelo de su viudez temprana, se había propuesto empapizarla, como a los pavos. Llegó hasta a provocarle bascas, y todo inútil. No comía más que un paíto. Y la pobre viuda ayunaba en ofrenda a la Virgen pidiéndole dierna apetito, apetito de comer, apetito de vivir, a su pobre hija.

Y no era esto lo peor que a la pobre Matilde le pasaba, no era el languidecer, el palidecer, marchitarse y ajarse el cuerpo; era que su novio, José Antonio, estaba cada vez más frío con ella. Buscaba una salida, sí, no había dudado de ello; buscaba un modo de zafarse y dejarla. Pretendió primero, y con muy grandes instancias, que se apresurase la boda, como si temiera perder algo, y a la respuesta de madre e hija de: «No, todavía no, hasta que me reponga; así no puedo casarme», frunció el ceño. Llegó a decirle que acaso el matrimonio la aliviase, la curase, y ella, tristemente: «No, José Antonio, no; éste no es mal de amores, es otra cosa: es mal de vida».

Y José Antonio la oyó mustio y contrariado.

Seguía acudiendo a la cía el mozo, pero como por compromiso, y estaba durante ella distraído y como absorto en algo lejano. No hablaba ya de planes para el

El espejo de la muerte

9

porvenir, como si éste hubiera para ellos muerto. Era como si aquellos amores no tuviesen ya sino pasado.

Mirándole como a espejo le decía Matilde:

—Pero, dime, José Antonio, dime, ¿qué te pasa?; porque tú no eres ya el que antes eras...

—¿Qué cosas se te ocurren, chical! ¿Pues quién he de ser...?

—Mira, oye: si te has cansado de mí, si te has fijado ya en otra, déjame. Déjame, José Antonio, déjame sola, porque sola me quedaré; ¡no quiero que por mí te sacrifiques!

—¡Sacrificarme! Pero, ¿quién te ha dicho, chica, que me sacrifico? Déjate de tonterías, Matilde.

—No, no, no lo ocultes; tú ya no me quieres...

—¿Que no te quiero?

—No, no, ya no me quieres como antes, como al principio...

—Es que al principio...

—¡Siempre debe ser principio, José Antonio!; en el querer siempre debe ser principio; se debe estar siempre empezando a querer.

—Bueno, no llores, Matilde, no llores, que así te ponés peor...

—¿Que me pongo peor?; ¿peor?; ¡luego estoy mal!

—¡Mal...; no!; pero... Son cavilaciones...

—Pues, mira, oye, no quiero, no; no quiero que vengas por compromiso...

—¿Es que me echas?

—¿Echarte yo, José Antonio, yo?

—Parece que tienes empeño en que me vaya...

Rompa aún más a llorar la pobre. Y luego, encerrada en su cuarto, con poca luz ya y con poco aire, mirá-



10

Miguel de Unamuno

báse Matilde una y otra vez al espejo y volvía a mirarse en él. «Pues no, no es gran cosa –se decía–, pero las ropas cada vez se me van quedando más grandes, más holgadas, este justillo me viene ya flojo, puedo meter las dos manos por él; he tenido que dar un pliegue más a la saya... ¿Qué es esto, Dios mío, qué es?». Y lloraba y rezaba.

Pero vencían los veintitrés años, vencía su madre, y Matilde soñaba de nuevo en la vida, en una vida verde y fresca, atreada y soleada, llena de luz, de amor y de campo; en un largo porvenir, en una casa henchida de faenas, en unos hijos y, ¿quién sabe?, hasta en unos nietos. ¡Y ellos, dos viejecitos, calentando al sol el poste de la vida!

José Antonio empezó a faltar a las citas, y una vez, a los repetidos requerimientos de su novia de que la dejara si es que ya no la quería como al principio, si es que no seguía empezando a quererla, contestó con los ojos fijos en la guija del suelo: «Tanto te empeñas, que al fin...». Rompió ella una vez más a llorar. Y él entonces, con brutalidad de varón: «Si vas a darme todos los días estas funciones de lágrimas, si que te dejes». José Antonio no entendía de amor de lágrimas.

Supo un día Matilde que su novio cortejaba a otra, a una de sus más íntimas amigas. Y se lo dijo. Y no volvió José Antonio.

Y decía a su madre la pobre:

–¡Yo estoy muy mala, madre; yo me muero...!

–No digas tonterías, hija; yo estuve a tu edad mucho peor que tú; me quedé en puños huesos. Y ya ves cómo vivo. Eso no es nada. Claro, te empeñas en no comer...

El espejo de la muerte

11

Pero a solas en su cuarto y entre lágrimas silenciosas pensaba la madre: «¡Bruto, más que bruto! Por qué no aguantó un poco...; un poco, sí, no mucho... La está matando... antes de tiempo...».

Y se iban los días, todos iguales, unánimes, llevándose cada uno un jirón de la vida de Matilde.

Acercábase el día de Nuestra Señora de la Fresneda, en que iban todos los del pueblo a la venerada ermita, donde se rezaba, pedía cada cual por sus propias necesidades, y era la vuelta una vuelta de romería, entre bailes, retozos, cantos y relinchidos. Volvían los mozos de la mano, del brazo de las mozas, abrazados a ellas, cantando, brincando, jijeando, retozándose. Era una de besos robados, de restregones, de apretujos. Y los mayores se reían recordando y añorando sus mocedades.

–Mira, hija –dijo a Matilde su madre–, está cerca el día de Nuestra Señora; prepara tu mejor vestido. Vas a pedirle que te dé apetito.

–¿No será mejor, madre, pedirle salud?

–No, apetito, hija, apetito. Con él te volverá la salud. No conviene pedir demasiado ni aun a la Virgen. Es menester pedir poquito a poquito; hoy una miñaja, mañana otra. Ahora apetito, que con él te vendrá la salud, y luego...

–Luego, ¿qué, madre?

–Luego un novio más decente y más agradecido que ese barbaño de José Antonio.

–¡No hable mal de él, madre!

–¿Que no hable mal de él? ¡Y me lo dices tú? Dejárate a ti, mi cordera, ¿y por quién? ¿Por esa legañosa de Rita?

12

Miguel de Unamuno

—No hable mal de Rita, madre, que no es legañosa. Ahora es más guapa que yo. Si José Antonio no me quería ya, ¿para qué iba a seguir viniendo a hablar conmigo? ¿Por compasión? ¿Por compasión, madre, por compasión? Yo estoy muy mal, lo sé, muy mal. Y a Rita da gusto de verla, tan colorada, tan fresca...

—¡Calla, hija, calla! ¿Colorada? Sí, como el tomate.

¡Basta, basta!

Y se fue a llorar la madre.

Llegó el día de la fiesta. Matilde se atavió lo mejor que pudo, y hasta se dio, ¡la pobre!, colorote en las mejillas. Y subieron madre e hija a la ermita. A trechos tenía la moza que apoyarse en el brazo de su madre; otras veces se sentaba. Miraba al campo como por despedida, y esto aun sin saberlo.

Todo era en torno alegría y verdor. Reían los hombres y los árboles. Matilde entró a la ermita, y en un rincón, con los huesos de las rodillas clavados en las losas del suelo, apoyados los huesos de los codos en la madera de un banco, anhelante, rezó, rezó, contentiendo las lágrimas. Con los labios balbucía una cosa, con el pensamiento otra. Y apenas si veía el rostro resplandeciente de Nuestra Señora, en que se reflejaban las llamas de los cirios.

Salieron de la penumbra de la ermita al esplendor luminoso del campo y emprendieron el regreso. Volaban los mozos, como potros desbocados, saciando apetitos acariados durante meses. Corrían mozos y mozas, excitando con sus chillidos éstas a aquéllos a que las persiguieran. Todo era restregones, sobeos y tentarujas bajo la luz del sol.

El espejo de la muerte

13

Y Matilde lo miraba todo tristemente, y más tristemente aún lo miraba su madre, la viuda.

—Yo no podría correr si así me persiguieran —pensaba la pobre moza—, yo no podría provocarles y azuzarles con mis carreras y mis chillidos... Esto se va.

Cruzáronse con José Antonio, que pasaba junto a ellas acompañando al paso a Rita. Los cuatro bajaron los ojos al suelo. Rita palideció, y el último arrebol, un arrebol de ocase encendió las mejillas de Matilde, de donde la brisa había borrado el colorote.

Sentía la pobre moza en torno de sí el respeto como espasmo: un respeto terrible, un respeto trágico, un respeto inhumano y cruelísimo. ¿Qué era aquello? ¿Era compasión? ¿Era aversión? ¿Era miedo? ¡Oh, sí, tal vez miedo, miedo tal vez! Infundía temor; jella, la pobre chiquilla de veintitres años! Y al pensar en este miedo, inconscientemente también adivinaba en los ojos de los que al pasar la miraban, se le helaba de miedo, de otro más terrible miedo, el corazón.

Así que traspuso el umbral de la solana de su casa, entornó la puerta; se dejó caer en el escaño, reventó en lágrimas y exclamó con la muerte en los labios:

—¡Ay, mi madre, mi madre, cómo estaré! ¡Cómo estaré, que ni siquiera me han retozado los mozos! ¡Ni por cumplido, ni por compasión, como otras, como a las feas! ¡Cómo estaré, Virgen santa, cómo estaré! ¡Ni me han retozado...! ni me han retozado los mozos como antaño! ¡Ni por compasión, como a las feas! ¡Cómo estaré, madre, cómo estaré!

—¡Barbaros, barbaros y más que barbaros! —se decía la viuda—. ¡Barbaros, no retozar a mi hija, no retozar-

14

Miguel de Unamuno

la...! ¿Qué les costaba? Y luego a todas esas legañasas...  
¡Barbaros!

Y se indignaba como ante un sacrilegio, que lo era, por ser el retozo en estas santas fiestas un rito sagrado.

—¡Cómo estaré, madre, como estaré que ni por compasión me han retozado los mozos!

Se pasó la noche llorando y anhelando y a la mañana siguiente no quiso mirarse al espejo. Y la Virgen de la Fresneda, Madre de compases, oyendo los ruegos de Matilde, a los tres meses de la fiesta se la llevaba a que la retozasen los ángeles.

### El sencillo don Rafael Cazador y tresillista

**S**entía resbalar las horas, huertas, aéreas, destizándose sobre el recuerdo muerto de aquel amor de antaño. Muy lejos, detrás de él, dos ojos ya sin brillo entre nieblas. Y un eco vago, como el del mar que se rompe tras la montaña, de palabras olvidadas. Y allá, por debajo del corazón, susurro de aguas soterranas. Una vida vacía, y él solo, enteramente solo. Solo con su vida.

Tenía para justificarla nada más que la caza y el tresillo. Y no por eso vivía triste, pues su sencillez heroica no se compadecía con la tristeza. Cuando algún compañero de juego, despreciando un solo, iba a buscar una sola carta para dar bola, solía repetir don Rafael que hay cosas que no se debe ir a buscar: vienen ellas solas. Era providencialista; es decir, creía en el todopoderío del azar. Tal vez por creer en algo y no tener la mente vacía.

—¿Y por qué no se casa usted? —le preguntó alguna vez con la boca chica su ama de llaves.

—¿Y por qué me he de casar?

15



16

Miguel de Unamuno

—Acaso no vaya usted descaminado.

—Hay cosas, señora Rogelia, que no se debe ir a buscar: vienen ellas solas.

—Y cuando menos se piensa!

—¡Así se dan las cosas! Pero, mire, hay una razón que me hace pensar en ello...

—¿Cuál?

—La de poder morir tranquilo *ab intestato*.

—¡Vaya una razón! —exclamó el ama alarmada.

—Para mí la única valedera —respondió el hombre, que presenta no valen las razones, sino el valor que se las da.

Y una mañana de primavera, al salir, con achaque de la caza, a ver nacer el sol, un envoltorio en la puerta de su casa. Encojose a mejor percatarse, y de dentro, un ligerísimo susurro, como de cosas olvidadas. El rollo se removía. Lo levantó; estaba tibio; lo abrió: era una criatura de horas. Quedósele mirando, y su corazón pareció sentir, no ya el susurro, sino el frescor de sus aguas soterrañas. ¡Vaya una caza que me ha depurado el destino!, pensó.

Volvióse con el envoltorio en brazos, la escopeta a la bandidera, subiendo las escaleras de puntillas para no despertar a aquello, y llamó quedamente varias veces.

—Aquí traigo esto —le dijo al ama de llaves.

—Y eso, ¿qué es?

—Parece un niño...

—¿Parece sólo...?

—Lo dejaron a la puerta de la calle.

—¿Y qué hacemos con ello?

—Pues... ¿qué vamos a hacer? Bien claro está: ¡criarlo!

El sencillo don Rafael

17

—¿Quién?

—Los dos.

—¿Yo? ¡Yo, no!

—Buscaremos ama.

—¡Pero está usted en su juicio, señorito! ¡Lo que hay que hacer es dar parte al juez, y en cuanto a eso, al Hospicio con ello!

—¡Pobrecillo! ¡Eso sí que no!

—En fin, usted manda.

Una madre vecina le prestó caritativamente las primeras leches, y pronto el médico de don Rafael encontró una buena nodriza: una chica soltera que acababa de dar a luz un niño muerto.

—Como nodriza, excelente —le dijo el médico—, y como persona, ya ves, un deslíz así puede ocurrirle a cualquiera.

—A mí no —contestó con su sencillez característica don Rafael.

—Lo mejor sería —dijo el ama de llaves— que se lo llevase a su casa a criarlo.

—No —replicó don Rafael—, eso tiene graves peligros; no me fio de la madre de la chica. Aquí, aquí, bajo mi vigilancia. Y no hay que darle disgustos a la chica, señora Rogelia, que de ello depende la salud del niño. No quiero que por una sofocuna de Emilia pase el angelito un dolor de tripas.

Era Emilia, la nodriza, de veinte años, alta, agitada, con una risa perpetua en los ojos, cuya negrura realzaba el marco de ébano del pelo que le cubría las sienes como con dos esponjosas alas de cuervo, entreabiertos y húmedos los labios guinda, y unos andares de gallina a que el gallo ronda.

18

Miguel de Unamuno

—¿Y cómo va a bautizarle usted, señorito? —le preguntó la señora Rogelia.

—Como hijo mío.

—Pero, ¿está usted loco?

—¡Qué más da!

—¿Y si mañana, por esa medalla que lleva y esas contraseñas, aparecen sus verdaderos padres...?

—Aquí no hay más padre ni madre que yo. Yo no busco niños, como no busco bolas; pero cuando vienen... soy libre. Y creo que esta del azar es la más pura y libre de las maternidades. No me cabe la culpa de que haya nacido, pero tendré el mérito de hacerle vivir. Hay que creer en la Providencia siquiera por creer en algo, que eso consuela, y además así podré morir-me tranquilo *ab intestato*, pues ya tengo quien me herede forzosamente.

La señora Rogelia se mordió los labios, y cuando don Rafael hizo bautizar y registrar al niño como hijo suyo dio que reír a la vecindad y a nadie que sospechar malicia alguna: tan conocida era su transparente ingenuidad cotidiana. Y el ama de llaves tuvo, mal de su grado, que avenirse y concordar con el ama de leche.

Ya tenía don Rafael algo más en qué pensar que en la caza y el trespello; ya estaban sus días llenos. La casa se le llenó de una vida nueva, luminosa y sencilla. Y hasta perdió alguna noche el sueño y el descanso pasándole al nene para acallarlo.

—Es hermoso como el sol, señora Rogelia. Y tampoco hemos tenido mala suerte con el ama, me parece.

—Como no vuelva a las andadas...

—De eso me encargo yo. Sería una picardía, una deslealtad: se debe al niño. Pero, no, no; está desengañada

El sencillo don Rafael

19

del zanguango de su novio, un bausán de marca mayor a quien ya aborrece...

—No se fie usted... no se fie usted...

—Y a quien voy a pagarle el pasaje a América. Y ella es una pobrecilla...

—Hasta que vuelva a tener ocasión...

—¡Digo que lo evitaré!

—Pues como ella quiera...

—¡Ah, en cuanto a eso sí! Porque si he de decirle a usted la verdad, la verdad es que...

—Sí, me la supongo.

—¡Pero, ante todo, respeto a mi hijo!

Emilia nada tenía de letida y estaba deslumbrada con el rasgo heroicamente sencillo de aquel solterón semidurmiente. Encarínose desde un principio con el crío como si fuese su madre misma. El padre putativo y la nodriza natural pasabanse largos ratos, a sendos lados de la cuna, contemplando la sonrisa del sueño del niño, cuando éste hacía como que manaba.

—¡Lo que es el hombre! —decía don Rafael...

Y cruzábanse sus miradas. Y cuando tenía ella, Emilia, en brazos, iba él, don Rafael, a besar al niño, con el beso ya preparado en la boca rozaba casi la mejilla de la nodriza, cuyos rizos de ébano le afloraban la frente al padre. Otras veces quedábase contemplando alguno de los dos mellizos blancos senos, turgentes de vida que se da, con el serpenteo azul de las venas que del cuello bajaban, y sostenido entre los abusados dedos índice y corazón como en horqueta. Doblábase sobre él un cuello de paloma. Y también entonces le entraban ganas de besar al hijo, y su frente, al tocar al seno, hacía lo tembloroso.

20

Miguel de Unamuno

—¡Ay, lo que siento es que pronto tendré que dejarte, sol mío! —exclamaba ella, apretándolo contra su seno y como si le entendiera.

Callábase a esto don Rafael.

Y cuando le cantaba al niño, brezándole, aquella vieja canturra paradisiaca que, aun transmitiéndose la de corazón a corazón las madres, cada una de éstas crea e inventa de nuevo, eternamente nueva poesía, siendo la misma siempre, la única, como el sol, tratase a don Rafael como un dejó de su niñez olvidada en las lontananzas del recuerdo. Balanceábase la cuna y con ella el corazón del padre al azar, y mejíasele aquel canto...

*que viene el cocooooo...*

con el susurro de las aguas de debajo de su corazón...

*a llevarse a los niños...*

que iba también durmiéndose...

*que duermen pocooooo...*

entre las blandas nieblas de su pasado...

*¡ah, ah, ah, aaaaa!*

«¡Qué buena madre hace!» pensaba. Alguna vez, hablando del perance que la hizo nodriza, le preguntó don Rafael: —Pero, chica, ¿cómo pudo ser eso?

El sencillo don Rafael

21

—¡Ya ve usted, don Rafael! —y se le encendía leve, muy levemente el rostro.

—¡Si, tienes razón, ya lo veo!

Y llegó una enfermedad terrible, días y noches de angustia. Mientras duró aquello hizo don Rafael que Emilia se acostase con el niño en su mismo cuarto. «Pero señorito —dijo ella—, cómo quiere usted que yo duerma allí...» «Pues muy sencillito —contestó él, con su sencillez acostumbrada—, ¡durmiento!»

Porque para aquel hombre, todo sencillez, era sencillito todo.

Por fin, el médico dio por salvado al niño.

—¡Salvado! —exclamó don Rafael con el corazón desbordante, y fue a abrazar a Emilia, que lloraba del estupor del gozo.

—Sabes una cosa —le dijo sin soltar del todo el abrazo y mirando al niño que sonreía en floración de convalecencia.

—Usted dirá —contestó ella, mientras el corazón se le ponía al galope.

—Que puesto que estamos los dos libres y sin compromiso, pues no creo que pienses ya en aquel majadero que ni siquiera sabemos si llegó o no a Itcumán, y ya que somos yo padre y tu madre, cada uno a su respecto, del mismo hijo, nos casemos y asunto concluido.

—¡Pero, don Rafael! —y se puso de grana.

—Mira, chiquilla, así podremos tener más hijos...

El argumento era algo especioso, pero persuadió a Emilia. Y como vivían juntos y no era cosa de contentarse por unos días fugitivos —¡qué más da!— aquella misma noche le hicieron sucesor al niño y muy poco



22

Miguel de Unamuno

después se casaron como la Santa Madre Iglesia y el providente Estado mandan.

Y fueron en lo que en lo humano cabe —y no es poco!— felices, y tuvieron diez hijos más, una bendición de Dios, con lo cual pudo morir tranquilo *ab intestato*, por tener ya quienes forzosamente le heredaran, el sencillo don Rafael, que de cazador y tresilista pasó de dos bríncos a padre de familia. Y es lo que él solía decir como resumen de su filosofía práctica: ¡hay que dar al azar lo suyo!

### Ramón Nonnato, suicida

Cuando harto de llamar a la puerta de su cuarto entró, forzándola, el criado, encontrase a su amo livido y frío en la cama, con un hilo de sangre que le destilaba de la sien derecha, y junto a él, aquel retrato de mujer que traía constantemente consigo, casi como un amuleto, y en cuya contemplación se pasaba tantas horas.

Y era que en la víspera de aquel día de otoño gris, a punto de ponerse el día, Ramón Nonnato se había pegado un tiro. Habíale visto antes, por la tarde, pasearse solo, según tenía por costumbre, a la orilla del río, cerca de su desembocadura, contemplando cómo las aguas se llevaban al azar las hojas amarillas que desde los álamos marginales iban a caer para siempre, para nunca más volver, en ellas. «Porque las que en la primavera próxima, la que no verá, vuelvan con los pájaros nuevos a los árboles, serán otras», pensó Nonnato.

Al despartamarse la noticia del suicidio hubo una sola y compasiva exclamación: ¡Pobre Ramón Nonna-

23

24

Miguel de Unamuno

tol Y no faltó quien añadiera: Le ha suicidado su difunto padre.

Pocos días antes de darse asila muerte había pagado Nonnato su última deuda con el producto de la venta de la última finca que le quedara de las muchas que de su padre heredó, y era la casa solariega de su madre. Antes fue a ella y se estuvo allí solo durante un día entero, llorando su desamparo y la falta de un recuerdo, con un viejo retrato de su madre entre las manos. Era el retrato que traía siempre consigo, sobre el pecho, imagen de una esperanza que para él había siempre sido recuerdo, siempre.

El pobre hombre había desbaratado la fortuna que su padre le dejara en locas especulaciones enderezadas a acrecentarla, en fantásticas combinaciones financieras y bursátiles, mientras vivía con una modestia rayana en la pobreza y ceñido de privaciones. Pues apenas si gastaba más que lo preciso para sustentarse con un discreto decoro, y fuera de esto en caridades y favores. Porque el pobre Nonnato, tan tacaño para consigo mismo, era en extremo liberal y pródigo para con los demás: sobre todo con las víctimas de su padre.

La razón de su conducta era que buscaba aumentar lo más posible su fortuna, hacerla enorme y emplearla luego en vasto objeto de servicio a la cultura pública, para redimir así de su pecado de origen. No le parecía bastante haberla distribuido en pequeñas caridades y mucho menos haber tratado de cancelar los daños de su padre. No es posible recoger el agua derramada.

Llevaba siempre fijas en la mente las últimas palabras que al morir le dirigió su padre, y fueron así:

Ramón Nonnato, suicida

25

—Lo que siento, hijo mío, es que esta fortuna, tan trabajosamente fraguada y cimentada por mí, esta fortuna tan bien reparada, y que es, aunque tú no lo creas, una verdadera obra de arte, se va a deshacer en tus manos. Tú no has heredado mi espíritu, ni tienes amor al dinero, ni entiendes de negocio. Confieso haberme equivocado contigo.

«Afortunadamente», pensó Nonnato al oír estas últimas palabras de su padre. Porque, en efecto no había logrado éste infundirle su recio y sombrío amor al dinero, ni aquella su afición al negocio, que le hacía prefeirir la ganancia de tres con engaño legal a la de cuatro sin él.

Y eso que el pobre Nonnato había sido el abogado de los pleitos en que de continuo se metía aquel hombre terrible: un abogado gratuito, por supuesto. En su calidad de abogado de su padre, es como Nonnato tuvo que penetrar en los más recónditos recovecos del antro del usurero, tinieblas húmedas donde acabó de entristecersele el alma, presa de una esclavitud irrecatable. Ni podía libertarse, pues, ¿cómo resistir la mirada cortante y fría de aquel hombre de presa?

Años tétricos los de la carrera del pobre Nonnato, de aquella carrera odiada que estudiaba obligado a ello por su padre. Cuando durante los veranos se iba de vacaciones a su pueblo costero, después de aquel tenebroso curso de estudios, pasado en una miserable casa de uno de los deudores de su padre, que así le sacaba más interés a su préstamo, base Nonnato solo a orillas del mar a consolarse de su soledad con la soledad del océano y a olvidar las tristezas de la tierra. El mar le había siempre llamado como una gran madre



26

Miguel de Unamuno

consoladora, y sentado a su orilla, sobre una roca cenida de algas, contemplaba el retrato aquel de su pobre madre, fingiéndose que el canto brezador de las olas era el arrullo de cuna que no le había sido concedido oír en su infancia.

El había querido hacerse marino para huir mejor de casa de su padre, para cultivar la soledad de su alma; pero su padre, que necesitaba un abogado granito, le obligó a estudiar leyes para torcerlas, renunciando al mar. De aquí lo tético de sus años de carrera.

Y ni aun tuvo en ellos el consuelo de refrescarse el alma a solas con el recuerdo de sus mocedades, porque éstas habíalas pasado como una sola noche de invierno en un desierto de hielo. Solo, siempre solo con aquel padre que apenas le hablaba como no fuese de sus feos negocios y que de cuando en cuando le decía: «Porque esto lo hago por ti, principalmente por ti, casi sólo por ti. Quiero que seas rico, muy rico, inmensamente rico y que puedas casarte con la hija del más rico de esos ritachos que nos desprecian». Mas el chico sentía que aquello era mentira, y que él no era sino un pretexto para que su padre se justificase ante sí mismo, en el foro de su conciencia, su usura y su avaricia. Y fue entonces, en aquella tétrica mocedad, cuando dio con el retrato de su madre y empezó a dedicarle culto. El padre, por su parte, jamás le habló de ella.

Y el pobre mozo, que oía a sus compañeros hablar de sus madres, trataba de figurarse cómo habría podido ser la suya. E interrogaba en vano a aquella antigua sirvienta, seca y dura, la confidente de su padre, la que le había tomado de brazos de su nodriza, a la que no

Ramón Nonnato, suicida

27

había vuelto a ver. Nunca le oyó cantar a aquella mujer cenuda y tercamente silenciosa. Y era ella la que se perdía en sus más remotos recuerdos de niñez.

¡Niñez! No la había tenido. Su niñez fue un solo día largo, un día gris y frío de unos cuantos años, porque todos sus días fueron iguales e iguales las horas todas de cada uno de sus días. Y la escuela no menos tétrica que su hogar. En ella le dirigían bromas feroces, como son las bromas infantiles, sobre las mañas de su padre. Y como le vieran una vez llorar al llamarle el hijo del usurero, redoblaron las burlas.

La nodriza lo había depado en cuanto pudo porque no se le pagaba su servicio en rigor. Era el modo que tenía el usurero de cobrarse una deuda del marido de ella. Y así, en vez de pagarle sus mesadas por dar la leche de su pecho al pobrecito Nonnato, íbase las descontando de lo que su marido le debía.

Habíale sacado a Ramón Nonnato del cadáver tibio de su madre, que murió poco antes de cuando había de darle a luz, cuarenta y dos años antes del día aquel en que se suicidó. Y es, pues, que había nacido con el suicidio en el alma.

¡La pobre madre! ¡Cuántas veces en sus últimos días de vida se ilusionaba con que el hijo tan esperado habría de ser un rayo de sol en aquel hogar tenebroso y frío y habría de cambiar el alma de aquel hombre terrible! «¡Y por lo menos —pensaba— no estaré ya sola en el mundo, y cantando a mi niño no oiré el rechinar del dinero en ese cuarto de los secretos! ¡Y quién sabe..., acaso cambie!»

Y soñaba con llevarle en los días claros a la orilla del mar a darle allí el pecho frente al pecho palpitante de

la nodriza de la tierra, uniendo su canto al eterno canto de cuna que tantos dolores del trabajado linaje humano adormeciera.

¿Cómo se encontró casada con aquel hombre? Ni ella lo sabía. Cosa de su familia, de su padre, que tenía negocios oscuros con el que fue luego su marido. Sospechaba algo pavoroso, pero en que no quería entrar. Recordaba que un día, después de varios en que su madre tuvo de continuo entrojados los ojos por el llanto, la llamó su padre al cuarto de las solemnidades, y le dijo:

—Mira, hija mía, mi salvación, la salvación de la familia toda depende de ti. Sin un sacrificio tuyo, no sólo la ruina completa, sino además la deshonra.

—Mándeme, padre —respondió ella.

—Es menester que te cases con Atanasio, mi socio.

La pobre, temblando de los talones a la nuca, se calló, y su padre, tomando su silencio por un otorgamiento, añadió:

—Gracias, hija, gracias; no esperaba yo otra cosa de ti. Sí, este sacrificio...

—¿Sacrificio? —dijo ella por decir algo.

—¡Oh, sí, hija mía, no le conoces, no le conoces como yo...!

### Cruce de caminos

Entre dos filas de árboles la carretera piérdese en el cielo; seste a un pueblecillo junto a un charco, en que el sol cabrillea, y una alondra, señera, trepidando en el azul sereno, dice la vida mientras todo calla. El caminante va por donde dicen las sombras de los álamos; a trechos para y mira, y sigue luego.

Deja que orece el viento su cabeza blanca de penas y años, y anega sus recuerdos dolorosos en la paz que le envuelve.

De pronto, el corazón le da rebato y se detiene temblando cual si fuese ante el misterio final de su existencia. A sus pies, sobre el suelo, al pie de un álamo y al borde del camino, una niña dormía un sueño sosegado y dulce. Lloró un momento el caminante, luego se arrodilló, después sentose, y, sin quitar sus ojos de los ojos cerrados de la niña, le veló el sueño. Y él soñaba entretanto.

Soñaba en otra niña como aquélla, que fue su raíz de vida, y que al morir una mañana dulce de primave-

ra le dejó solo en el hogar, lanzándole a errar por los caminos, desarraigado.

De pronto abrió los ojos hacia el cielo la que dormía, los volvió al caminante, y cual quien habla con un viejo conocido, le preguntó: «¿Y mi abuelo?». Y el caminante respondió: «¿Y mi nieta?». Miráronse a los ojos, y la niña le contó que, al morirle su abuelo, con quien vivía sola —en soledad de compañía solos—, partió al azar de casa, buscando... no sabía qué... más soledad acaso.

—¡Iremos juntos; tú a buscar a tu abuelo; yo, a mi nieta —le dijo el caminante.

—¡Es que mi abuelo se murió! —la niña.

—Volverán a la vida y al camino —contestó el viejo.

—Entonces... ¿yamos?

—¡Vamos, sí, hacia adelante, hacia levantar!

—No, que así llegaremos a mi pueblo y no quiero volver, que allí estoy sola. Allí sé el sitio en que mi abuelo duerme. Es mejor al poniente; todo derecho.

—¿El camino que traje? —exclamó el viejo—. ¿Volverme, dices? ¿Desandar lo andado? ¿Volver a mis recuerdos? ¿Cara al ocaso? ¡No, eso nunca! ¡No, eso sí que no, antes morirnos!

—¡Pues entonces... por aquí, entre las flores, por los prados, por donde no hay camino!

Depando así la carretera fueron campo traviesa, entre floridos campos —magarzas, clavelinas, amapolas—, a donde Dios quisiera.

Y ella, mientras chupaba un chupamieles con sus labios de rosa, le iba contando de su abuelo cómo en las largas veladas invernales le hablaba de otros mundos, del Paraíso, de aquel diluvio, de Noé, de Cristo...

—¿Y cómo era tu abuelo?

—Casi era como tú, algo más alto...; pero no mucho, no te creas...; viejo...; y sabía canciones. Calláronse los dos, siguió un silencio y lo rompió el anciano dando a la brisa que iba entre las flores este cantar:

*Los caminos de la vida  
van del ayer al mañana,  
mas los del cielo, mi vida,  
van al ayer del mañana.*

Y al oírle, la niña dio a los cielos, como una alondra, esta fresca canción de primavera:

*Pajarito, pajarito,  
¿de dónde vienes?  
El tu nido, pajarito,  
¿ya no le tienes?  
Si estás solo, pajarito,  
¿cómo es que cantas?  
¿A quién buscas, pajarito,  
cuando te levantas?*

—Así era como tú, algo más chica —dijo llorando el viejo—; así era como tú... como estas flores...

—¡Cuéntame de ella, pues, cuéntame de ella!

Y empezó el viejo a repasar su vida, a rezar sus recuerdos, y la niña a su vez a ensimismárselos, a hacerlos propios.

«Otra vez...», empezaba él, y ella, cortándole, decía: «¡Lo recuerdo!».



—¿Que lo recuerdas, niña?

—Sí, sí; todo eso me parece cual si fuera algo que me pasó, como si hubiese vivido yo otra vida.

—¡Tal vez! —dijo el anciano, pensativo.

—Allí hay un pueblo, ¡miral!

Y el caminante vio tras una loma humo de hogares. Luego, al llegar a su espinazo, al fondo, un pueblecillo agazapado en rolde de una pobre espadaña, cuyos dos huecos con sus dos chileas, cual dos pupilas, parecían mirar al infinito. En el ejido, un zagalejo rubio cuidaba de unos bueyes que bebían en una charca, que, cual si fuese un desgarrón de tierra, mostraba el cielo soterrano, y en éste otros dos bueyes —dos bueyes celestiales—, que venían a contemplar sus sombras pasajeras o dárles nueva vida acaso.

—Zagal, ¿aquí hay donde hacer noche, dime? —preguntó el viejo.

—¡Ni a postal! —dijo el mozo—. Esa casa de ahí está vacía; sus dueños emigraron, y hoy sirve nada más que de guarida para alimañas. Pan, vino y fuego aquí nunca se niega al que viene de paso en busca de su vida.

—¡Dios os lo pague!, zagal, en la otra!

Durmieronse arrimados y soñaron, el viejo, en el abuelo de la niña, y ella, en la nietecita que perdiera el pobre caminante. Al despertar miráronse a los ojos, y como en una charca sossegada que nos descubre el cielo soterrano, vieron allí, en el fondo, sus sendos sueños.

—Puesto que hay que vivir, si nos quedáramos en esta casa... ¡la pobre está tan sola! —dijo el viejo.

—Sí, sí; la pobre casa... ¡Mira, abuelo, que el pueblo es tan bonito! Ayer, el campanario de la iglesia nos miraba muy fiño, como yendo a decir...

En este punto sonaron las chileas. «Padre nuestro que estás en los cielos...» Y la niña siguió: «¡Hágase tu voluntad así en la tierra como en el cielo!». Rezaron a una voz. Y salieron de casa, y les dijeron: «Vosotros, ¿qué sabéis hacer?, ¡veamos!».

El viejo hacía cestas, componía mil cosas estropeadas; sus manos eran ágiles; industrioso su ingenio.

Sentábase al arrimo de la lumbre: la niña hacia el fuego, y cuidando de la olla le ayudaba. Y hablaban de los suyos, de la otra vida y de aquel otro abuelo. Y era cual si las almas de los otros, también desarraigadas, errantes por las sendas de los cielos, bajasen al arrimo de la lumbre del nuevo hogar. Y les miraban silenciosas, y eran cuatro, y no dos. O más bien eran dos, más dos parecías. Y así vivían doble vida: la una, vida del cielo, vida de recuerdos, y la otra, de esperanzas de la tierra.

Íbanse por las tardes a la loma, y de espaldas al pueblo veían sobre el cielo destacarse, allá en las lejanías, unos átomos que dicen el camino de la vida. Volvíanse cantando.

Y así pasaba el tiempo hasta que un día —unos años más tarde— oyó otro canto junto a casa el viejo.

—Dime, ¿quién canta esa canción, María?

—Acaso el ruiseñor de la alameda...

—¡No, que es cantar de mozo!

Ella bajó los ojos.

—Ese canto, María, es un reclamo. Te llama a ti al camino y a mí a morir. ¡Dios os bendiga, niña!

—¡Abuelito! ¡Abuelito! —y le abrazaba, cubríale de besos, le miraba a los ojos cual buscándose.

—¡No, no, que aquella se murió, María! ¡También yo muero!

—No quiero, abuelo, que te mueras; vivirás con nosotros...

—¿Con vosotros me dices? ¡Tu abuelo? Tu abuelo, niña, se murió. ¡Soy otro!

—¡No, no; tú eres mi abuelo! ¿No te acuerdas cuando yo, al despertar sola y contarte cómo escapé de casa, me dijiste: Volverán a la vida y al camino? ¡Y volvíron!

—Volvíron al camino, sí, hija mía, y a él nos llama esa canción del mozo. ¡Tú con él, mi María, yo... con ella!

—¡Con ella, no! ¡Conmigo!

—¡Sí, contigo! Pero... ¡con la otra!

—¡Ay, mi abuelo, mi abuelo!

—¡Allí te aguardo! ¡Dios os bendiga, pues por ti he vivido!

Murióse aquella tarde el pobre anciano, el caminante que alargó sus días; la niña, con los dedos que cogían flores del campo —magarzas, clavelinas, amapolas— le cerró ambos los ojos, guardadores de ensueño de otro mundo; besóle en ellos, lloró, rezó, soñó, hasta que oyendo la canción del camino se fue a quien le llamaba.

Y el viejo fue a la tierra: a beber bajo de ella sus recuerdos.

### El amor que asalta

¿Qué es eso del Amor, de que están siempre hablando tantos hombres y que es el tema casi único de los cantos de los poetas? Es lo que se preguntaba Anastasio. Porque él nunca sintió nada que se pareciese a lo que llaman Amor los enamorados. ¿Sería una mera ficción, o acaso un embuste convencional con que las almas débiles tratan de defenderse de la vaciedad de la vida, del inevitable aburrimiento? Porque eso sí, para vacuo y aburrido, y absurdo y sin sentido, no había, en sentir de Anastasio, nada como la vida humana.

Arrastraba el pobre Anastasio una existencia lamentable, sin estímulo ni objetivo para el vivir, y cien veces se habría suicidado si no aguardase, con una oscura esperanza a prueba de un continuo desengaño, que también a él le llegase alguna vez a visitar el Amor. Y viajaba, viajaba en su busca, por si cuando menos lo pensase le acometía de pronto en una entrecijada del camino.



Ni sentía codicia de dinero, disponiendo de una modesta pero para él más que suficiente fortuna, ni sentía ambición de gloria o de honores, ni anhelo de mando y poderío. Ninguno de los móviles que llevan a los hombres al esfuerzo le parecía digno de esforzarse por él, y no encontraba tampoco el más leve consuelo a su tedio mortal ni en la ciencia, ni en el arte, ni en la acción pública. Y leía el *Eclesiastés* mientras esperaba la última experiencia, la del Amor.

Habíase dado a leer a todos los grandes poetas eróticos, a los analistas del amor entre hombre y mujer, las novelas todas amorosas, y descendió hasta esas obras lamentables que se escriben para los que aún no son hombres del todo y para los que dejaron en cierto modo de serlo; se rebajó hasta escarbar en la literatura pornográfica. Y es claro, aquí encontró menos aún que en otras partes huella alguna del Amor.

Y no es que Anastasio no fuese hombre hecho y derecho; cabal y entero, y que no tuviese carne pecadora sobre los huesos. Sí, hombre era como los demás, pero no había sentido el amor. Porque no había que fuese amor la pasajera excitación de la carne que olvida la imagen provocadora. Hacer de aquello el terrible dios vengador, el consuelo de la vida, el dueño de las almas, pareciale un sacrilegio, tal como si se pretendiese entusiar al apetito de comer. Un poema sobre la digestión es una blasfemia.

No, el Amor no existía en el mundo para el pobre Anastasio. Leyó y releó la leyenda de *Tristán e Isolda*, y le hizo meditar aquella terrible novela del portugués Camilo Castelo Branco: *A mulher fatal*. «¿Me sucederá así?—pensaba—. ¡Me arrastrará tras de sí, cuando

menos lo espere y crea, la mujer fatal?». Y viajaba, viajaba en busca de la fatalidad ésta.

«Llegará un día—se decía—en que acabe de perder esta vaga sombra de esperanza de encontrarlo, y cuando vaya a entrar en la vejez, sin haber conocido ni mocedad ni edad viril, cuando me diga: ¡ni he vivido ni puedo ya vivir!, ¿qué haré? Es un terrible sino que me persigue, o es que todos los demás se han conchabado para mentir.» Y dio en pesimista.

Ni jamás mujer alguna le inspiró amor, ni creía haberlo él inspirado. Y encontraba mucho más pavoroso que no poder ser amado el no poder amar, si es que el amor era lo que los poetas cantan. ¿Pero sabía él, Anastasio, si no había provocado pasión escondida alguna en pecho de mujer? ¿No puede acaso encender amor una hermosa estatua? Porque él era, como estatua, realmente hermoso. Sus ojos negros, llenos de un fuego de misterio, parecían mirar desde el fondo tenebroso de un tedio henchido de ansias; su boca se entrecabría como por una sed trágica; en todo él palpaba un destino terrible.

Y viajaba, viajaba desesperado, huyendo de todas partes, dejando caer su mirada en las maravillas del arte y de la naturaleza, y diciéndose: ¿Para qué todo esto?

Era una tarde serena del tranquilo otoño. Las hojas, amarillas ya, se desprendían de los árboles e iban envueltas en la brisa tibia a resregarse contra la yerba del campo. El sol se emborazaba en un cenital de nubes que se desfilaban y deshacían en jirones. Anastasio miraba desde la ventanilla del vagón cómo iban desfilando las colinas. Bajó en la estación de Aliseda, donde

daban a los viajeros tiempo para comer, y fuese al comedor de la fonda, lleno de maletas.

Sentose distraidamente y esperó le trajesen la sopa. Mas al levantar los ojos y recorrer con ellos distraidamente la fila de los comensales, tropezaron con los de una mujer. En aquel momento metía ella un pedazo de manzana en su boca, grande, fresca y húmeda. Claváronse uno a otro las miradas y palidiecion. Y al verse palidiecer palidiecion más aun. Palpitábanles los pechos. La carne le pesaba a Anastasio; un cosquilleo frío le desasosegaba.

Ella apoyó la cara en la diestra y pareció que le daba un vahído. Anastasio entonces, sin ver en el recinto nada más que a ella, mientras el resto del comedor se estumaba, se levantó tembloroso, se le acercó y con voz seca, sedienta, ahogada y temblona le cuchicheó casi al oído:

—¿Qué le pasó? ¿Se pone mala?

—¡Oh, nada, nada; no es nada..., gracias...!

—A ver... —añadió él, y con la mano temblorosa le cogió del puño para tomarle el pulso.

Fue entonces una corriente de fuego que pasó del uno al otro. Sentíanse mutuamente los calores; las mejillas se les encendieron.

—Está usted febril... —susurró él balbuciente y con voz apenas perceptible.

—¡La fiebre es... tuya! —respondió ella, con voz que parecía venir de otro mundo, de más allá de la muerte. Anastasio tuvo que sentarse; las rodillas se le doblaban al peso del corazón, que le tocaba a rebato.

—Es una imprudencia ponerse así en camino —dijo él, hablando como por máquina.

—Sí, me quedaré —contestó ella.

—Nos quedaremos —añadió él.

—Sí, nos quedaremos... ¡Y ya te contaré, te lo contaré todo! —agregó la mujer.

Recogieron sus maletas, tomaron un coche y emprendieron la marcha al pueblo de Aliseda, que dista cinco kilómetros de su estación. Y en el coche, sentados el uno frente al otro, tocándose las rodillas, metiendo sus miradas, le cogió la mujer a Anastasio las manos con sus manos y fue contándole su historia. La historia misma de Anastasio, exactamente la misma. También ella viajaba en busca del Amor; también ella sospechaba que no fuese todo ello sino un enorme embuste convencional para engañar el tedio de la vida.

Confesáronse uno a otro, y según se confesaban iban sus corazones aquietándose. A la trágica turbación de un principio sucedió en sus almas un reposo terrible, algo como un desahucio. Imaginábase haberse conocido de siempre, desde antes de nacer; pero a la vez todo el pasado se borraba de sus memorias, y vivían como un presente eterno, fuera del tiempo.

—Oh, que no te hubiese conocido antes, Eleuteria! —le decía él.

—¿Y para qué, Anastasio? —respondía ella—. Es mejor así, que no nos hayamos visto antes.

—¿Y el tiempo perdido?

—¿Perdido le llamas a ese tiempo que empleamos en buscarnos, en anhelarnos, en desearnos el uno al otro?

—Yo había desesperado ya de encontrarte...



—No, pues si hubieses desesperado de ello te habrías quitado la vida.

—Es verdad.

—Y yo habría hecho lo mismo.

—Pero ahora, Eleuteria, de hoy en adelante...

—¡No hables del porvenir, Anastasio, bástenos el presente!

Los dos callaron. Por debajo del arroamiento que les embargaba sonaba extraño rumor de aguas de abismo sin fondo. No era alegría, no era gozo lo que sobrenadaba en la seriedad trágica que les envolvía.

—No pensemos en el porvenir—reanudo ella—ni en el pasado tampoco. Olvidémonos de uno y de otro. Nos hemos encontrado, hemos encontrado al Amor y basta. Y ahora, Anastasio, ¿qué me dices de los poetas?

—Que mienten, Eleuteria, que mienten; pero muy de otro modo que lo creía yo antes. Mienten, sí, el amor no es lo que ellos cantan...

—Tienes razón, Anastasio, ahora siento que el Amor no se canta.

Y siguió otro silencio, un silencio largo, en que, cogidos de las manos, estuvieron mirándose a los ojos y como buscándose en el fondo de ellos el secreto de sus destinos. Y luego empezaron a temblar.

—¿Tiemblas, Anastasio?

—¿Y también tú, Eleuteria?

—Sí, temblamos los dos.

—¿De qué?

—De felicidad.

—Es cosa terrible esta felicidad: no sé si podré resistirla.

—Mejor, porque eso querrá decir que es más fuerte que nosotros.

Encerráronse en un sórdido cuarto de una vulgarísima fonda. Pasó todo el día siguiente y parte del otro sin que dieran señal alguna de vida, hasta que, alarmado el fondista y sin obtener respuesta a sus llamadas, forzó la puerta. Encontráronles en el lecho, juntos, desnudos, y fijos y blancos como la nieve. El perito médico aseguró que no se trataba de suicidio, como así era en efecto, y que debían de haberse muerto del corazon.

—¿Pero los dos?—exclamó el fondista.

—¡Los dos!—contestó el médico.

—¡Entonces eso es contagioso...!—y se llevó la mano al lado izquierdo del pecho, donde suponía tener su corazón de fondista. Intentó ocultar el suceso, para no desacreditar su establecimiento, y acordó funigar el cuarto, por si acaso.

No pudieron ser identificados los cadáveres. Desde allí los llevaron al cementerio, y desnudos y juntos, como fueron hallados, echaronlos en una misma huesa y encima tierra. Sobre esta tierra ha crecido yerba y sobre la yerba llueve. Y es así el cielo, el que les llevó a la muerte, el único que sobre su tumba llora.

El fondista de Aliseda, reflexionando sobre aquel suceso increíble—nadie tiene más imaginación que la realidad, se decía—, llegó a una profunda conclusión de carácter médico legal, y es que se dijo: «¡Estas lunas de miel...! No se debía permitir que los cardiacos se casasen entre sí».



## Bonifacio

**B**onifacio vivió buscándose y murió sin haberse hallado: como el barón del cuento creía que tirándose de las orejas se sacaría del pozo.

Era un muchacho, por su desgracia, listo, empeñadísimo en ser original y parecer extravagante, hasta tal punto, que dejaba de hacer lo que hacían otros por la misma razón que éstos lo hacen: porque ven hacerlo. Empeñado en distinguirse de los hombres, no conseguía dejar de serlo.

Yo no quiero hacer ningún retrato; declaro que Bonifacio es un ser fantástico que vive en el mundo inteligible del buen Kant, una especie de quinto cielo; pero la verdad es que cada vez que pienso en Bonifacio siento angustia y se me oprime el pecho.

«¿Cuál será mi aptitud?», se preguntaba Bonifacio a solas.

Escribió versos y los rompió por no hallarlos bastante originales: éstos recordaban los de tal poeta, aquellos los de cual otro; le parecía cursi manifestarse

sentimental, más cursi aún romántico (¿qué quiere decir romántico?), mucho más cursi, escéptico, y soberanamente cursi, desesperado. Escribió unas copias irónicas, llenas de desdén hacia todo lo humano y lo divino, y leyéndolas un mes más tarde las rompió, diciéndose: «¡Vaya una hipocresía!, pero si yo no soy así». Luego escribió otras tiernísimas en que hablaba del hogar, de su familia, de su rincón natal, cosa de arrancar lágrimas a un canto, y las rompió también: «Sosadas, sosadas, ¡esto es música celestial!».

¡Pobre Bonifacio! Cada mañana la luz hacía brotar de su mente un pensamiento nuevo, que moría poco más o menos a la hora en que muere el sol.

Bonifacio era muy alegre entre sus amigos; a solas se empeñaba en ser triste, se tiraba con furia de las orejas, pero, ¡como si no!, siempre tranquilizaba la superficie del pozo y él metido allí.

Había empezado a leer muchos libros para acabar muy pocos; le gustaba más soñar que leer. A todo escritor le reprochaba que aún le faltaba algo, evidentemente, le faltaba algo...; se parecía a otros y esto es horrible.

¿Cuál será mi aptitud? Esto era su eterno tormento. Empezó a construir un nuevo sistema filosófico, y ya casi terminado, echó de ver que todo lo que él decía lo habían ya dicho otros, e hizo trizas aquellos pliegos llenos de remiendos, borrones y añadidos.

No hubo ramo del conocimiento humano en que no se ensayase, pero todos, absolutamente todos, ¡habían sido ya tan sobados...! ¡Había que trabajar tanto para espigar cosas tan viejas! Luego hay una horrible fatalidad: toda verdad descubierta se hace trivial.

¿Quién demonio daría con una verdad que eternamente chocara a los hombres?

Bonifacio tenía buen fondo; pero él se obstinaba en buscarse en la forma. Se le había puesto en la cabeza que llegaría a ser hombre célebre: la cuestión era dar con el camino. El hogar, la familia, las dichas íntimas... ¡Bah!, vulgaridades que acababan por aburrir.

A fuerza de espolear a los nervios conseguía horas noturnas de tristeza, se entregaba a pensamientos lúgubres que el viento fresco de la calle arrebatada como nubes.

Cuando hablaba, se olvidaba de su papel y sacaba su alma a escena: un alma sencilla y cándida, vulgarísima de puro humana.

Bonifacio amaba, pero con un amor mortificante, nada original. Cualquier amor de cualquier héroe de cualquier novelucha se parecía al suyo. La mujer es un estorbo; evidentemente corre más quien sólo se lleva a sí mismo a cuestras que quien se lleva con su mujer. Platón, Santo Tomás, Descartes, Kant, fueron solteros; esto le desazonaba al pobre.

Su mayor tormento era tener que trabajar para vivir. Resulta además que el vivir es tan vulgar y rutinario como el trabajar.

Una vez íbamos de paseo a la caída de la tarde; el pobre hombre, desahogándose, yo, mordiendo una hoja de zarza.

—En esta vida no queda tiempo más que para vivir —me decía.

Yo le miraba con extrañeza y temor; instintivamente me aparté un poco de él.

—Mira —seguí—, unas veces soy alegre, otras triste; yo no veo las cosas ni claras ni oscuras; pero me falta

58

Miguel de Unamuno

algo, yo no sé lo que me pasa, pero algo me pasa. Dices que estoy chiflado, que todas estas cosas no pasan de fantasías, que soy muy raro —al decir esto le brillaban los ojos de gusto—. Todos los majaderos me desdeñan, y como soy bueno, me veo obligado a tragar la hiel que destila mi hígado.

¡Pobre Bonifacio! No digo yo que se echó a llorar, porque sería mentir; yo no le vi llorar, pero ignoro si se tragó las lágrimas; se han dado casos de personas que por no entregar algún papelillo secreto se lo han tragado, y digerido, que es peor.

Algunos días estaba tan alegre que, francamente, me parecía que había conseguido sacarse del pozo: una alegría rarísima, extrahumana.

Bonifacio no era pesimista, Bonifacio no era optimista, Bonifacio no era nada, nada quería ser, ni sabía lo que quería. ¡Pobre Bonifacio!

El quería ser algo que llamara la atención, no sabía bien qué.

¿Para qué continuar un cuento tan viejo?

Cójanle ustedes a Bonifacio, denle unos cuantos martillazos por aquí y por allí, móldénle hasta que se pliegue a las exigencias de la realidad, y díganme en conciencia si han conocido a Bonifacio.

Me falta hablar del fin de Bonifacio.

Respecto a éste corren dos tradiciones igualmente atendibles.

Según la una, Bonifacio acabó como había empezado, siempre el mismo, siempre buscándose y nunca hallado; acabó como las nubes de verano: mientras vivió hizo sombra, y cuando murió siguió alumbrando el sol su sitio vacío.

Bonifacio

59

Según otra tradición, Bonifacio, golpe aquí, golpe allí, se fue redondeando, se casó, tuvo hijos, y cuando fue padre halló la originalidad tan buscada, que, con ser tan común, es la más rara. Sus últimas palabras fueron: «Conque padíos, hijos míos!».

Aún hay otras tradiciones, porque éstas son como los hongos; pero en todas ellas el fondo de verdad está exornado por mil retozos y añadiduras.



## Las tribulaciones de Susin

A Juan Arzadun

**L**a fresca hermosura del cielo que envolvía árboles verdes y pájaros cantores alegraba a Susin, entretenido en construir fortificaciones con arcilla, mientras la niña, haciendo muchos gestos, reía las bromas de un asistente.

Susin se levantó del suelo en que estaba sentado, se limpió en el trajeito nuevo las manos embarradas, y contempló su obra viendo que era buena. Dentro de la trinchera circular quedaba un espacio a modo de barrero que estaba pidiendo algo, y Susin, alzando las sayas, llenó de orina el recinto cercado. Entonces le ocurrió ir a buscar un abejorro o cualquier otro bicho para enseñarle a nadar.

Tendiendo por el campo la vista, vio a lo lejos brillar algo en el suelo, algo que parecía una estrella que se hubiera caído de noche con el rocío. ¡Cosa más bonita! Olvidado del estanquecillo, obra de sus manos y su meada, fuese a la estrella caída. De repente, según a ella se acercaba, desapareció la estrella. O se la había

60

Las tribulaciones de Susin

61

tragado la tierra, o se había derretido, o el Coco se la había llevado. Llegó al árbol junto al cual había brillado la añagaza, y no vio en él más que guijarros, y entre ellos un cachito de vidrio.

¡Qué hermosa mañana! Susin bebía luz con los ojos y aire del cielo azul con el pecho.

¡Allí sí que había árboles! ¡Aquello era mundo y no la calle oscura preñada de peligros, por donde a todas horas discurren caballos, carros, buyes, perros, chicos malos y alguaciles!

Mudo Susin de pronto de color, le flaguearon las piernecillas y un nudo de angustia le apretó el gazañete. Un perro... un perro sentado que le miraba con sus ojizos abiertos, un perrazo negro, muy negro y muy grande. Si hubiera pasado por su calle, habríale amenazado desde el portal con un palo; pero estaba en medio del campo, que es de los perros y no de los niños.

No le quitaba ojo el perro, que levantándose empezó a acercarse a Susin, a quien el terror no dio tiempo de pensar en la huida. Rehecho un poco echó a correr, mas con tan mala suerte que, tropezando, cayó de bruces. Cayó y no lloró, quedándose pegado al suelo... ¿Llorar? ¿Y si le oía el perro, que acaso no era más que el Coco que se lleva a los niños llorones, disfrazado? Se le acercó el perrazo y le olió. Sin alentar apenas, y con un ojo entreabierto, vio Susin, bailándole el corazón-cillo, que el perro se alejaba lentamente y que allá, muy lejos, sacudía con majestad sus negros lomos con la cola negra.

Susin se levantó, y mirando en derredor viose solo en la inmensa soledad; el sol picaba su cabecita rubia

y le saludaban los árboles. Y allí cerca brillaba el agua de un charco al reflejo del sol.

Olvidió al perro, como había olvidado al estanquecillo, obra de sus manos, y a la estrella caída, y se acercó al charco, cuya superficie limpia y clara parecía el rostro sereno, pero triste, de un charco muerto a que había que animar. Cogió una chinita, la arrojó al agua, y entonces el charco se echó a reír, perdiéndose su risa suavemente en el barizal de las orillas. ¡Qué bonitos círculos! Empezó a subir el legamo del fondo y a enturbiarse el charco, y entonces, cogiendo Susín un palo y agachándose, mejoró el agua. ¡Y cómo se enturbiaba!

Levantose Susín, metió un pieccecito en el agua y empezó a chapotearla. ¡Qué bonito! ¡Cómo se reía el charco de que se le enfangara y de ensuciar al niño!

Al sentir éste la humedad que, atravesando las botitas, le refrescaba el pie, la conciencia de estar haciendo una cosa fea le hizo volver la cabeza. Dio un grito y se arrojó a un árbol, quedándose en el pegado y sin saber dónde esconder los pies. ¡Oh, si hubiera podido trepar como los chicos grandes y esconderse en las ramas altas, donde se esconden los abejorros! Pero de una cornada podía haber derribado el árbol la vaca.

Era una vaca colosal, cuyo cuerpo casi cubía el cielo y cuya sombra se extendía por la tierra desmesurada y fantástica. Avanzaba lentamente, recreándose en la angustia de su víctima, que se tapó los ojos para que la vaca no le viera, y a punto de arrojarse al suelo y gritar: «¡No, no lo haré más!». La vaca, avanzando, pasó de largo. Susín se despegó del árbol y miró en derredor. ¿Dónde estaba?

Sentía cosquilleo en el estómago, pues es cosa sabida que las impresiones fuertes aceleran la vida y debilitan el cuerpo, y que hasta los grillos recién muertos resucitan entre lechuga.

Entonces Susín se dio cuenta de su situación, miró atónito al largo camino, a los castaños corpulentos, a la tierra solitaria y al sol imperturbable, clavado en el cielo azul. ¿Y la chacha?

De cuando en cuando pasaba algún hombre y casi ningún señor. Hombres, hombres todos, y ¡qué hombres!, todos feos, con mucha barba y ningún parecido a papá. Uno le miró mucho, y esos hombres que miran mucho son los peores, los del saco. Sintió angustia mortal al verse perdido en el mundo, a merced de los chicos malos que llaman «madre» a su mamá, de los perros grandes y de las grandes vacas, y no estaba allí papá para pegarle. El soplo del Coco heló a Susín el alma, que temblaba como las hojas del árbol, sintiendo al Coco presente en todas partes, agazapado tras de los árboles, acurrucado bajo las piedras, oculto bajo tierra, caminando a su espalda. Rompió a llorar, y a través de las lágrimas vio que en el campo deshecho en bruma se le acercaba un hombre.

Un hombre... pero, ¡qué hombre! Miróle con la atención del espanto, recogiendo su alma helada en un rincón del corazón. ¡No era un hombre, era peor que un hombre, era un alguacil!

El alguacil se le acercaba poco a poco como el perro negro y la vaca grande; pero ni se alejó ni pasó de largo. Abriendo Susín tanto los ojos que apenas veía, sintió que una manaza se posaba en su manecita, y se vio perdido y sin poder llorar.



—No llores, chiquito; no llores, que no te hago nada. ¡Qué malo es el Coco! ¡Qué malo es el Coco cuando usa ironía alguacilesca!

—Ven, ven conmigo; vamos a buscar a papá.

El cielo se le abrió al niño con el milagro, porque lo era, un verdadero milagro, el que un alguacil tuviera voz tan suave, inflexiones en ella tan tiernas, tono tan acariciador. ¡Si parecía un papá, aquel alguacil! Su mano no oprimía y su paso se acomodaba al del niño, que se sentía entonces al amparo de un alto personaje, de un Coco bueno.

—Dime, ¿de quién eres?

—De papá.

—¿Y quién es tu papá?

—Papá.

—Pero ¿qué papá, hijo mío?

—El de mamá.

El ministro de justicia se sonrió, porque también él era de su mujer. Singular pregunta para el niño, ¿quién es tu papá? ¡Como si hubiera más de uno!

—¿Dónde vives?

—En casa.

—¿Y dónde está tu casa?

—En casa de papá.

El alguacil renunció al interrogatorio, quedándose perplejo; porque sin interrogatorio ¿cómo se averiguan las cosas?

Acababan de serenarse los ojos de Susín y le invadía toda la dulzura del aire del cielo cuando vio venir a la niñera amenazadora, peligro patente y claro, nada fantástico. Asió entonces el niño con sus dos manecitas el pantalón del alguacil, ocultando su cabecita ru-

bia entre las piernas de éste. Hubiérase achicado hasta poder entrar en el bolsillo de aquel sagrado pantalón.

La voz del alguacil sonó armoniosísima, diciendo: «No hagas caso, no te harán nada». Y luego, más grave: «Déjele usted, que no tiene él la culpa».

De manos del alguacil pasó a los brazos de la criada, y al alejarse miraba a aquél por si seguía protegiéndole con la mirada. Mas apenas perdieron de vista al Coco bueno, sintió Susín en el trasero la mano de la niñera.

—¡Chiquillo! No te tengo dicho que no te vayas de mi lado... Ya te daré yo... Buen rato me has hecho pasar... Yo, como una loca, busca que te busca, y tú...

El niño lloraba de una manera lastimosa; aquello no era el Coco, pero sí una buena azotina. Y lloraba tanto que, impacientada la niñera, empezó a besarle y decirle:

—No seas tonto, no ha sido nada, no llores, Susín... Vamos, calla, ya sabes que a papá no le gustan los niños llorones... Callate... mira, voy a comprarte un caramelo, si callas...

Susín calló para chupar el caramelo.

Cuando poco después vio las paredes de su casa y se sintió fuerte al arrimo de su padre, renováronse las heridas, sintió el diente del perro, el cuerno de la vaca y la mano de la niñera y rompió a llorar. ¡Qué dulce le sonó la voz de papá riñendo a la chacha! Tomóle luego en brazos su padre, apoyó Susín su mejilla ardiente sobre el pecho protector y bajó el sueño a derretir sus penas.

¡Qué hermoso es llegar al puerto empapado en agua de tempestad!

**¡Cosas de franceses!**  
(Un cuento disparatado)

**E**s cosa sabida que nuestros vecinos los franceses son incorregibles cuando en nosotros se ocupan, pues lo mismo es en ellos meterse a hablar de España que meter la pata.

A las innumerables pruebas de este aserto añade el lector el siguiente cuento que da un francés por muy característico de las cosas de España, y que, traducido al pie de la letra, dice así:

Don Pérez era un hidalgo castellano dedicado en cuerpo y alma a la ciencia y a quien tenían por modestísimo sus compatriotas.

Pasábase las noches de claro en claro y los días de turbio en turbio, enfrascado en el estudio de un importante problema de química, que para provecho y gloria de su España con honra había de conducirlo al descubrimiento de un nuevo explosivo que dejara inservibles cuantos hasta hoy se han inventado.

66

**¡Cosas de franceses!**

67

El lector que se figure que nuestro don Pérez no sabía del laboratorio manipulando en él retortas, alambiques, reactivos, crisoles y precipitados dará muestras de no conocer las cosas de España.

Un hidalgo español no puede descender a manejos de droguería y entender de tan rastroso modo la excel-situd de la ciencia, que por algo ha sido España plantel de teólogos.

Don Pérez se pasaba las horas muertas como dicen los españoles, delante de un encerado devanándose los sesos y trazando fórmulas y más fórmulas para dar con la deseada. De ningún modo quería manchar sus investigaciones con las impurezas de la realidad, recordaba el paso aquel en que los villanos gallegos apedrearon a Don Quijote y no quería que hicieran lo mismo con él los hechos. Debaba a los Sancho Panzas de la ciencia el mandil y el laboratorio, reservándose la exploración de la cima de Montesinos.

Quede él proceder por tanteos para los que viven en tinieblas y no han nacido, como la inmensa mayoría de los españoles, en posesión de la verdad absoluta o la han dado perder por su soberbia.

Al cabo de tanta brega dio don Pérez con la deseada fórmula y el día en que ésta se hizo pública fue de regocijo en toda España. Hubo colgaduras, cohetes, gigantones, y sobre todo combates de toros. Las charangas alegraban las calles de las ciudades tocando el himno de Riego.

Las Cortes decretaron coronar de laurel en el Capitolio de Madrid a don Pérez, así que hiciera volar el peñón de Gibraltar con todos sus ingleses o cuando menos la gran montaña del Retiro de Madrid.

Adornando las paredes de zapaterías y barberías de los pueblos y en no pocos hogares aparecía entre números de *La Lidia* el retrato de don Pérez, junto al de Ruiz Zorrilla unas veces y al del pretendiente don Carlos otras. A un nuevo aguardiente anísado le bautizaron con el nombre de «Anísado explosivo Pérez».

No faltaron, sin embargo, Sanchos y socarrones bachilleres que trataban de echar jarros de agua fría al popular entusiasmo; pero desde que aparecieron en los periódicos escritos del eminente geómetra don López y del no menos eminente teólogo don Rodríguez rompiendo lanzas a favor del nuevo explosivo Pérez, los descontentos se redujeron al silencio público y a la lima sorda.

Llegó el día de la prueba. Todo estaba dispuesto para hacer volar una colinilla situada en las llanuras de la Mancha, y no faltaron animosos creyentes que se comprometieron a dar fuego a la mecha en compañía de don Pérez.

Cuando la mecha empezó a arder, estalló un formidable ¡olé!, ¡olé! de la multitud, que desde lejos contemplaba la prueba y algunos palidecieron.

Y cuando el fuego llegó al explosivo se oyó un ruido semejante a un trueno, se levantó una gran polvareda, y al disiparse ésta apareció la figura de don Pérez radiante de esplendor. La multitud le aclamó frenética, dio vivas a su madre y a su gracia, y le llevaron en brazos como sacan a don Frascuelo de la plaza cuando mata un toro según las reglas de la metafísica taumomáquica. Y por todas partes no se oía más que: ¡Olé! ¡Viva España con honor!

Los periódicos hicieron su agosto.

Unos aseguraban que el cerro se había hecho polvo, otros mostraban cicatrices de golpes que recibieron de los pedazos en que se deshizo; pero algunos días después se aseguraba que unos pastores habían visto el cerro en el mismo sitio que antes, y cuando se confirmó esta noticia se levantó la gran polvareda de indignación popular.

Era imposible el caso, el cerro tenía que haber volado, porque eran infalibles las fórmulas del encerrado de don Pérez.

Era una mano aleve que había mojado el explosivo, la mano de un maligno encantador enemigo de don Pérez y envidioso de su fama.

Este encantador, sucediendo el caso en España, ya se sabe cuál tenía que ser, el Gobierno.

La opinión pública se pronunció contra éste en los cafés y las tertulias, y los periódicos hicieron resaltar la desatentada conducta del maligno encantador que se empeñaba en vivir divorciado de la opinión pública, tan perita en química como es en España, sobre todo después de ilustrada por el eminente geómetra don López y el no menos eminente teólogo don Rodríguez.

En aquella campaña se recordó a Colón, a Cisneros, a Miguel Servet, a los tercios de Flandes, el Salado, Lepanto, Otumba y Wad-Ras, los teólogos de Trento y el valor de la infantería española, que con él hizo vana la ciencia del gran capitán del siglo. Con tal motivo se insistió una vez más en la falta de patriotismo de aquellos que no querían más que lo extranjero habiendo mejor en casa y se recordó al pobre don Fernández, arrinconado y desconocido en su in-



70

Miguel de Unamuno

grata patria y celebradísimo fuera de ella, el pobre don Fernández, cuyos libros en España tenían que tomarnos las corporaciones mientras eran traducidos a todos los idiomas cultos incluso el japonés y el bajo bretón.

El pobre don Pérez, perseguido por follones malandrines, trató de vindicar la honra de España, y como se proponía demostrar la eficacia del explosivo, con el que había de volar a Gibraltar y desmembrar al Gobierno, le presentaron candidato a la Diputación a Cortes. Las Cortes son la academia en que se reúnen a discutir todos los sabios de España, asamblea que, siguiendo las gloriosas tradiciones de los Concilios de Toledo, hace a pluma y a pelo, ya de Congreso político, ya de Concilio, en que se discienden problemas teológicos, como sucedió allá por el 69.

En cuanto los admiradores de don Pérez presentaron su candidatura, el eminente torreador don Señorito, viviente ejemplo del consorcio de las armas con las letras, sintió arder su sangre, y al salir de un combate de toros en que arrebató al público estoqueando seis colombinos con la más castiza filosofía, se fue a un mitin y volvió a arrebatarse con un discurso en favor de la candidatura de don Pérez.

Solo en la pintoresca España se ven cosas semejantes. Después de brindar por la patria desplegó don Señorito el trapo, dio un pase a España con honra, otro de pecho a Gibraltar y sus ingleses, uno de mérito a don Pérez, sostuvo una lucidísima brega, aunque algo baliada, acerca de la importancia y carácter de la quimica, y, por fin, remató la suerte dando al Gobierno una estocada hasta los gavianes.

¡Cosas de franceses!

71

El público gritaba ¡olé, tu salero!, y pedía que dieran al tribuno la oreja del bicho, uniendo en sus vitores los nombres de don Pérez y don Señorito.

Allí estaba también el gran organizador de las ovaciones, el Barnum español, el populatísimo empresario don Carrascal, que se proponía llevar en una *tournee* por España al sabio don Pérez como se había llevado ya al gran poeta nacional.

El buen don Pérez se dejaba hacer traído y llevado por sus admiradores, sin saber en qué había de acabar todo aquello.

Pero ni la elocuencia tribunicia del torreador don Señorito, ni la actividad del populatísimo don Carrascal, ni la protección del gran político don Encinas, movieron al Gobierno español, que siguió comiendo el turrón a dos carrillos y sordo a las voces del pueblo, según es su costumbre.

¡Y todavía sigue en pie el peñón de Gibraltar con sus ingleses!

Convergamos en que sólo un francés es capaz, después de ensartar tal cúmulo de disparates, sobre todo el de presentarnos un torero de tribuno en favor de la candidatura a diputado de un sabio, sólo un francés, decimos, es capaz de dar tal cuento como característico de las cosas de España. ¡Cosas de franceses!

Pero, señores, ¿cuándo aprenderán a conocernos nuestros vecinos, por lo menos tanto como nosotros nos conocemos?

**El misterio de iniquidad**  
O sea los Pérez y los López

**J**uan pertenecía a la familia Pérez, rica y liberal desde los tiempos de Alvarez Mendizábal. Desde muy niño había oído hablar de los carlistas con encono mal contenido. Se los imaginaba bichos raros, y tenía de ellos una idea del mismo género a que pertenece la vulgar del judío. Gente taciturna, de cara torcida, afictada o con grandes barbas negras y alborotadas, largos chaquetones negros, parcos de palabras y tomadores de rapé. Se reunían de noche en las lonjas húmedas, entre los sacos fantásticos de un almacén lleno de ratas para tramar allí cosas horribles.

Con los años cambiaron de forma en su imaginación estas fantasmas, y se los imaginó gente taimada, que en paz prepara a la sordina guerras y que sólo se surte de las tiendas de los suyos.

Cuando se hizo hombre se dispieron de su mente estas disparatadas brumas matinales y vio en ellos gente de una opinión opinable, puesto que es opinada, fanáticos que, so capa de religión, etc. Es excusado

72

El misterio de iniquidad

73

enjañar aquí la letanía de sandeces salpicada de epítetos podridos que es de rigor entre anticarlistas.

En la familia Pérez había vieja inquina contra la familia carlista López. Un Pérez y un López habían sido socios en un tiempo; hubo entre ellos algo de eso cuyo recuerdo se entierra en las familias; este algo engendró chismes, y la sucesión continua de pequeñas injurias diarias, saludos negados, murmuraciones, miradas procaces, chinchorrias, en fin, engendraron un odio duro.

La familia Pérez, aunque liberal, era tan piadosa como la familia López. Oían misa al día, comulgaban al mes, figuraban en varias congregaciones, gastaban escapularios. Eran irreprochables.

Nuestro Juan Pérez se había nutrido de estos sentimientos, a los que añadía alguna instrucción, ni mucha ni muy variada. Su afición mayor eran las matemáticas.

Así estaban las cosas cuando empezó a sonar en este mundo el famosísimo aforismo «el liberalismo es pecado», frase portentosa. ¡Pecado! La elección de esta palabra es una obra maestra, pues cualquier otra que se empleara, error, herejía, impiedad, crimen, o dicen más o menos, y así o no llegan al blanco o pasan de él.

Nuestro Pérez tomó esto a poca cosa, como un artículo indigno salido de las lonjas húmedas donde se reunían los fantasmas del chaquetón. Un artículo que la casualidad llevó a sus manos le abrió el apetito. Leyó el áureo libro del eximio Sardá, se aficionó a los artículos del Hermano Mayor, a las cartas del Martillo de protestantes y liberales, y empezó a preocuparse de esa doctrina neandá, que bajo nombre de liberalismo



74

Miguel de Unamuno

infiltra en la sociedad como veneno sus miasmas deletéreos. Lo nefando y deletéreo sobre todo le producía cosquillas en las sienes.

Estudió la lucha entre mestizos y puros, y se sabía de pe a pa las decisiones del Índice y los viajes de don Celestino. Se dedicó a leer los periódicos puros, y con fruición de espíritu anémico tragaba artículos inacabables, siempre sobre lo mismo, siempre en el mismo estilo y con los epítetos consagrados siempre. Aguzó su espíritu en las argucias imperceptibles, en los juegos malabares de distincionzuelas y en los pequeños logogrifos de conceptillos.

A todo esto llegó la encíclica *Libertas* y con ella las briosas predicaciones en contra de ese conjunto de todas las herejías y la campaña contra los liberales, imitadores de Lucifer, cuyo es aquel grito: ¡no serviré!

Muchas veces, al anochecer, en la iglesia, quedaba sentado en un banco, meditando. Poco a poco sus ideas perdían los contornos hasta que se convertían en una nube, y, entonces, al oír dar al reloj las nueve, salía de la quietud del templo al bullicio de la calle.

Empezó a sentir desazón en su alma. Una noche volvió del sermón a casa y le zumbaba en la cabeza el famoso aforismo. No podía entrar con que él fuera más pecador que un adúltero o un asesino, y la cosa estaba bien clara, porque pecar contra la fe, directamente contra Dios, no dándole crédito, es peor que pecar por carambola; la soberbia es más satánica que la ira o la lujuria. Aquella noche no pudo pegar ojo, resudando mil veces en la cama, se levantó a beber agua del jarro de la jofaina, cerraba los ojos con violencia poniéndose a contar hasta ciento cincuenta, ni por esas;

El misterio de iniquidad

75

nada, siempre en el campo oscuro bailando la sentenciación. Así hubiera pasado toda la noche si a eso de las cuatro, con la fatiga que venció al insomnio, no hubiera iluminado su mente esta idea de paz: salvo los casos de ignorancia y de buena fe. Se durmió diciendo: Dios me perdonará porque no sé lo que me pienso.

Juan Pérez recobró aparente calma, considerándose caso de ignorancia o de buena fe.

Pero... veámoslo: la ignorancia vencible, ¿no es pecado? Empezó a bucear en su alma si era él caso de ignorancia o de buena fe, o era todo ello argucias del enemigo malo. ¡Cuesta tanto crucificar al hombre viejo! Dale que le das le volvieron los insomnios.

Así estaba el pobre. Volvió a leer el áureo libro del eximio Sarda, la encíclica *Libertas*, y empezó a estudiar lo que la maestra de la gente entiende por liberalismo en sus varios grados y matices, y por liberales, imitadores, etc. Una tarde, a la hora en que se acuesta el sol en cama de oro, y cuando volvía Juan Pérez de paseo por una estrada, mordiendo un brote de zarzamora, se le ocurrió preguntarse: ¿soy yo acaso liberal, imitador, etc.? Y descubrió sin asombro, como cosa olvidada de puro sabida, que nunca había sido liberal. Recobró calma: no era liberal, pero tampoco carlista. ¡Carcunda como los López, ¡jamás! ¡Los del chaquetón! Debajo de sus ideas yacían siempre los espectros de su infancia.

No era liberal, pero le quedaba el nombre. ¡Qué cosa tan terrible es el nombre! Es el pulpo de la inteligencia. A sus padres les llamaron y se llamaron ellos a sí mismos liberales. ¡Perder el apellido porque otros lo hayan difamado! El nombre se aterraba a él porque

Satanás sabe que la piel es lo último que se deja, y que por la piel se pierden muchos. Mi liberal, cerró ojos y oídos al terrible nombre, a la palabra misteriosa, que es lo que fue en principio.

En la vida interior de Juan Pérez vino otro período de prueba. ¿Basta en el siglo de la lucha verla como mero espectador? ¿Basta desertar de las banderas de Bebiat? La timidez, ¿no es pecado?

El resultado fue que Juan Pérez se hizo tradicionalista, carlista no; abrió en todos sus grados y matices la secta deletérea que jamás había profesado, y se apartó de los liberales, imitadores de Lucifer, cuyo es aquel grito, ¡no serviré! Estudió los errores nefandos que constituyen ese abominable compendio de todas las herejías y aborreció, sobre todo, los infames contubernios de los hijos de la luz con los de las tinieblas; le picó un prurito de ergotista curiosidad por conocer el bien y el mal, y leyó obras de liberales para conocer de cerca el cáncer de nuestra sociedad.

Refresquemos la sequedad de este relato.

Carmencia era una buena muchacha, celebrada por todas las viejas y con los bolsillos sonantes, condiciones que explican por qué Juan Pérez y un López, convencidos ambos de que no está bien que el hombre esté solo y que no es bueno quemarse, la persiguieran con buen fin. Este López, de carlista se había hecho íntegro, íntegro de cabeza, leal de sangre, porque toda otra distinción no pasa de válvula de seguridad en un cerebro henchido de verdad absoluta.

No se sabe cómo fue que López quitó el partido a Pérez y casó con la chica de los cuartos. Juan Pérez pasó malos días y peores noches; pero al cabo bendijo

los inescrutables designios de la Divina Providencia y en nada disminuyó su amistad para con López, a quien había sacrificado rencorillos de familia en aras de la comunidad de doctrinas.

Juan Pérez, cuando se había creído liberal, maldito si sabía lo que es el liberalismo; pero ya purificado estaba al dedillo de los pestilentes errores de la nefanda secta y había leído a los corifeos de la impiedad y a algunos alemanes traducidos. El enemigo malo a las veces le tentaba, el conocimiento del mal le daba vértigos y oía como canto de sirena engañadora el silbo maléfico de la serpiente infernal.

El demonio le tentaba, y cuanto más se hundía su imaginación en el ergotismo laberíntico, su inteligencia, corrompida por el pecado original, más se levantaba en alas de la soberbia. Satanás le levantaba ofreciéndole un mundo nuevo de ideas nuevas si rendido le adoraba. Empezaba a empacharse de la dulce virtud de humillarse ante la letra y a desconocer que Dios escogió lo necio y lo flaco del mundo para avergonzar a los sabios y a los fuertes. Hay que añadir que por este tiempo Juan Pérez se dedicaba a la gimnasia y bebía los vientos por una muchacha casquivana y pobre.

Llegó el estallido. Sucedió que un día de primavera, en cierta reunión, departan amigablemente, entre otros varios, nuestros Pérez y López acerca de una carta del Martillo y comentaban el tiroleo entre íntegros y leales. Repetían por centésima vez el mismo chiste, escudriñaban la cuarta intención de cosas sin la primera, repetían argumentos que siempre con los mismos collares se leen empotrados en seis o siete columnas de prosa prensada, cuando trabaron discusión



78

Miguel de Unamuno

Juan Pérez y Pedro López sobre el mayor o menor grado y matiz de liberalismo de sus opiniones respecto a un punto concreto.

Es de saber que en este desdichado siglo de las luces y de los derechos del hombre, el virus pestilente del liberalismo lo inficiona todo de tal manera con sus miasmas deletéreos que circula hasta en las raíces del integrismo más puro. Es uno de los mayores tormentos del hombre puro examinar despacio cada idea que se le ocurra antes de manifestarla y ponerla en cuarentena hasta ver qué grado y matiz de liberalismo puede tener. ¡Oh siglo infeliz!

Llegó la discusión del Pérez y el López a agriarse a punto que intervenían los amigos, teniendo un mal remate. Pérez ardía, tenía la cara roja, el corazón palpitante, se sofocaba, y la sangre, inficionada del pecado original, le traía los espectros de su niñez, la imagen estumada de los chaquetones negros en las lonjas húmedas, el rencor heredado y mamado, frases de sus padres que no entendió al oírlos, miradas de los López, miserias de vecindad con vaho de patio, narraciones de hazñas de cristinos, los ojos de buey de Carmencia que le miraban, y se le removía el légamo del corazón que Dios le había endurecido, se le dislocaba el cerebro, y sobre todo este nubarrón confuso, que como viento de tempestad arrastraba la cólera, vela brillar la fatal sentencia. Sintió un nudo en la garganta y ganas de estrangular a López cuando oyó que este le gritaba:

—¡Quítese usted de ahí, so liberal!

Juan Pérez estalló:

—¡Sí, sí y sí! ¡Liberal y a mucha honra! Liberal fui, soy y seré, liberal en todos sus grados y matices, imita-

El misterio de iniquidad

79

dor de Lucifer, cuyo es aquel grito: ¡No serviré! ¡No, no serviré!, y si es pecado..., ¡que lo sea!

No sabía lo que se decía, pero ni en el delirio de la cólera olvidó la fraseología.

Salió soplando, y aquella noche se le repitieron los insomnios.

Había roto la cáscara, descendía la pendiente, le faltó la gracia eficaz y empezó en su espíritu un trabajo de demolición. Había probado el fruto y acabó por ser liberal a ciencia y conciencia. ¡Mala cosa es ser sabio en opinión propia; se debe esperar más del necio! ¡Ay de los que son sabios a sus propios ojos!

La doctrina rompió la ignorancia; el conocimiento del pecado trajo horror a él, y la sangre liberal, pecado original de los Pérez desde los tiempos de Álvarez Mendizábal, entronizó la carne sobre el espíritu. No conoció el pecado, sino por la ley; no hubiera conocido el liberalismo si la ley no le dijera: el liberalismo es pecado. El pecado, tomando ocasión de mandamiento, renovó en él la rebeldía de la sangre, porque sintió la ley el pecado estaba muerto. Juan Pérez vivió sin ley en algún tiempo, mas cuando vino el mandamiento revivió el pecado; el mandamiento que da la vida le dio muerte, porque el pecado, con ocasión del mandamiento, le engañó y mató. La ley es espiritual, pero nosotros somos carnales.

El misterio de iniquidad se había cumplido: la sangre y Álvarez Mendizábal la habían consumado. ¡Y aún habrá quien se obstine en negar que el liberalismo es pecado y pecado de los mayores, y los liberales imitadores, etc.! ¡Miserable y corrompida carne de Adán! ¿Quién nos librará de este cuerpo de muerte?

### El semejante

**C**omo todos huían de Celestino el tonto, tomándolo cuando más de dominguillo con que divertirse, el pobrecito evitaba a la gente paseándose solo por el campo solitario, sumido en lo que le rodeaba, asistiendo sin conciencia de sí al desfile de cuanto se le ponía por delante. Celestino el tonto sí que vivía *dentro* del mundo como en útero materno, entretejiendo con realidades frescas sueños infantiles, para él tan reales como aquellas, en una niñez estancada, apegada al cálido-copio vivo como a la placenta el feto, y como éste ignorante de sí. Su alma lo abarcaba todo en pura sencillez; todo era estado de su conciencia. Se iba por la mayor soledad de las alamedas del río, riéndose de los chapuzones de los patos, de los vuelos cortos de los pájaros, de los revoltosos trezados de las parejas de mariposas. Una de sus mayores diversiones era ver dar la vuelta a un escarabajo a quien pusiera patas arriba en el suelo. Lo único que le inquietaba era la presencia del enemigo, del hombre. Al acercársele alguno le miraba de

80

El semejante

81

vez en vez con una sonrisa en que quería decirle: «No me hagas nada, que no voy a hacerte mal»; y cuando le tenía próximo, bajo aquella mirada de indiferencia y sin amor, bajaba la vista al suelo, deseando achicarse al tamaño de una hormiga. Si algún conocido le decía al encontrarle: «¡Hola, Celestino!», inclinaba con mansedumbre la cabeza y sonreía esperando el pescocón. En cuanto veía a lo lejos chiclelos, apretaba el paso; les tenía horror justificado: eran lo peor de los hombres.

Una mañana topó Celestino con otro solitario paseante, y al cruzarse con él y, como de costumbre, sonreírle, vio en la cara ajena el reflejo de su sonrisa propia, un saludo de inteligencia. Y al volver la cabeza, luego que hubieron cruzado, vio que también el otro la tenía vuelta, y tomaron a sonreírse uno a otro. Debía de ser un semejante. Todo aquel día estuvo Celestino más alegre que de costumbre, lleno del calor que le dejó en el alma el eco aquel que de su sencillez le había devuelto, por rostro humano, el mundo.

A la mañana siguiente se afrontaron de nuevo en el momento en que un gorrion, metiendo mucha bulla, fue a posarse en un mimbre cercano. Celestino se lo señaló al otro, y dijo riéndose:

—¡Qué pájaro..., es un gorrion!

—¡Es verdad, es un gorrion—contestó el otro soltando la risa.

Y excitados mutuamente se rieron a más y mejor: primero, del pájaro que les hacía coro chillando; luego, de que se reían. Y así quedaron amigos los dos imbeciles, al aire libre y bajo el cielo de Dios.

—¿Quién eres?

—Pepe.

—Y yo Celestino.

—Celestino... Celestino... —gritó el otro, rompiendo a reír con toda su alma—. Celestino el tonto... Celestino el tonto...

—Y tú Pepe el tonto —replicó con viveza y amoscado Celestino.

—¡Es verdad, Pepe el tonto y Celestino el tonto!...

Y acabaron por retirarse a toda gana los dos tontos de su tontería, tragándose al hacerlo bocanadas de aire libre. Su risa se perdía en la alameda, confundida con las voces todas del campo, como una de tantas.

Desde aquel día de risa juntábanse a diario para pasearse juntos, comulgar en impresiones, señalándose mutuamente lo primero que Dios les ponía por delante, viviendo *dentro* del mundo, prestandose calor y fomento como mellizos que coparticipan de una misma matriz.

—Hoy hace calor.

—Sí, hace calor, es verdad que hace calor...

—En este tiempo suele hacer calor...

—Es verdad, suele hacer calor en este tiempo... ¡jijí... y en invierno frío.

Y así seguitan sintiéndose semejantes y gorzando en descubrir a todos momentos lo que creenos tenorio para todos ellos descubierta los que lo hemos cristalizado en conceptos abstractos y metido en encaillado logico. Era para ellos siempre nuevo todo bajo el sol, toda impresión fresca, y el mundo una creación perpetua y sin segunda intención alguna. ¡Qué ruidosa explosión de alegría la de Pepe cuando vio lo del escarabajo patas arriba! Cogió un canto en la exaltación

de su gozo para desahogarlo espachurrando al bichillo, pero Celestino se lo impidió diciéndole:

—No, no es malo...

La imbecilidad de Pepe no era, como la de su nuevo amigo, congénita e invariable, sino adventicia y progresiva, debida a un reblandecimiento de los sesos. Celestino lo conoció, aunque sin darse de ello cuenta; percibió confusamente el principio de lo que les diferenciaba en el fondo de semejanza, y de esta observación inconciente, soterrada en las honduras tenebrosas de su alma virgen, brotó en él un amor al pobre Pepe, a la vez de hermano, de padre y de madre. Cuando a veces se quedaba su amigo dormido a orilla del río, Celestino, sentido a su vera, le ahuyentaba las moscas y abejorros, echaba piedras a los remansos para que se callasen las ranas, cuidaba de que las hormigas no subieran a la cara del dormido, y miraba con inquietud a un lado y otro por si venía algún hombre. Y al divisar chiclelos le latía el pecho con violencia y se acercaba más a su amigo, metiéndose piedras en los bolsillos. Cuando en la cara del durmiente vagaba una sonrisa, Celestino sonreía soñando el mundo que le encerraba.

Por las calles corrían los chiclelos a la paría gritando:

*¡Tonto con tonto,  
tontos dos veces!*

Un día en que llegó un granuja hasta pegar al enfermo, despertase en Celestino un instinto hasta entonces en él dormido, corrió tras el chiclelo y le haró de



Pescozones y sopapos. La patulea, irritada y alborozada a la vez por la impresumible rebelión del tonto, la comprendió con la pareja, y Celestino, escuchando al otro, se defendió heroicamente a bofetos y patadas hasta que llegó un alguacil a poner a los chicleos en fuga. Y el alguacil rependió al tonto... ¡Hombre al cabo!

En el progreso de su idiotez llegó Pepe a entorpecerse de tal modo de sentidos que se limitaba a repetir entre dientes, soñoliento, lo que su amigo iba señalándole, según desfilaba como truchimán de cosmonrama.

Un día no vio Celestino el tonto a su pobre amigo y anduvo buscándole de sitio en sitio, mirando con odio a los chicleos y sonriendo más que nunca a los hombres. Oyó al cabo decir que había muerto como un pajarito, y aunque no entendió bien eso de muerto, sintió algo como hambre espiritual, cogió un canto, metiéndoselo en el bolsillo, se fue a la iglesia a que le llevaban a misa, se arrodilló ante un Cristo, sentándose luego en los talones, y después de persignarse varias veces al vapor repetía:

—¿Quién le ha matado? Dime quién le ha matado... Y recordando vagamente a la vista del Cristo, que un día allí, sin quitarle ojo, había oído en un sermón que aquel crucificado resucitaba muertos, exclamó:

—¡Resucítale! ¡Resucítale!

Al salir le rodeó una tropa de chicleos: uno le tiraba de la chaqueta, otro le derribó el sombrero, alguno le escupió, y le preguntaban: «¿Y el otro tonto?». Celestino, recogéndose en sí mismo, perdió aquel fugitivo coraje, hijo del amor, y murmurando: «Pillos, pillos, repillos..., canallas..., éstos le han matado..., pillos»,

soltó el canto y apretó el paso para ponerse en su casa a salvo.

Cuando paseaba de nuevo solo por las alamedas, orilla del río, las oleadas de impresiones frescas, que cual sangre espiritual recibía como de placenta del campo libre, venían a agruparse y tomar vida en torno a la vaga y penumbrosa imagen del rostro sonriente de su amigo dormido. Así humanizó la naturaleza antropomorfizándola a su manera, en pura sencillez e inocencia; vertía en sus formas frescas, cual sustancia de vida, la ternura paterno-maternal que al contacto de un semejante había en el brotado, y sin darse de ello cuenta vislumbró vagamente a Dios, que desde el cielo le sonreía con sonrisa de semejante humano.



## Solitude

**S**olitude nasceu da morte de sua mãe; já Leopoldo cantou que é risco de morte o nascimento,

*nascé l'uomo a fatica  
ed è rischio di morte il nascimento,*

risco de morte para o que nasce, risco de morte para quem le dá o ser.

A pobre Amparo, la madre de Soledad, había llevado en sus cinco años de casada una vida penumbrosa y calladamente trágica. Su marido era impenetrable y parecía insensible. No sabía la pobre cómo se había casado; se encontró ligada por matrimonio a aquel hombre como quien despierta de un sueño. Su vida toda de soltera se perdía en una lejana brumosa, y cuando pensaba en ella se acordaba de sí misma, de la que fue antes de casarse, como de una persona extraña. No podía saber si su marido la quería o la detestaba. Se detenía en casa no más que para comer y dor-

86

Solitude

87

mi, para todo lo animal de la vida; trabajaba fuera, hablaba fuera, se distraía fuera. Jamás dirigió a su pobre mujer una palabra más alta o más agria que otra; jamás la contrarió en nada. Cuando ella, la pobre Amparo, le preguntaba algo, consultaba su parecer, obtenía de él invariablemente la misma respuesta: «¡Bueno, sí, déjame en paz, como tú quieras!». Y este insistente «¡como tú quieras!» llegaba al corazón de la pobre Amparo, un corazón enfermo, como un agudo puñal. «¡Como tú quieras!» —pensaba la pobre—; es decir, que mi voluntad no merece ni siquiera ser contradicha». Y luego el «¡déjame en paz!», ese terrible «¡déjame en paz!» que amarga tantos hogares. En el de Amparo, en el que debía ser hogar de Amparo, esa terrible y agorosa paz lo entenebrecía todo.

Al año de casada tuvo Amparo un hijo; pero en el triste desamparo de su hogar ceniciento ansiaba una hija. «¡Un hijo! —pensaba— ¡Un hombre! ¡Los hombres siempre tienen que hacer fuera de casa!» Y así, cuando volvió a quedar encinta, no soñaba sino en la hija. Y habría de llamarse Soledad. La pobre cayó en cama gravemente enferma. Su corazón desfallecía por momentos. Comprendió que no vivía sino para dar a luz su hija, hasta ponerla en el hogar tenebroso. Llamó a su marido y dijo: «Mira, Pedro, si, como espero, es hija, le pondrás por nombre Soledad, ¿eh?» «Bueno, bien —respondió él—, tiempo habrá de pensar en ello», y pensaba que aquel día, con aquello del parto, iba a perder su partida de dominó. «¡Es que yo me muero, Pedro, es que no voy a poder resistir esto», añadió. «¡Apreñoneses!», replicó él. «¡Sea —contestó Amparo—; pero si sale niña, la llamaréis Soledad, ¿eh?»

«¡Bueno, sí, déjame en paz; como tú quieras!», concluyó él.

Y le dejó en paz para siempre. Después de haber dado a luz a su hija sólo tuvo tiempo para percatarse de que era niña. Y sus últimas palabras fueron: «¡Soledad, eh, Pedro? ¡Soledad!».

El hombre quedó suspenso y se habría anonadado si fuera él algo. ¡Visto, a su edad, y con dos hijos pequeños! ¿Quién le cuidaría ahora la casa? ¿Quién se los criaría? Porque hasta que la niña se hiciese mayor, ella y pudiera encargarse de las llaves y el gobierno... ¡Y cómo volver a casarse! No, no volvería a hacerlo. Ya sabía lo que era estar casado, ¡si lo hubiese sabido antes! Eso no le resolvería nada. No, decididamente no, no volvería a casarse.

Hizo que llevaran a Soledad a un pueblo, a criarla fuera de casa. No quería molestias de niños e imperitencias de nodrizas. Harto tenía con el otro, con Pedrín, el niño de tres años ya.

Soledad apenas se acordaba de los primeros años de su infancia. Allí, en la lejanía, sus últimos recuerdos eran los de aquel hogar hosco y centicento y aquel padre herético, aquel hombre que conía junto a ella en la mesa y a quien veía un momento al levantarse y otro momento al ir a acostarse. Y aquellos besos litúrgicos, forzados. La única compañía era Pedrín, su hermano. Pero Pedrín jugaba con ella en el más estricto sentido, es decir, que no jugaba en compañía de ella, sino que jugaba con ella como se juega con una muñeca. Ella, Soledad, solita, era su juguete. Y era, como hombre que había de ser, un bruto. Como eran sus puños más fuertes, quería tener siempre razón. «Vo-

sotras, las mujeres, no servís para nada. ¡Los que mandan son los hombres!», le dijo una vez.

Era Soledad una naturaleza exquisitamente receptiva, un genio de sensibilidad. Se da con frecuencia en las mujeres este genio de la receptividad, que, como nada produce, se extingue sin que nadie lo haya conocido. Al principio acudió Soledad llorosa y herida en lo más vivo a su padre, a la esfinge, demandando justicia; pero el inflexible varón le contestaba secamente:

«¡Bueno, bien, déjame en paz! ¡Daos un beso y cuidadlo con que esto se repita!». Así creía arreglarlo, quitándole de encima la molestia. Y acabó ello porque Soledad no volvió a quejarse a su padre de las brutalidades de su hermano, y lo soportó todo en silencio, dejando a aquél en paz y evitando los fraternales besos de humillación.

Fue espesándose y entenebreciéndose la tristeza céntrica de su hogar. Sólo descansaba en el colegio, en el que la metió su padre como medio pensionista para quitársela así más tiempo de encima. Allí, en el colegio, supo que sus compañeras todas tenían o habían tenido madre. Y un día, a la hora de cenar, se atrevió a molestar a su padre preguntándole: «¡Dí, papá, ¿he tenido yo madre?». «¡Vaya una pregunta —respondió el hombre—, todos hemos tenido madre; ¿por qué lo preguntas?». «¿Y dónde está mi madre, papá?». «Se murió cuando tú naciste». «¡Ay, qué pena!». Prorrumpió Soledad. Y entonces el padre rompió por un momento su salvaje taciturnidad. Le dijo cómo su madre se había llamado Amparo y le enseñó un retrato de la difunta. «¡Qué guapa era!», exclamó la niña. Y el padre añadió: «¡Sí, pero no tanto como tú!». En esta exclamación



mación, que se le escapó, iba el fondo de una de sus petulantías; creía que el ser su hija más guapa que la madre se lo debía a él. «Y tú, Pedrín—dijo Soledad a su hermano, animada por aquel fugitivo rescoldillo de hogar—, ¿te acuerdas tú de ella?» «Y cómo me he de acordar si cuando murió no tenía yo más de tres años!» «Pues yo en tu caso me acordaría», fue la respuesta de la niña. «Claro, las mujeres sois más listas!», exclamó el hombrerito en ciernes. «No, pero sabemos recordar mejor.» «Bueno, bueno, no digas tonterías y déjame en paz.» Y se acabó el coloquio de aquella noche memorable en que Soledad supo que había tenido madre.

Y tanto dio en pensar en ella que casi la recordó. Pobló su soledad con ensueños maternos.

Fueron corriendo los años, todos iguales, todos cenicientos y tristes en aquel hogar apagado. El padre no envejecía ni podía envejecer. A las mismas horas hacía todos los días las mismas cosas, con una regularidad mecánica. Y el hermano empezó a disiparse, a dar que hablar en el pueblo. Hasta que desapareció de él; Soledad no supo adónde. Quedaron padre e hija solos, solos y separados; viviendo, es decir, comiendo y durmiendo bajo el mismo techo.

Por fin pareció que un día se le abrierá el cielo a Soledad. Un gallardo mozo, que desde hacía algún tiempo la devoraba con los ojos cuando la veía en la calle, se dirigió a ella solicitando ser admitido a prueba como novio. La pobre Soledad vio que se le abría la vida, y aunque con unos ciertos presentimientos que en vano quería rechazar de sí, lo admitió. Y fue como una primavera.

Empezó Soledad a vivir, empezó más bien a nacer. Descubriósele el sentido de muchas cosas que hasta entonces no lo tuvieron para ella; empezó a entender mucho que oyó a sus maestras y a sus compañeras de colegio, mucho que había leído. Todo parecía cantar dentro de ella. Pero a la vez descubrió toda la horrrura de su hogar, y si no hubiera sido por la imagen, siempre en ella presente, de su novio, se habría arrojado allí junto a aquel hombre granítico.

Fue un verdadero deslumbramiento aquel noviazgo para la pobre Soledad. Y el padre parecía no haberse enterado de nada o no querer enterarse: ni la más leve alusión de su parte. Si al salir de casa cruzaba con el novio de su hija que se acercaba a la reja, a las horas de sabroso coloquio, hacía como que no se enteraba. La pobre Soledad tuvo más de una vez intención de insinuar algo a su padre en la mesa, a la hora de cenar; pero las palabras se le cuajaban en la boca antes de salir. Y calló, siguió callando.

Empezó Soledad a leer en libros que le traía su novio; empezó, gracias a él, a conocer el mundo. Y aquel joven no parecía hombre. Era cariñoso, alegre, abierto, irónico y hasta la contradecía a las veces. De su padre, del padre de ella, no le habló nunca.

Fue la iniciación en la vida y fue el sueño del hogar. Soledad empezó, en efecto, a soñar lo que sería un hogar; a entrever lo que eran los hogares, los verdaderos hogares de sus compañeras que lo tenían. Y este conocimiento, este sentimiento más bien, acreció en ella el horror a la madriguera en que vivía.

Y de repente, un día, cuando menos lo esperaba, vino el hundimiento. Su novio, que hacía un mes esta-

92

Miguel de Unamuno

ba ausente, le escribió una larga carta muy llena de expresiones de cariño, muy atambicadas, muy tortuosas, en que a vueltas de mil protestas de afecto le decía que aquellas sus relaciones no podían continuar. Y acababa con esta frase terrible: «Acaso llegue algún día otro que te pueda hacer feliz mejor que yo». Soledad sintió un tenebroso frío que le envolvía el alma y toda la brutalidad, toda la indecible brutalidad del hombre, es decir, del varón, del macho. Pero se contuvo devorando en silencio y con ojos enjutos su humillación y su dolor. No quería aparecer débil ante su padre, ante la esfinge.

¿Por qué? ¿Por qué la había dejado su novio? ¿Es que se había cansado de ella? ¿Por qué? ¿Es que puede un hombre cansarse de amar? ¿Cabe cansarse de amar? No, no, es que nunca la había querido. Y ella, la pobre Soledad, sedienta de amor desde que naciera, comprendió que no la había querido nunca aquel otro hombre. Y se hundió en sí misma, refugándose en el culto a su madre, en el culto a la Virgen. Y no lloró porque su dolor no era de lágrimas; era un dolor seco y ardiente.

Una noche, a la hora de cenar, la esfinge paternal abrió la boca para decir: «¿Qué? ¿Según parece se ha acabado ya eso?». Y Soledad sintió como si le atravesasen el corazón con una espada de hielo. Se levantó de la mesa, se fue a su cuarto, y exclamando: ¡madre mía!, cayó en un espasmo-convulsivo. Y desde entonces el mundo le supo a vacío.

Y pasaron dos años y una mañana se encontraron muerto en su cama al padre, a don Pedro. El corazón se le había parado. Y su hija, sola ahora en el mundo, no le lloró.

Soledad

93

Quedó sola Soledad, enteramente sola. Y para que su soledad fuese mayor vendió cuantas fincas le dejó su padre, realizó una modestísima fortuna, y se fue a vivir lejos, muy lejos, donde nadie la conociera y donde ella a nadie conociera.

Y ésta es esa Soledad, hoy ya casi anciana, esa mujercita sencilla y noble que veis todas las tardes ir a tomar el sol a orillas del río, esa mujercita misteriosa de la que no se sabe ni de dónde vino ni de dónde es. Ésa es la solitaria caritativa que en silencio remedia las necesidades ajenas que conoce y puede remediar; ésa es la buena mujercita a la que alguna vez se le escapa uno de esos dichos amargos, delatores del desconuelo encallecido.

Nadie sabía su historia y se llegó a propagar la leyenda de una terrible tragedia en ella. Pero, como veis, no hay en su vida tragedia alguna representable, sino a lo más esta tragedia vulgar, vulgarísima, irrepresentable, callada, que tantas vidas humanas destroza: la tragedia de la soledad.

Sólo se recuerda que hace unos años vino en busca de Soledad un hombre avejentado, de prematura decrepitud, encorvado como bajo el peso del vicio, y a los pocos días de llegar murió en casa de la mujercita. «¡Era mi hermano!». Es lo único que a ésta se le oyó.

¿Y ahora comprendéis lo que es la soledad en un alma de mujer y de mujer sedienta de cariño y hambrienta de hogar? El hombre tiene en nuestras sociedades campos en que distraer su soledad; pero una mujer que no quiere encerrarse en un convento, ¿qué ha de hacer solitaria entre nosotros?

Esa pobre mujercita, a la que veis vagar a orillas del río, sin fin ni objeto, ha sentido toda la enorme brutalidad del egoísmo animal del hombre. ¿Qué piensa? ¿Para qué vive? ¿Qué lejiana esperanza la mantiene?

He tramado relación, no digo amistad, con Soledad y he procurado sonsacarle su sentimiento total de la vida y del destino, lo que alguien llamaría su filosofía. Hasta hoy poco o nada he conseguido, mas espero conseguirlo. Todo lo que he logrado es saber su historia, la que os acabo de contar. Fuera de esto no le oído sino reflexiones llenas de buen sentido, pero de un buen sentido frío y al parecer rastro. Es mujer de extraordinaria cultura de libros porque ha leído mucho y de una gran clarividencia. Pero lo que es sobre todo es extremadamente sensible a las groserías y brutalidades de toda clase. Vive así, solitaria y retraída, por no sufrir los empujones de la brutalidad humana.

De nosotros, los hombres, tiene una singular idea. Cuando le he sacado la conversación al respecto de los hombres, se ha limitado a exclamar: «¡Pobrecillos!». Parece que nos compadece como quien compadeciera a un cangrejo. Me ha prometido hablarme alguna vez de los hombres y del magno, del máximo, del supremo problema de la relación entre hombre y mujer. «No de la relación sexual —me dijo—, ¿eh?, entienda usted bien, no de eso, sino de la relación general entre hombre y mujer, lo mismo que sean madre e hijo, hija y padre, hermana y hermano, amiga y amigo, respectivamente, como que sean marido y mujer, novio y novia o amantes; lo importante, lo capital, es la relación general, es cómo ha de sentir un hombre a una

mujer, sea su madre, su hija, su hermana, su mujer o su querida, y cómo ha de sentir una mujer a un hombre, sea su padre, su hijo, su hermano, su marido o su amante.» Y espero el día en que Soledad me hable de esto.

Una vez hablé con ella de esa profusión de libros eróticos con que ahora nos inundan, porque con la buena Soledad se puede hablar de todo cuidando de no herirla. Cuando le saqué esa conversación me miró inquisitivamente con sus grandes ojos claros, ojos eternamente juveniles, y con una sombra de sonrisa sobre su boca me preguntó: «Diga usted, ¿usted comenrât? ¿No es así?». «¡Claro que como!», respondí sorprendido por la pregunta. «Pues bien, si a usted que come le sorprendiera leyendo un libro de cocina ¿pudiese yo mandar, le enviaría a la cocina a fregar las cacerolas.» Y no dijo más.



## Al correr los años

*Eheu, fugaces, Postume,  
Postume, Labuntur anni...*  
HORACIO, *Odas* II, 14

**E**l lugar común de la filosofía moral y de la lírica que con más insistencia aparece, es el de cómo se va el tiempo, de cómo se hunden los años en la eternidad de lo pasado.

Todos los hombres descubren a cierta edad que se van haciendo viejos, así como descubrimos todos cada año –¡oh, portento de observación!– que empiezan a alargarse los días al entrar en una estación de él, y que al entrar en la opuesta, seis meses después, empiezan a acortarse.

Esto de cómo se va el tiempo sin remedio y de cómo en su andar lo deforma y trasforma todo, es meditación para los días todos del año, pero parece que los hombres hemos consagrado a ella en especial el último de él, y el primero del año siguiente, o cómo se viene el tiempo. Y se viene como se va, sin sentirlo. Y basta de perogrulladas.

¿Somos los mismos de hace dos, ocho, veinte años? Venga el cuento.

96

Al correr los años

97

Juan y Juana se casaron después de largo noviazgo, que les permitió conocerse, y más bien que conocerse, hacerse el uno al otro. Conocerse no, porque dos novios, lo que no se conocen en ocho días no se conocen tampoco en ocho años, y el tiempo no hace sino echarles sobre los ojos un velo –el denso velo del cariño– para que no se descubran mutuamente los defectos o, más bien, se los convierten a los encantados ojos en virtudes.

Juan y Juana se casaron después de un largo noviazgo y fue como continuación de éste su matrimonio.

La pasión se les quemó como mirra en los transportes de la luna de miel, y les quedó lo que entre las cenizas de la pasión queda y vale mucho más que ella: la ternura. Y la ternura en forma de sentimiento de la convivencia.

Siempre tardan los esposos en hacerse dos en una carne, como el Cristo dijo (Marcos X, 8). Mas cuando llegan a esto, coronación de la ternura de convivencia, la carne de la mujer no enciende la carne del hombre, aunque ésta de suyo se encienda; pero también, si cortan entonces la carne de ella, duélele a él como si la propia carne le cortasen. Y éste es el colmo de la convivencia, de vivir dos en uno y de una misma vida. Hasta el amor, el puro amor, acaba casi por desaparecer. Amar a la mujer propia se convierte en amarse a sí mismo, en amor propio, y esto está fuera de precepto; pues si se nos dijo «ama a tu prójimo como a ti mismo», es por suponer que cada uno, sin precepto, a sí mismo se ama.

Llegaron pronto Juan y Juana a la ternura de convivencia, para la que su largo noviazgo al matrimonio-

98

Miguel de Unamuno

nio les preparara. Y a las veces, por entre la tibieza de la ternura, asomaban llamarradas del calor de la pasión.

Y así corrían los días.

Corrían y Juan se amohinaba e impacientaba en sí al no observar señales del fruto esperado. ¡Sería él menos hombre que otros hombres a quienes por tan poco hombres tuvieran? Y no os sorprenda esta consideración de Juan, porque en su tierra, donde corre sangre semítica, hay un sentimiento demasiado carnal de la virilidad. Y secretamente, sin decirselo el uno al otro, Juan y Juana sentían cada uno cierto recelo hacia el otro, a quien culpaban de la presunta frustración de la esperanza matrimonial.

Por fin, un día Juana le dijo algo al oído a Juan —aunque estaban solos y muy lejos de toda otra persona, pero es que en casos tales se juega al secreto—, y el abrazo de Juan a Juana fue el más apretado y el más caluroso de cuantos abrazos hasta entonces le había dado. Por fin, la convivencia triunfaba hasta en la carne, trayendo a ella una nueva vida.

Y vino el primer hijo, la novedad, el milagro. A Juan le parecía casi imposible que aquello, salido de su mujer, viviese, y más de una noche, al volver a casa, incluyó su oído sobre la cabecita del niño, que en su cuna dormía, para oír si respiraba. Y se pasaba largos ratos con el libro abierto delante, mirando a Juana cómo daba la leche de su pecho a Juanito.

Y corrieron dos años y vino otro hijo, que fue hija —pero, señor, cuando se habla de masculinos y femeninos, ¿por qué se ha de aplicar a ambos aquel género y no éste?— y se llamó Juanita, y ya no le pareció a Juan,

Al correr los años

99

su padre, tan milagroso, aunque tan doloroso le tembló al dario a luz a Juana, su madre.

Y corrieron años, y vino otro, y luego otro, y más después otro, y Juan y Juana se fueron cargando de hijos. Y Juan sólo sabía el día del natalicio del primero, y en cuanto a los demás, ni siquiera hacía qué mes habían nacido. Pero Juana, su madre, como los contaba por dolores, podía situarlos en el tiempo. Porque siempre guardamos en la memoria mucho mejor las fechas de los dolores y desgracias que no las de los placeres y venturas. Los hitos de la vida son dolorosos más que placenteros.

Y en este correr de años y venir de hijos, Juana se había convertido de una doncella fresca y esbelta en una matrona otoñal cargada de carnes, acaso en exceso. Sus líneas se habían deformado en grande, la flor de la juventud se le había ajado. Era todavía hermosa, pero no era bonita ya. Y su hermosura era ya más para el corazón que para los ojos. Era una hermosura de recuerdos, no ya de esperanzas.

Y Juana fue notando que a su hombre Juan se le iba modificando el carácter según los años sobre él pasaban, y hasta la ternura de la convivencia se le iba entibiando. Cada vez eran más raras aquellas llamarradas de pasión que en los primeros años de hogar estallaban de cuando en cuando de entre los rescoldos de la ternura. Ya no quedaba sino ternura.

Y la ternura pura se confunde a las veces casi con el agradecimiento, y hasta confina con la piedad. Ya a Juana los besos de Juan, su hombre, le parecían, más que besos a su mujer, besos a la madre de sus hijos, besos empapados en gratitud por habérselos dado tan



100

Miguel de Unamuno

hermosos y buenos, besos empapados acaso en piedad por sentirla declinar en la vida. Y no hay amor verdadero y hondo, como era el amor de Juana a Juan, que se satisfaga con agradecimiento ni con piedad. El amor no quiere ser agradecido ni quiere ser compadecido. El amor quiere ser amado porque sí, y no por razón alguna, por noble que ésta sea.

Pero Juana tenía ojos y tenía espejo por una parte, y tenía, por otra, a sus hijos. Y tenía, además, fe en su marido, y respeto a él. Y tenía, sobre todo, la ternura que todo lo allana.

Mas creyó notar preocupado y mustio a su Juan, y a la vez que mustio y preocupado, excitado. Parecía como si una nueva juventud le agitara la sangre en las venas. Era como si al empezar su otoño, un veranillo de San Martín hiciera brotar en él flores tardías que habría de helar el invierno.

Juan estaba, sí, mustio; Juan buscaba la soledad; Juan parecía pensar en cosas lejanas cuando su Juana le hablaba de cerca; Juan andaba distraído. Juana dio en observarle y en meditar, mas con el corazón que con la cabeza, y acabó por descubrir lo que toda mujer acaba por descubrir siempre que fía la adquisición al corazón y no a la cabeza: descubrió que Juan andaba enamorado. No cabía duda alguna de ello.

Y redobló Juana de cariño y de ternura y abrazaba a su Juan como para defenderlo de una enemiga invisible, como para protegerlo de una mala tentación, de un pensamiento malo. Y Juan, medio adviniendo el sentido de aquellos abrazos de renovada pasión, se dejaba querer y redoblaba ternura, agradecimiento y piedad, hasta lograr reavivar la casi extinguida llama

Al correr los años

101

de la pasión que del todo es inextinguible. Y había entre Juan y Juana un secreto patente a ambos, un secreto en secreto confesado.

Y Juana empezó a acechar discretamente a su Juan buscando el objeto de la nueva pasión. Y no lo hallaba. ¿A quién, que no fuese ella, amaría Juan?

Hasta que un día, y cuando él y donde él, su Juan, menos lo sospechaba, lo sorprendió, sin que él se percatara de ello, besando un retrato. Y se retiró angustiada, pero resuelta a saber de quién era el retrato. Y fue desde aquel día una labor astuta, callada y paciente, siempre tras el misterioso retrato, guardándose la angustia, redoblando de pasión, de abrazos protectores.

¡Por fin! Por fin un día aquel hombre prevenido y cauto, aquel hombre tan astuto y tan sobre sí siempre, dejó —¿sería adrede?—, dejó al descuido la cartera en que guardaba el retrato. Y Juana, temblorosa, oyendo las llamadas de su propio corazón que le advertía, llena de curiosidad, de celos, de compasión, de miedo y de vergüenza, echó mano a la cartera. Allí, allí estaba el retrato: sí, era aquel, aquel, el mismo, lo recordaba bien. Ella no lo vio sino por el revés cuando su Juan lo besaba apasionado, pero aquel mismo revés, aquel mismo que estaba entonces viendo.

Se detuvo un momento, dejó la cartera, fue a la puerta, escuchó un rato y luego la cerró. Y agarró el retrato, le dio la vuelta y clavó en él los ojos.

Juana quedó atónita, pálida primero y encendida de rubor después; dos gruesas lágrimas rodaron de sus ojos al retrato y luego las empujó besándolo. Aquel retrato era un retrato de ella, de ella misma, sólo que...



102

Miguel de Unamuno

¡ay, Póstumo, cuán fugaces corren los años! Era un retrato de ella cuando tenía veintitrés años, meses antes de casarse, era un retrato que Juana dio a su Juan cuando eran novios.

Y ante el retrato resurgió a sus ojos todo aquel pasado de pasión, cuando Juan no tenía una sola cana y era ella esbelta y fresca como un pimpollo.

¿Sintió Juana celos de sí misma? O mejor, ¿sintió la Juana de los cuarenta y cinco años celos de la Juana de los veintitrés, de su otra Juana? No, sino que sintió compasión de sí misma, y con ella, ternura, y con la ternura, cariño.

Y tomó el retrato y se lo guardó en el seno.

Cuando Juan se encontró sin el retrato en la cartera, receló algo y se mostró inquieto.

Era una noche de invierno y Juan y Juana, acostados ya los hijos, se encontraban solos junto al fuego del hogar; Juan leía un libro; Juana hacía labor. De pronto Juana dijo a Juan:

—Oye, Juan, tengo algo que decirte.

—Dí, Juana, lo que quieras.

Como los enamorados, gustaban de repetirse uno a otro el nombre.

—Tú, Juan, guardas un secreto.

—¿Yo? ¡No!

—Te digo que sí, Juan.

—Te digo que no, Juana.

—Te lo he sorprendido, así es que no me lo niegues, Juan.

—Pues, si es así, descúbremelo.

Entonces Juana sacó el retrato, y alargándoselo a Juan, le dijo con lágrimas en la voz:

Al correr los años

103

—Anda, toma y bésalo, bésalo cuanto quieras, pero no a escondidas.

Juan se puso encarnado, y apenas repuesto de la emoción de sorpresa, tomó el retrato, lo echó al fuego y acercándose a Juana y tomándola en sus brazos y sentándola sobre sus rodillas, que temblaban, le dio un largo y apretado beso en la boca, un beso en que la plenitud de la ternura reloreó la pasión primera. Y sintiendo sobre sí el dulce peso de aquella fuente de vida, de donde habían para él brotado con nueve hijos más de veinte años de dicha reposada, le dijo:

—A él no, que es cosa muerta y lo muerto al fuego; a él no, sino a ti, a ti, mi Juana, mi vida, a ti que estás viva y me has dado vida, a ti.

Y Juana, temblando de amor sobre las rodillas de su Juan, se sintió volver a los veintitrés años, a los años del retrato que ardía calentándolos con su fuego.

Y la paz de la ternura sosegada volvió a reinar en el hogar de Juan y Juana.

## La beca

«Vuelva usted otro día...» «¡Veremos!» «Lo tendré en cuenta.» «Anda tan mal esto...» «Son ustedes tantos...» «¡Ha llegado usted tarde, y es lástima!» Con frases así se veía siempre despedido don Agustín, cesante perpetuo. Y no sabía imponerse ni importunar, aunque hubiese oído mil veces aquello de «pobre porfiado, saca mendrugo».

A solas hacía mil proyectos, y se armaba de coraje, y se prometía cantarle al lucero del alba las verdades del barquero; mas cuando veía unos ojos que le miraban, ya estaba engurrinándose el corazón. «¡Pero por qué será así, Dios mío!», se preguntaba, y seguía siendo así, como era, ya que sólo de tal modo podía ser el que era.

Y por debajo gustaba un extraño deleite en encontrarse sin colocación y sin saber donde encontraría el duro para el día siguiente. La libertad es mucho más dulce cuando se tiene el estómago vacío, digan lo que quieran los que no se han encontrado con la vida des-

104

## La beca

105

nuda. Estos sólo conocen las vestiduras de la vida, sus arcos, no la vida misma, pelada y desnuda.

El hijo, Agustínito, desmitrado y enteco, con unos ojillos que le bailaban en la cara pálida, era la misma pólvora. Las cazaba al vuelo.

—Es nuestra única esperanza —decía la madre, arrebuja en su mantón, una noche de invierno— que haga oposición a una beca, y tendremos las dos pesetas mientras estudie... ¡porque esto de vivir así, de caridad...! ¡Y qué caridad, Dios mío! ¡No, no creas que me quejo, no! Las señoras son muy buenas, pero...

—Sí, que, como dice Martín, en vez de ejercer caridad se dedican al deporte de la beneficencia.

—No, eso no; no es eso.

—Te lo he oído alguna vez, es que parece que al hacer caridad se proponen avergonzar al que la recibe. Ya ves lo que nos decía la lavandera al contarnos cuando les dieron de comer en Navidad y les servían las señoritas... «esas cosas que hacen las señoritas para sacarnos los colores a la cara...».

—Pero hombre...

—Sé franca y no tengas secretos conmigo. Comprendes que nos dan limosna para humillarnos...

En las noches de helada no tenían para calentarse ni aun el fuego de la cocina, pues no le encendían. Era el suyo un hogar apagado.

El niño lo comprendía todo y penetraba en el alcance todo de aquel continuo estribillo de «¡Aplicale, Agustínito, aplicale!».

Ruda fue la brega en las oposiciones a la beca; pero la obtuvo, y aquel día, entre lágrimas y besos, se encendió el fuego del hogar.

106

Miguel de Unamuno

A partir del día este del triunfo acentuase en don Agustín su vergüenza de ir a pretender puesto; aunque poco y mal, comían de lo que el hijo cobraba, y con algo más, trabajando el padre acá y allá de temporero, iban saliendo, mal que bien, del afán de cada día. ¿No se ha dicho lo de «bástete a cada día su cuidado», y no lo traducimos diciendo que «no por mucho madrugar amanece más temprano»? Y si no amanece más temprano por mucho madrugar, lo mejor es quedarse en la cama. La cama adormece las penas. Por algo los médicos dicen que el reposo lo cura todo.

—¡Agustín, los libros! ¡Los libros! ¡Mira que eres nuestro casi único sostén, que de ti depende todo... Dios te lo premie!—decía la madre.

Y Agustinito, ni comía, ni dormía, ni descansaba a su sabor; ¡siempre sobre los libros! Y así se iba envenenando el cuerpo y el espíritu: aquel, con malas digestiones y peores sueños, y éste, el espíritu, con cosas no menos indigeribles que sus profesores le obligaban a engullir. Tenía que comer lo que hubiera, y tenía que estudiar lo que le diese en el examen la calificación obligada para no perder la beca.

Solía quedarse dormido sobre los libros, a guisa éstos de almohada, y soñaba con las vacaciones eternas. Tenía que sacar además premios para ahorrar las matriculas del curso siguiente.

—Voy a ver a don Leopoldo, Agustinito; a decirle que necesitas el sobresaliente para poder seguir disfrutando la beca...

—No; no haga eso, madre, que es muy feo...

—¿Feo? ¡Ante la necesidad nada hay que sea feo, hijo mío!

La beca

107

—Pero si sacaré sobresaliente, madre; si lo sacaré.

—¿Y el premio?

—También el premio, madre.

—Dios te lo premie, hijo mío.

Hallábase obligado a sacar el premio, obligado, que es una cosa verdaderamente terrible.

—Mira, Agustinito, don Alfonso, el de Patología médica, está enfermo; debes ir a su casa a preguntar cómo sigue...

—No voy, madre; no quiero ser *pelotillero*.

—Ser ¿qué?

—¡Pelotillero!

—Bueno; no sé lo que es eso; pero te lo entiendo, y los pobres, hijo mío, tenemos que ser *pelotilleros*. Nada de aquello de «pobre, pero orgulloso», que es lo que más nos pierde a los españoles...

—Pues no voy.

—Bien; iré yo.

—No; tampoco irá usted.

—Bueno; no quieres que sea *pelotillero*... pues no iré; pero, hijo mío...

—Sacaré el sobresaliente, madre.

Y lo sacaba el desdichado; pero ¡a qué costal! Una vez no sacó más que notable y hubo que ver la cara que pusieron sus padres.

—Me tocaron tan malas lecciones...

—No, no, algo le has hecho...—dijo el padre.

Y la madre añadió:

—Ya te lo decía yo... Has descuidado mucho esa asignatura...

El mes de mayo le era terrible. Solía quedarse dormido sobre los libros, teniendo la cafetera al lado. Y la



108

Miguel de Unamuno

madre, que se levantaba solícita de la cama, iba a despertarle, y le decía:

—Basta por hoy, hijo mío; tampoco conviene abusar... Además, te rinde el sueño y se malgasta el petróleo. Y no estamos para eso.

Cayó enfermo y tuvo que guardar cama: le consumía la fiebre. Y los padres se alarmaron, se alarmaron del retraso que aquella enfermedad podía costarle en sus estudios; tal vez le durara la dolencia y no podría examinarse con seguridad de nota, y le quedaría el pago de la beca en suspenso.

El médico auguró a los padres que durara aquello, y los padres, angustiados, le preguntaban: «¿Pero podrá examinarse en junio?».

—Déjense de exámenes, que lo que este mozo necesita es comer mucho y estudiar poco, y aire, mucho aire...

—¡Comer mucho y estudiar poco! —exclamó la madre—; ¡pero, señor, si tiene que estudiar mucho para poder comer poco!...

—Es un caso de *surmenage*.

—De *sur* ¿qué?

—De *surmenage*, señora: de exceso de trabajo.

—¡Pobre hijo mío! —y rompió a llorar la madre—. ¡Es un santo..., un santo!

Y el santo fue reponiéndose, al parecer, y cuando pudo tenerse en pie pidió los libros, y la madre, al llevarse los, exclamó:

—¡Eres un santo, hijo mío!

Y a los tres días:

—Mira: hoy que está mejor tiempo puedes salir; vete a clase bien abrigado, ¿eh?, y dile a don Alfonso cómo has estado enfermo, y que te lo dispense...

La beca

109

Al volver de clase dijo:

—Me ha dicho don Alfonso que no vuelva hasta que esté del todo bien.

—Pero, ¿y el sobresaliente, hijo mío?

—Lo sacaré.

Y lo sacó, y vio las vacaciones, su único respiro. «¡Al campo!», había dicho el médico. ¿Al campo? ¿Y con qué dinero? Con dos pesetas no se hacen milagros. ¿Iba a privarse don Agustín, el padre, de su café diario, del único momento en que olvidaba penas? Alguna vez intentó dejarlo, pero el hijo modelo le decía:

—No, no; vete al café, padre; no lo dejes por mí; ya sabes que yo me paso con cualquier cosa...

Y no hubo campo, porque no pudo haberlo. No recostó el pobre mozo su cansado pecho sobre el pecho vivificante de la madre. Tierra: no restregó su vista en la verdura, que siempre vuelve, ni restregó su corazón en el olvido reconfortante.

Y volvió el curso, y con él la dura brega, y volvió a encarnar el becarío, y una mañana, según estudiaba, le dio un golpe de tos y se ensangrentaron las páginas del libro por el sitio en que se trataba de la tisis precisamente.

Y el pobre muchacho se quedó mirando al libro, a la mancha roja, y más allá de ella, al vacío, con los ojos fijos en él y el frío de la desesperación acoplada en el alma. Aquello le sacó a flor de alma la tristeza eterna, la tristeza trascendental, el hastío prenatal que duerme en el fondo de todos nosotros, y cuyo rumor dé cartomata tratamos de ahogar con el trajineo de la vida.

—Hay que dejar los libros en seguida —dijo el médico en cuanto le vio—; ¡pero en segundita!

—¡Dejar los libros! —exclamó don Agustín—. ¿Y con qué comemos?

—Trabaje usted.

—Pues si se les muere, por su cuenta...

Y el rudo de don José Antonio se saltó mormojando: «¡Vaya un crimen! Éste es un caso de antropofagia... estos padres se comen a su hijo».

Y se lo comieron, con ayuda de la tisis; se lo comieron poco a poco, gota a gota, adarme a adarme.

Se lo comieron vaciando entre la esperanza y el temor, amargándoles cada noche el sacrificio y recorrenzándolo cada mañana.

¿Y qué iban a hacer? El pobre padre andaba apesadumbrado, lleno de desesperación mansa. Y mientras revolvió el café con la cucharilla para derretir el terrón de azúcar se decía: «¡Qué amarga es la vida! ¡Qué miserable la sociedad! ¡Qué cochinos los hombres! Ahorra sólo nos faltaba que se nos muriera...». Y luego, en voz alta: «Mozo: ¡el *Vida Alegre*!».

Aun llegó el chico a licenciarse y tuvo el consuelo de firmar en el título, de firmar su sentencia de muerte con mano trémula y febril. Pidió luego un libro, una novela.

—¡Oh, los libros, siempre los libros! —exclamó la madre—. Déjalos ahora. ¿Para qué quieres saber tanto? ¡Déjalos!

—A buena hora, madre.

—Ahora a descansar un poco y a buscar un partido...

—¿Un partido?

—Sí, he hablado con don Félix, y me ha prometido recomendarte para Robleđa.

A los pocos días se iba Agustínito, para siempre, a las vacaciones inacabables, con el título bajo la almohada —fue un capricho suyo— y con un libro en la mano; se fue a las vacaciones eternas. Y sus padres le lloraron amargamente.

—Ahora, ahora que iba a empezar a vivir; ahora que nos iba a sacar de miserias; ahora... ¡Ay, Agustín, qué triste es la vida!

—Sí, muy triste —murmuró el padre, pensando que en una temporada no podría ir al café.

Y don José Antonio, el médico, me decía después de haberme contado el suceso: «Un crimen más, un crimen más de los padres... ¡Estoy harto de presenciarlos! Y luego nos vendrán con el derecho de los padres y el amor paternal... ¡Mentira!, ¡mentira!, ¡mentira! A las más de las muchachas que se pierden son sus madres quienes primero las vendieron... Esto entre los pobres, y se explica, aunque no se justifique. ¿Y los otros? No hace aún tres días que González García casó a su hija con un tísico perdido, muy rico, eso sí, con más pesetas que bacilos, ¡y cuidado que tiene una millonada de éstos!, y la casó a conciencia de que el novio está con un pie en la sepultura; entra en sus cálculos que se le muera el yerno, y luego el nieto que pueda tener, de meningitis o algo así, y luego... Y para este padre que se permite hablar de moralidad, ¿no hay grillete? Y ahora, este pobre chico, esta nueva víctima... Y seguíremos considerando al Estado como un hospicio, y vengán sobresalientes, y canibalismo... ¡canibalismo, sí, canibalismo! Se lo han comido y se lo han bebido; le han comido la carne, le han bebido la sangre... y a esto de comerse los padres a un hijo,

112

Miguel de Unamuno

¿cómo lo llamaremos, señor helenista? *Gonofagia*, ¿no es así? Sí; gonofagia, gonofagia, porque llamando a las cosas en griego pierden no poco del horror que pudieran tener. Recuerdo cuando me contó usted lo de los indios aquellos de que habla Heródoto, que sepultaban a sus padres en sus estómagos, comiéndoselos. La cosa es terrible; pero más terrible aún es lo de Saturno devorando a sus propios hijos, más terrible aún es el festín de Atreo. Porque el que uno se coma al pasado, sobre todo si ese pasado ha muerto, puede aún pasar, ¡pero esto de comerse al porvenir...!

»Y si usted observa, verá de cuántas maneras nos lo estamos comiendo, ahogando en germen los más hermosos brotes. Hubiera usted visto la triste mirada del pobre estudiante, aquellos ojos, que parecían mirar más allá de las cosas, a un incierto porvenir, siempre futuro y siempre triste, y luego aquel padre, a quien no le faltaba su café diario. Y hubiera visto su dolor al perder al hijo, dolor verdadero, sentido, sincero —no supongo otra cosa—; pero dolor que tenía debajo de su carácter animal, de instinto herido, algo de frío, de repulsivo, de triste. Y luego esos libros, esos condenados libros, que en vez de servir de pasto sirven de veneno a la inteligencia; esos malditos libros de texto, en que se suele enfurtir, todo lo más ramplón, todo lo más pedestre, todo lo más insufrible de la Ciencia, con desiguales mercantiles de ordinario...».

Calló el médico, y callé yo también. ¿Para qué hablar?

Pasado algún tiempo me dijeron que Teresa Martín, la hija de don Rulfo, se iba monja. Y al manifestar mi extrañeza por ello, me añadieron que había sido novia

La beca

113

de Agustín Pérez, el becarío, y que desde la muerte de éste se hallaba inconsolable.

Pensaba haberse casado en cuanto tuviera partido.

—¿Y los padres? —se me ocurrió argüir.

Y al contar yo luego al que me trajo esa noticia la manera como sus padres se lo habían comido, me replicó inhumanamente:

—¡Bah! De no haberle comido sus padres, habríale comido su novia.

—¿Pero es —exclamé entonces— que estamos condenados a ser comidos por uno o por otro?

—Sin duda —me replicó mi interlocutor, que es hombre aficionado a ingenuidades y paradojas—, sin duda, ya sabe usted aquello de que en este mundo no hay sino comerse a los demás o ser comido por ellos, aunque yo creo que todos comemos a los otros y ellos nos comen. Es un devoramiento mutuo.

—Entonces vivir solo —dije.

Y me replicó:

—No logrará usted nada, sino que se comerá a sí mismo, y esto es lo más terrible, porque al placer de devorarse se junta el dolor de ser devorado, y esta fusión en uno del placer y el dolor es la cosa más lúgubre que puede darse.

—Basta —le replicué.



### ¡Viva la introyección!

«Lo que nos hace falta, españoles, es la introyección, el más preciado, el más fecundo, el más santo de los derechos humanos. ¿Cómo podemos vivir sin él? Sin la libertad de introyección, todas las demás libertades nos resultarían baldías y hasta dañosas. Dañosas, sí, porque hay libertades que, faltando otras que las complementen, antes perjudican que benefician al hombre. ¿De qué nos sirven, en efecto, la libertad de asociación, la de imprenta, la de cultos, la de trabajo, la de vagancia y tantas otras libertades de que dicen gozamos, si la libertad de introyección nos falta? Sin esta imprescindible prerrogativa el sufragio universal y el Jurado se convierten en armas de la vergonzante tiranía que nos domina. Y no me digan, no, que tenemos la libertad de introspección, porque la introspección no es la introyección, como la autonomía no es la autarquía. Pongámonos, ante todo, de acuerdo en las palabras, llamemos a cada cosa por su nombre: al pan, pan, y al vino, vino, arquitrabe, al arquitrabe, intro-

114

¡Viva la introyección!

115

yección a la introyección y tiranía a este abigarrado conjunto de huertas e incompletas libertades en que se nos ahoga. La palabra, ¡oh, la palabra, señores, la palabra...!»

Al llegar a este punto de su elocuentísimo discurso, la palabra de Lucas Gómez fue ahogada en los nutridos aplausos del numeroso público que asista a la reunión. El hervor de los ánimos subió de punto y los ¡viva don Lucas Gómez! se confundieron con los vivas a la libertad de introyección.

Salto la gente convencida de cuán necesario es introyectionarse y de cómo los gobiernos que padecemos nos lo impiden. Empezaron los españoles a sentir hambre y sed de introyección.

Hay que tener en cuenta que esto ocurría hacia 1981, pues hoy, a fines de este tristísimo siglo XXI, una vez gastada la introyección en puro uso, no nos damos cuenta de los entusiasmos que entonces provocara.

El caso es que la agitación creció como la marea; formose una liga introyectionista, con su Directorio y sus delegaciones provinciales, poniendo así en aprieto al gobierno. En tan grave aprieto, que se vio forzado a dimitir, exigiendo la ola popular a los radicales, con el tácito pacto de implantar desde luego la libertad de introyección.

Mas sabido es lo que son y han sido siempre nuestros gobiernos: cuando no quieren, o no pueden, o no saben cumplir lo que la opinión pública les exige, lo falsean todo. Es hoy cosa averiguada como cierta, y que he podido comprobar revisando papeles de aquel tiempo, que alquilaron a un famoso sofista, cuyo



116

Miguel de Unamuno

nombre está en la memoria de todos mis lectores, para que desnaturalizara el popular movimiento. Como dato curioso podemos dar el de que los gastos, no pequeños, que el soñista costó al Gobierno, los justificó éste en la consignación del material como gastos para la refrigeración de las oficinas en aquel calurosísimo estío de 1982.

Nuestro soñista comenzó su campaña fingiéndose introyeccionista o introyectivo, como él se llamaba, para empezar así confundiendo a la gente sencilla. Y luego, después de establecer entre la introyección, la introspección, la introquisición y la introversión tales y tantas diferencias que nadie sabía lo que fuera cada una de estas tan importantes funciones, se preguntaba: «esta introyección ¿ha de ser psíquica o anímica; espontánea, reflexiva o reflejar; primaria o secundaria?». Y consiguió su maquiavélico proyecto, logrando que al poco tiempo se dividieran los introyeccionistas en psíquicos, anímicos, espontáneos, reflexivos, reflejos, primarios y secundarios, con multitud de matices, términos medios y términos combinados. Y allí nadie se entendía.

Mas no faltaron hombres animosos, avisados y entusiastas que denunciaran la vergonzosa labor del soñista introyectivo, pusieran al descubierto sus mezquinas mañas y tretas, y trataran de reparar en lo hacadero el desmedido daño que a la causa introyeccionista había hecho. Redactaron unas bases, creó que orgánicas —aunque de esto no estamos bien seguros—, para llevar a cabo la gran concentración introyeccionista, reduciendo a común fórmula a las distintas fracciones. Los menos reductibles entre sí fueron los reflexivos y

¡Viva la introyección!

117

los reflejos, entre los que mediaban hondísimas diferencias, consecuencia de las que separaban a sus respectivos jefes don Martín Fernández y L. Fernando Martínez, los primarios y los secundarios hacia tiempo ya que estaban fusionados bajo la común denominación de primo-secundarios, habiéndose adoptado ésta y no la de secundo-primarios, a cambio de que el jefe de los secundarios lo fuese de la fracción compuesta, porque en política todo es transacción.

Todos sabemos lo que ocurrió después; las empeñadísimas campañas de la concentración, los brillantísimos discursos de Lucas Gómez y el ansia loca de introyección que se encendió en los corazones españoles todos. Llegó a ser inútil la libertad de pensamiento, pues nadie pensaba más que en la introyección; inútil la libertad de enseñanza, ya que no pudiese hacerse introyectiva la enseñanza; inútil la de cultos si no cabía cultivar la introyección; inútil la de asociación desde el momento en que no era dado asociarse para introyeccionarse mutuamente; inútil la de trabajo si no se podía trabajar introyectivamente.

Y sucedió lo que no podía por menos de suceder, y es que llegó la revolución de 1989, y después de aquellas tres breves, aunque sangrientas jornadas del 5, 6 y 7 de febrero, triunfó el introyeccionismo, empuñando Lucas Gómez las riendas del Estado.

Lo primero que el Gobierno revolucionario hizo fue proclamar a los cuatro vientos la libertad de introyección. Y sucedió entonces lo que era de esperar, y fue que mientras se renovaban las empeñadas peleas entre psíquicos, anímicos, espontáneos, reflejos, reflexivos, primarios y secundarios, lo que entonces se

118

Miguel de Unamuno

llamaba masa neutra, y la sociología moderna llama plasma sociogerminalivo, sintió una extraña sensación colectiva, se miraron unos a otros en los ojos sus miembros componentes, y se preguntaron luego con curiosidad y asombro: Y ahora bien, ¿qué es eso de la introyección y con qué se come?

Hoy no necesitamos hacernos tal pregunta; la dolorosa experiencia del último tercio del siglo XX, hasta que ocurrió la salvadora conjugación hispanomarroquí –de que hablaremos otro día–, nos enseñó, bien a nuestro pesar, lo que la introyección sea y signifique.

